



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CURSO DE ARQUEOLOGIA



**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
ARQUEOLOGIA/PRESENCIAL**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CURSO DE ARQUEOLOGIA



**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
ARQUEOLOGIA/PRESENCIAL**

Projeto Pedagógico do Curso de
Arqueologia
Universidade Federal do Piauí
campus Ministro Petrônio Portella, no
município de Teresina – Piauí, a ser
implementado/implantado em 2024.1.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

REITOR

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

VICE-REITOR

Prof. Dr. Viriato Campelo

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Prof. Dr. Luís Carlos Sales

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Prof.^a Dr.^a. Evangelina da Silva Sousa

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Sousa Gomes

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Júnior

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Regilda Saraiva dos Reis Moreira Araújo

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof.^a Dr.^a Deborah Dettmam Matos

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS

Prof.^a Dr.^a Mônica Arrivabene

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Sousa Gomes

Pró-Reitora de Ensino de Graduação - PREG

Prof.^a Dr.^a Silvana Santiago da Rocha

Coordenadora Geral de Graduação - CGRAD

Prof.^a MSc. M.^a Maria Rosália Ribeiro Brandim

Coordenadora Geral de Estágio - CGE

Prof. MSc. Francisco Newton Freitas

Coordenador de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular - CDAC

Prof. Dr. Leomá Albuquerque Matos

Diretor de Administração Acadêmica – DAA

Prof.^a Dr.^a Rosa Lina Gomes do N. Pereira da Silva

Coordenadora de Administração Acadêmica Complementar - CAAC

Prof. MSc. Maycon Silva Santos

Coordenador de Seleção e Programas Especiais - CSPE

M.^a Ana Caroline Moura Teixeira

Assessora da Pró-Reitoria

CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CURSO DE ARQUEOLOGIA

DIRETOR

Prof. Dr. Edmilson Miranda de Moura

VICE-DIRETOR

Prof. Dr. João Benvindo de Moura

COORDENADORA DO CURSO

Prof.^a Dr.^a Jóina Freitas Borges

SUBCOORDENADOR DO CURSO

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa

COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO

Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento
Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa
Prof.^a Dr.^a Claudia Minervina Souza Cunha
Prof.^a Dr.^a Elaine Ignácio
Prof.^a Dr.^a Fernanda Codevilla Soares
Prof. Dr. Flávio Rizzi Calippo
Prof. Dr. Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre
Prof.^a Dr.^a Jóina Freitas Borges
Prof. Dr. Juan Carlos Cisneros Martinez
Prof. Dr. Luís Carlos Duarte Cavalcante
Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Alves de Carvalho
Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Campelo Magalhães
Prof. Dr. Vinícius Melquíades dos Santos

DMOR: Prof. Dr. Leonardo Borges Ferro

Representante discente: Evlém Lorena Silva de Oliveira
Hudna Alexia Lima Sousa (suplente)

**COMPOSIÇÕES DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO
RESPONSÁVEIS POR ESTE TCC**

PORTARIA PREG Nº 08 (15/03/2022)

JÓINA FREITAS BORGES - NATO (Período de vigência da função)

ÂNGELO ALVES CORRÊA - MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

ANA LUISA MENESES LAGE NASCIMENTO- MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

CLAUDIA MINERVINA SOUZA CUNHA - MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

SÔNIA MARIA CAMPELO MAGALHÃES - MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

MARIA DO AMPARO ALVES DE CARVALHO - MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

ELAINE IGNÁCIO - MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

FERNANDA CODEVILLA SOARES - MEMBRO (31/01/2022 a 31/12/2024)

PORTARIA PREG Nº 74 (18/10/2022)

JÓINA FREITAS BORGES - NATO (Período de vigência da função)

ÂNGELO ALVES CORRÊA - MEMBRO (31/01/2022 a 30/01/2024 PORTARIA
PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022)

ANA LUISA MENESES LAGE NASCIMENTO - MEMBRO (31/01/2022 a 30/01/2024
PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022)

SÔNIA MARIA CAMPELO MAGALHÃES - MEMBRO (31/01/2022 a 30/01/2024
PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022)

MARIA DO AMPARO ALVES DE CARVALHO - MEMBRO (31/01/2022 a 30/01/2024
PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022)

ELAINE IGNÁCIO - MEMBRO (31/01/2022 a 30/01/2024 PORTARIA PREG/UFPI Nº
08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022)

FERNANDA CODEVILLA SOARES - MEMBRO (31/01/2022 a 30/01/2024
PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022)

VINÍCIUS MELQUIADES DOS SANTOS - MEMBRO (14/10/2022 a 13/10/2024)

PORTARIA CCN/UFPI Nº 41/2023, DE 31 DE AGOSTO DE 2023

Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento (Membro)

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa (Membro)

Prof. Dr. Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre (Membro)

Prof.^a Dr.^a Jóina Freitas Borges (Nato)

Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Alves de Carvalho (Membro)

Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Campelo Magalhães (Membro)

Prof. Dr. Vinícius Melquíades dos Santos (Membro)

IDENTIFICAÇÃO DA MANTENEDORA

MANTENEDORA: Fundação Universidade Federal do Piauí - FUFPI

RAZÃO SOCIAL: Universidade Federal do Piauí

SIGLA: UFPI

NATUREZA JURÍDICA: Pública

CNPJ: 06.517.387/0001-34

ENDEREÇO: *Campus* Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga s/n,
CEP: 64049-550

CIDADE: Teresina

TELEFONE: (86) 3215-5511

E-MAIL: scs@ufpi.edu.br

PÁGINA ELETRÔNICA: www.ufpi.br

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO: Arqueologia

CÓDIGO DO CURSO (INEP): 112454

CRIAÇÃO DO CURSO:

Resolução n.º 14/2007 – CEPEX/UFPI, de 25 de janeiro de 2007

RECONHECIMENTO DO CURSO:

Portaria MEC n.º 302, de 27 de dezembro de 2012

Publicação: DOU de 31 de dezembro de 2012, seção 1 folhas 148 e 149

RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO:

Protocolo MEC n.º 201933927

Código da Avaliação: 161408

Conceito Final de Faixa: 5

GRAU: *Bacharelado*

MODALIDADE: *Ensino presencial*

DURAÇÃO DO CURSO:

Mínimo: 4 anos

Média: 5 anos

Máximo: 6 anos

(Para alunos com necessidades educacionais especiais, acrescentar até 50% do prazo máximo de permanência no curso).

ACESSO AO CURSO: *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU/ MEC), e de acordo com o edital específico da UFPI, com uma entrada anual no primeiro semestre letivo.*

REGIME LETIVO: Crédito

PERIODICIDADE: Semestral

VAGAS AUTORIZADAS e-MEC: 40 vagas

TÍTULO ACADÊMICO FEMININO: BACHARELA EM ARQUEOLOGIA

TÍTULO ACADÊMICO MASCULINO: BACHAREL EM ARQUEOLOGIA

OFERTA DO CURSO:

SEMESTRE LETIVO	TURNOS(S)	QUANTIDADE DE VAGAS
1º SEMESTRE	Integral (matutino e vespertino)	40

ESTRUTURA CURRICULAR:

Ano/ Período de implantação	Carga horária por Período Letivo		
	Mínima	Média	Máxima
2024.1	12	240	420

QUADRO-SÍNTESE - CARGA HORÁRIA/ CRÉDITO/ HORA-AULA

COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	QUANTIDADE DE CRÉDITOS
Disciplinas Obrigatórias (A)	2.265 h	151
Disciplinas Optativas (B)	120 h	8
Atividade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (C)	120 h	8
Atividade de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório (D)	210 h	14
Atividades Complementares - AC (E)	120 h	--
Atividades Curriculares de Extensão - ACE (F = 10% de G)	315 h	--
TOTAL (A+B+C+D+E+F = G)	3.150 h	181

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Justificativa.....	16
1.2 Contexto Regional e Local.....	17
1.3 Histórico e Estrutura Organizacional da UFPI e do Curso.....	17
2 CONCEPÇÃO DO CURSO.....	19
2.1 Princípios Curriculares e Especificidades do Curso.....	19
2.2 Objetivos do Curso.....	21
2.2.1 Objetivo Geral.....	21
2.2.2 Objetivos Específicos.....	22
2.3 Perfil do Egresso.....	22
2.4 Competências e Habilidades.....	23
2.5 Atitudes.....	23
2.6 Perfil do Corpo Docente.....	24
3 PROPOSTA CURRICULAR.....	25
3.1 Estrutura e Organização Curricular.....	25
3.1.1 Matriz Curricular.....	25
3.1.1.1 Disciplinas Obrigatórias.....	26
3.1.1.2 Disciplinas Optativas.....	29
3.2 Fluxograma.....	31
3.3 Estágio, Atividades Complementares, Atividades Curriculares de Extensão e Trabalho de Conclusão de Curso.....	32
3.3.1 Estágio.....	32
3.3.2 Atividades Complementares.....	32
3.3.3 Atividades Curriculares de Extensão (ACE).....	37
3.3.3.1 Regulamento das Atividades Curriculares de Extensão..	39
3.3.3.2 Sugestões para as ACE do Curso de Arqueologia.....	40
3.3.4 Trabalho de Conclusão de Curso.....	41
3.4 Procedimentos Metodológicos de Curso.....	42
4 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS.....	44
4.1 Políticas institucionais de Ensino, Pesquisa e Extensão.....	44
4.2 Apoio ao Discente.....	46
5 SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO.....	47

5.1 Autoavaliação Institucional.....	47
5.2 Processo de Avaliação do Curso.....	48
5.3 Processo de Avaliação dos Alunos.....	48
6 EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS (Incluindo bibliografias e distribuídas por semestres).....	50
7 INFRAESTRUTURA FÍSICA.....	135
7.1 Instalações e Equipamentos.....	135
7.2 Recursos Humanos.....	136
7.2.1 Núcleo Docente Estruturante Humanos.....	136
7.2.2 Corpo Docente.....	137
7.2.3 Atuação da Coordenação.....	139
7.3 Bibliotecas.....	141
8 DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS.....	144
8.1 Equivalência entre Projetos Pedagógicos.....	144
8.2 Cláusula de Vigência.....	144
REFERÊNCIAS.....	144
BIBLIOGRAFIA.....	150

APÊNDICE A - FUNDAMENTOS LEGAIS DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO

APÊNDICE B - REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DO TRABALHO MONOGRÁFICO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

ANEXO A - PORTARIAS DO NDE E COLEGIADO DE CURSO

ANEXO B - ATAS DE APROVAÇÃO DO PPC (COLEGIADO E NDE)

APRESENTAÇÃO

Este documento apresenta o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, cuja fundamentação segue as linhas de ação da política de formação dos profissionais da Arqueologia, discutidas pelo Fórum de Ensino de Arqueologia que acontece no âmbito da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), estabelecidas pelos órgãos e conselhos que se ocupam desse patrimônio, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA).

O Projeto foi elaborado tendo como fundamentos a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior; a Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial; o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e as Referências Curriculares Nacionais dos cursos de Bacharelado e Licenciatura MEC 2010; o Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências; e a Portaria MEC nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019.

Em termos institucionais, referentes à Universidade Federal do Piauí, atende especialmente à Resolução CEPEX/UFPI nº 177/2012 e suas atualizações, à Resolução CEPEX/UFPI nº 053/19 e ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI - UFPI 2020/2024).

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que o Estado do Piauí é detentor de um grande patrimônio e potencial arqueológico. Desde 1986, o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP) da UFPI vem realizando o levantamento dos sítios arqueológicos do Estado, inicialmente com a colaboração da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e, em seguida, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do Ministério da Cultura. Mais de 1400 sítios arqueológicos foram registrados em cerca de 60 municípios, de um extremo a outro do estado, a partir do trabalho deste núcleo de pesquisa. Assim, seguindo essa tradição de pesquisa, foi criado o Curso de Arqueologia, pensado com o objetivo de aproveitar e explorar esse potencial arqueológico, mas sobretudo de formar profissionais qualificados para lidar com este rico patrimônio.

Criado no ano de 2007 como Curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, foi a segunda graduação em Arqueologia instituída no Piauí. Ressalte-se que, para lidar com a riqueza arqueológica existente na diversidade cultural e natural brasileira, o curso apresentou, desde sua origem, uma grade curricular efetivamente interdisciplinar, com conteúdos voltados para diversas áreas científicas (Ciências Humanas, Naturais e Exatas). Além do apelo comunitário para a criação de um curso de Arqueologia local, voltado para o aproveitamento das potencialidades do Estado, estiveram na base dessa criação a vasta experiência dos profissionais do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica - NAP, tanto no âmbito da promoção de pesquisas quanto no da oferta de especializações em arqueologia. Não só o curso de graduação foi gestado neste Núcleo, mas também o Museu de Arqueologia e Paleontologia - MAP, órgão que desempenha hoje importante papel no apoio às atividades desenvolvidas pelo curso.

O currículo inicial sofreu pequenas alterações no ano de 2011, criando-se, assim, uma segunda matriz curricular. No ano de 2016, o NDE - Núcleo Docente Estruturante, a partir de reuniões realizadas com estudantes ativos e egressos, começou a realizar alterações mais profundas na grade curricular, a fim de atender a demandas de atualização em relação à própria evolução da Arqueologia, como também em virtude de se alterar o nome do Curso para “Curso de Arqueologia”, visto que “Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre” gerava uma expectativa de especialização que estava

atrapalhando o ingresso de discentes, assim como a atuação dos egressos no mercado de trabalho. Estas alterações foram aprovadas no ano de 2019.

O PPC aprovado em 2019, através da Resolução CEPEX/ UFPI 129/19, aumentou a carga horária das disciplinas e atividades obrigatórias do Curso de Arqueologia para 2835 horas e implementou a curricularização da extensão com 10% desse total de horas, percentual correspondente a 285 horas; buscou ampliar o alcance da Arqueologia realizada no Piauí, incluindo conteúdos mais críticos, atualizando as discussões teóricas do campo da Arqueologia, formando um profissional apto a lidar com a pesquisa, o estudo e a gestão do patrimônio arqueológico no contexto nacional.

Apesar de já prever a curricularização da extensão, o currículo aprovado em 2019 trouxe a carga horária da extensão contabilizada a menos (30h) em relação ao que reza a legislação, de acordo com a RESOLUÇÃO MEC nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Sendo assim, em virtude da necessidade de adequação das ACEs (Atividades Curriculares de Extensão), o texto ora apresentado realiza esta correção e algumas alterações não estruturais em relação ao currículo de 2019.

As atualizações propostas não apresentam mudança nos nomes das disciplinas, desta forma **é a mesma estrutura curricular do currículo em vigor (2019)**, com exceção do acréscimo de 30h nas atividades curriculares de extensão (quadro I).

QUADRO I

PPC 2019		Atual proposta de PPC	
Disciplinas obrigatórias	2.385 h	Disciplinas obrigatórias	2.385 h
Estágio supervisionado	210 h	Estágio supervisionado	210 h
Disciplinas Optativas	120 h	Disciplinas Optativas	120 h
Atividades Complementares	120 h	Atividades Complementares	120 h
Atividades curriculares de extensão	285	Atividades curriculares de extensão	315 h
Carga horária total do Curso	3.120 h	Carga horária total do curso	3.150 h

1.1 Justificativa

Além da correção da carga horária das Atividades Curriculares de Extensão, o currículo presentemente proposto traz as seguintes atualizações (aprovadas na 32ª Assembleia Extraordinária do Curso de Arqueologia, realizada em 24/11/2023):

- **Adequação da Carga Horária de Atividades Curriculares de Extensão, que passa de 285h para 315h;**
- **Acréscimo das disciplinas optativas: Arqueologia Urbana 60 h/a, Prática de Conservação em Arte Rupestre de 60 h/a e Práticas de Restauro 60 h/a;**
- **Revisão e atualização das ementas das disciplinas do curso e atualização de referências bibliográficas (sem alteração de nome ou de carga horária das disciplinas, havendo assim equivalência total dos componentes);**
- **Revisão da carga horária e de algumas descrições equivocadas, nas Atividades Complementares;**
- **Proposta de implementação de Núcleo de Extensão.**

Nesta proposta de atualização foram acrescentadas 30 horas de Atividades Curriculares de Extensão, atendendo à legislação vigente. Sendo assim, houve um acréscimo de 30 (trinta) horas na carga horária total do curso, que passa a ser de 3.150 horas, sem, contudo, haver alteração na estrutura curricular, nem nos códigos das disciplinas já previstas.

O Núcleo de extensão auxiliará na adequação dessa exigência, pois disponibilizará a cada semestre atividades que, somadas ou individualmente, venham a cobrir o total ora exigido como acréscimo, que é de 30h, ou até suprir a necessidade de um número maior de horas de atividades de extensão.

Para fazer essa correção, indispensável aos alunos que entraram a partir do primeiro semestre letivo do ano de 2023, **será realizada a MIGRAÇÃO COMPULSÓRIA dos alunos ingressantes em 2023-1 para esta nova matriz curricular**, que possui equivalência global à anterior.

1.2 Contexto Regional e Local

Antes de falar da UFPI é importante tecer alguns comentários sobre o Estado do Piauí e sua Capital, visto que isso permite a obtenção de uma ideia geral sobre o contexto institucional. O Piauí é uma das 27 unidades federativas do Brasil, localizado na região Nordeste, sendo o terceiro maior Estado nordestino em área territorial. Limita-se com cinco outros estados brasileiros: Ceará e Pernambuco, a leste; Bahia, a sul e sudeste; Tocantins, a sudoeste; e Maranhão, a oeste; além do oceano atlântico, ao norte.

O território piauiense (251.529 km²) constitui-se de uma área geográfica homogênea, apresentando características do Planalto Central, pela presença do tipo vegetacional cerrado; da Amazônia, pelo tipo de clima e caudais fluviais perenes; e do Nordeste semiárido, pelos cursos de água intermitentes. A população do Piauí totaliza mais de 3 milhões de habitantes (3 milhões e 195 mil). Está organizado geograficamente em 04 Mesorregiões, 15 Microrregiões e 224 municípios.

Teresina, a atual capital do Piauí, foi fundada em 16 de agosto de 1852, mas o estado já teve Oeiras como sua primeira capital, sediada na Mesorregião Sudeste Piauiense, Microrregião de Picos. Teresina está situada na Mesorregião Centro Norte Piauiense, possui pouco mais de 840 mil habitantes, sendo que sua região metropolitana, denominada Região Integrada da Grande Teresina, que envolve os municípios piauienses de Altos, Beneditinos, Coivaras, Curralinhos, Demerval Lobão, José de Freitas, Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Miguel Leão, Monsenhor Gil, Nazária, Teresina e União, além do município maranhense de Timon (do qual se separa apenas pelo Rio Parnaíba), é detentora de 37% da população do Estado, com 1.189.260 habitantes, segundo o IBGE (2014).

Teresina possui um dos índices mais altos entre as capitais, no que tange ao desenvolvimento do município, encontrando-se na posição 186 no ranking nacional de municípios.

1.3 Histórico e Estrutura Organizacional da UFPI e do Curso

A Universidade Federal do Piauí foi instituída pela Lei n. 5.528, de 12 de novembro de 68, assinada pelo então presidente Costa e Silva, que autorizou seu funcionamento sob forma de Fundação. Essa lei foi resultado de lutas políticas e de

vários segmentos da sociedade, que acalentaram por décadas o sonho de verem se instalar no Piauí uma Universidade. O credenciamento das Faculdades isoladas (Faculdade de Direito, Faculdade de Filosofia, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Medicina, de Teresina; e Faculdade de Administração, de Parnaíba) já existentes no Piauí ocorreu por meio do Decreto nº 17.551 de 09 de janeiro de 1945. Após a fusão dessas unidades isoladas existentes à época de sua fundação, a UFPI foi credenciada em 1968, através da Lei supracitada. Em 2023 foi recredenciada, obtendo a nota máxima, 5, junto ao Ministério da Educação.

A UFPI é uma Instituição de Educação Superior, de natureza federal, mantida pelo Ministério da Educação, por meio da Fundação Universidade Federal do Piauí (FUFPI), com sede e foro na cidade de Teresina, possuindo três outros *campi* sediados nas cidades de Picos (Campus Senador Helvídio Nunes de Barros), Bom Jesus (Campus Profª. Cinobelina Elvas) e Floriano (Campus Almícar Ferreira Sobral). Até 2018, também fazia parte da UFPI o Campus Ministro Reis Velloso, no município de Parnaíba, o qual foi desmembrado, através da Lei n. 13.651 de 11 de abril de 2018, para formar a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Oferece cursos de graduação nas modalidades presencial e à distância– bacharelados e licenciaturas –, e cursos de pós-graduação lato sensu (especialização) e stricto sensu (mestrados e doutorados). Além disso, disponibiliza cursos de ensino básico, técnico e tecnólogo em seus três colégios técnicos.

Localizada no Estado do Piauí, reconhecido como uma das regiões de ocupação humana mais antiga entre as já identificadas no continente americano, era premente à Universidade Federal do Piauí a criação de um Curso de Arqueologia para que se desse prosseguimento às pesquisas arqueológicas realizadas pelo NAP - Núcleo de Antropologia Pré-Histórica, fundado pela arqueóloga Niède Guidon e, mais ainda, para que se viabilizasse a formação de profissionais em nível de graduação, a fim de trabalhar a imensa riqueza arqueológica, não só no Piauí, mas também de Estados vizinhos como o Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, e em todo o Brasil.

Criado em 2007, tem o início de seu funcionamento no ano de 2008 e a primeira turma de concluintes formada em 2011.2. Os dados disponíveis comprovam que o Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI tem sido bastante aproveitado por aqueles que o fizeram, por exemplo: formaram-se, pela Universidade Federal do Piauí, 170 bacharéis em Arqueologia, sendo que a maioria está inserida no mercado

de trabalho, em instituições e/ou empresas públicas e privadas. Mais de 35% (trinta e cinco por cento) dos egressos continuaram sua formação acadêmica, em nível de pós-graduação, em programas da UFPI e de outras Instituições de Ensino Superior, seja no Piauí ou em outros estados brasileiros. Do total de alunos que concluíram o Curso de Arqueologia da UFPI, somente 20% (vinte por cento) ainda não foram integrados a programas de pós-graduação, ou não ingressaram no mercado de trabalho exercendo a profissão de Arqueólogo. Além disso, as taxas de inserção no mercado de trabalho e a de continuidade da formação acadêmica evidenciam o fato de que a taxa de permanência do egresso em atividades ligadas ao patrimônio arqueológico, seja de pesquisa, ensino ou gestão é muito elevada. Tal fato evidencia também que a criação do Curso de Arqueologia tem contribuído substancialmente para a formação de quadros na Arqueologia Brasileira.

2 CONCEPÇÃO DO CURSO

A graduação em Arqueologia foi concebida em moldes modernos e abrangentes, visando tanto a formação de profissionais qualificados, para lidar com questões relacionadas ao patrimônio arqueológico, quanto para possibilitar o desenvolvimento do Estado no que diz respeito a essa área.

2.1 Princípios Curriculares e Especificidades do Curso

O currículo de um curso representa o conjunto de atividades, de experiências, de situações de ensino-aprendizagem a serem vivenciadas pelo aluno durante a sua formação. É o currículo que assegura a formação para uma competente atuação profissional. Assim, as atividades desenvolvidas devem articular harmoniosamente as dimensões: humana, técnica, político-social e ética.

Portanto, deve-se, no decorrer do curso de Arqueologia, considerar os seguintes princípios:

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** – este princípio demonstra que o ensino superior deve ser compreendido como espaço de produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de

formação, para que se possa compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades, promovendo o repasse posterior do conhecimento resultante para a sociedade.

- **Formação profissional para a cidadania** – a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, a fim de que o profissional, por meio do questionamento permanente dos fatos, possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- **Interdisciplinaridade** - este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita a análise dos objetos de estudo sob diversos olhares.
- **Relação orgânica entre teoria e prática** – todo o conteúdo curricular do curso de Arqueologia deve fundamentar-se na articulação teoria-prática, essencial ao processo de ensino- aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente na maioria das disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.
- **Flexibilidade** – o curso de Arqueologia, por sua característica interdisciplinar, possui um corpo docente diverso, que possibilita ao educando flexibilizar suas investigações e práticas acadêmicas, se inserindo em projetos de pesquisa que lhes permitem participação ativa no cotidiano profissional, além de adquirir experiência frente às demandas sociais. Disciplinas optativas, que abrangem conteúdos das diversas áreas arqueológicas, serão ofertadas todos os períodos, sendo que os alunos devem escolher obrigatoriamente pelo menos duas, no decorrer do curso, mas podem cursar quantas desejarem.

O currículo proposto para o curso elege como área de formação a **pesquisa arqueológica**, o que garantirá uma formação ampla e ao mesmo tempo sólida, capacitando o bacharel formado na UFPI a atuar como pesquisador, ou em áreas relacionadas a este ramo, em instituições de pesquisa, de conservação do patrimônio e no ensino superior. Essa formação fundamenta-se nas seguintes orientações gerais:

- Período de funcionamento: diurno;
- Integralização: de quatro anos (mínimo) a seis anos (máximo);
- Definição de princípios norteadores do currículo, sobre os quais estão fundamentadas todas as disciplinas do Curso;

- Instituição da estrutura curricular por semestre acadêmico, levando o aluno a matricular-se em todas as disciplinas do semestre curricular e assim propiciar condições concretas para a integralização do Curso;
- Equilíbrio de carga horária das disciplinas curriculares, predominando aquelas de 60 horas (uma das exceções refere-se ao estágio supervisionado, que terá duração de 210 horas; as outras exceções são o Seminário de Introdução ao Curso (15 h), duas disciplinas de 45h (Técnicas de Laboratório em Arqueologia I; Ecossistemas) e duas de 30h (Origem e Evolução Humana; Arqueologia e História das Primeiras Sociedades);
- Definição de uma bibliografia básica e outra complementar, que expressam as obras a serem estudadas ao longo do curso, representando a literatura teórico-metodológica essencial para uma formação profissional de qualidade;
- Elaboração de monografia (TCC - Trabalho de Conclusão de Curso) como exigência para a conclusão do curso, visando consolidar os estudos teóricos e investigativos realizados no decorrer do processo de formação, bem como estimular o aluno a prosseguir os estudos em nível de pós-graduação;
- Inserção do aluno no contexto da pesquisa arqueológica, onde atuará, desde o início do curso e durante toda a formação acadêmica, concretizando, dessa forma, a relação teoria-prática.

Desse modo, o profissional formado pelo curso de Arqueologia da UFPI estará capacitado para lidar com os desafios da pesquisa arqueológica, da conservação do patrimônio e da gestão de bens arqueológicos.

2.2 Objetivos do Curso

2.2.1 Objetivo Geral

O curso visa formar profissionais éticos, reflexivos e atuantes em Arqueologia, portadores de conhecimentos interdisciplinares que contemplem conteúdos teóricos, práticos e profissionais de diversos campos das Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e da Terra

2.2.2 Objetivos Específicos

- proporcionar a formação de profissionais da arqueologia aptos a trabalharem em todas as fases e áreas da pesquisa arqueológica em instituições públicas e/ou privadas;
- promover a formação de bacharéis em arqueologia aptos a continuarem seus estudos em nível de pós-graduação *lato e stricto-sensu*;
- realizar pesquisas arqueológicas em nível acadêmico, a fim de propiciar a formação de pesquisadoras e pesquisadores.

2.3 Perfil do Egresso

A intenção da presente proposta pedagógica é proporcionar vivências teóricas e profissionais relacionadas ao exercício do trabalho em Arqueologia, qualificando o egresso nas funções que compõem sua área de atuação: tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação, registro e acondicionamento; análises técnicas e tecnológicas da cultura material desenvolvidas em laboratório; pesquisa documental e/ou de outras fontes, realizada em acervos de variadas matizes; gestão e socialização dos bens arqueológicos em instituições públicas, privadas ou em ONGs. Além disso, essa formação foi pensada no sentido de proporcionar ao cidadão egresso do curso, a análise da prática arqueológica dentro de uma discussão ética, levando em consideração os vários interesses e conjunturas que estão presentes na vida do arqueólogo.

A concepção do perfil proposto para o profissional de Arqueologia fundamenta-se na necessidade de possuir sólida formação técnica e teórica, humanista e cultural, em consonância com as premissas e demandas internacionais, nacionais, regionais e locais, que expressam as necessidades socioculturais, políticas, ambientais e econômicas para a área de Arqueologia no Estado do Piauí e no Brasil.

Desta forma, busca-se contribuir para que o egresso do Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI possa se inserir em um mercado de trabalho em crescente expansão, acompanhando o processo de crescimento econômico e político do país, através de sua absorção, também, por empresas, projetos ou outros trabalhos, no campo do licenciamento ambiental; da mesma maneira, procura-se possibilitar a inserção de arqueólogos formados na UFPI em cargos técnicos, em instituições

públicas ou do terceiro setor; ou, ainda, consoante formação posterior em nível de pós-graduação stricto sensu, na carreira do magistério superior, em instituições de ensino públicas ou privadas, que sejam dotadas de cursos de arqueologia ou de áreas correlatas, tais como: antropologia, ciências sociais e história.

A formação do egresso fundamenta-se no desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes imprescindíveis ao exercício da referida atividade profissional, a saber:

2.4 Competências e Habilidades

- Conhecer, sob o ponto de vista teórico e metodológico, a ciência Arqueologia, inclusive no que diz respeito à vinculação com os demais campos do saber, possibilitando ainda a integração entre saber acadêmico e exercício profissional.
- Compreender e avaliar criticamente os aspectos socioculturais, tecnológicos, ambientais, políticos e éticos relacionados à aplicação dos princípios da arqueologia.
- Elaborar e executar projetos de pesquisa e de socialização do patrimônio arqueológico.
- Desenvolver habilidades inerentes ao trabalho arqueológico, tanto nas pesquisas de campo quanto nas de laboratório. Essas habilidades incluem: procura, localização, mapeamento e registro documental dos sítios; intervenções arqueológicas; elaboração de sínteses, relatórios e textos científicos para divulgação e gestão do patrimônio cultural.

2.5 Atitudes

- Ter atitude crítica em relação aos conteúdos conceituais e procedimentais aprendidos, analisando-os acuradamente, a fim de aplicá-los com eficácia.
- Refletir de forma crítica e ética sobre a sua prática de pesquisa e atuação nos diferentes setores da arqueologia.
- Ser proativo e saber trabalhar em equipe.
- Respeitar a liberdade de expressão e a diversidade cultural existente na sociedade em que vivemos.

- Atuar de forma colaborativa junto às comunidades envolvidas com a gestão do patrimônio arqueológico.

2.6 Perfil do Corpo Docente

Os professores que ministram a maioria das disciplinas do Curso de Arqueologia estão lotados no CCN/UFPI e pertencem ao próprio curso, em regime de Dedicação Exclusiva. A relação nominal destes e a respectiva titulação são apresentadas a seguir:

DOCENTE	TITULAÇÃO	REGIME DE TRABALHO
Ana Luísa Meneses Lage Do Nascimento CPF: 017.847.553-03	Doutora	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Ângelo Alves Corrêa CPF: 081.890.427-50	Doutor	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Claudia Minervina De Souza Cunha CPF: 571.286.005-82	Doutora	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Elaine Ignácio CPF: 081.613.378-61	Mestra Doutoranda	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Fernanda Codevilla Soares CPF: 001.891.350-42	Doutora	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Flávio Rizzi Calippo CPF: 170.736.108-83	Doutor	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre CPF: 848.187.515-53	Doutor	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Jóina Freitas Borges CPF: 441.948.543-49	Doutora	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Juan Carlos Cisneros Martínez CPF: 691.889.631-87	Doutor	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Luís Carlos Duarte Cavalcante CPF: 755.179.143-49	Doutor	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Maria Do Amparo Alves De Carvalho CPF: 421.064.783-72	Doutora	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Sônia Maria Campelo Magalhães CPF: 130.532.213-49	Doutora	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais
Vinícius Melquíades Dos Santos CPF: 065.513.426-39	Doutor	Dedicação Exclusiva 40 horas semanais

3 PROPOSTA CURRICULAR

3.1 Estrutura e Organização Curricular

Na organização curricular estão definidas duas categorias de disciplinas, de acordo com o conteúdo. A primeira categoria é composta pelas disciplinas **obrigatórias**, distribuídas em três núcleos, a saber: de **conteúdo básico** (Núcleo B), de conteúdos basilares, alicerce para a prática profissional na Arqueologia; de **conteúdo profissional** (Núcleo P), que estão mais ligadas ao exercício das práticas profissionais; e as de **conteúdo complementar** (Núcleo C), que correspondem a disciplinas subsidiárias ao exercício da profissão. As **disciplinas obrigatórias (de conteúdo básico, profissional e complementar)** destinam-se a propiciar ao aluno uma formação teórica sólida e consistente nos conteúdos da Arqueologia e das ciências afins, bem como nos conteúdos de caráter instrumental da prática arqueológica. Constituem a parte mais substancial do curso.

As **disciplinas optativas** são escolhidas pelos discentes e destinam-se ao aprofundamento dos conteúdos próprios de um campo mais especializado da atuação do Arqueólogo, oferecendo-lhe alguns elementos a mais para a sua formação profissional, bem como incentivo à continuidade dos estudos em nível de pós-graduação. O aluno deverá cursar, obrigatoriamente, no mínimo 2 disciplinas optativas de sessenta (60) horas cada uma, ou seja, 120 horas no total.

Além destas, ainda compõem o quadro curricular o estágio supervisionado, as atividades acadêmico-científico- culturais e as atividades curriculares de extensão.

3.1.1 Matriz Curricular do Curso de Arqueologia

Ressalte-se que todas as disciplinas obrigatórias e optativas são cadastradas no Curso de Arqueologia.

3.1.1.1 Disciplinas Obrigatórias

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
1º	CACAR/CCN001	Introdução a Pensamento Arqueológico	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN002	Arqueologia e Ciências Sociais	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN003	Origem e Evolução Humana	30	2	0	0	—
	CACAR/CCN004	Arqueologia e História das Primeiras Sociedades	30	2	0	0	—
	CACAR/CCN005	Arqueologia e Ciências Naturais	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN006	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN007	Patrimônio Cultural e Legislação	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN008	Seminário de Introdução ao Curso	15	1	0	0	—
	TOTAL DO PERÍODO		375	25	0	0	

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
2º	CACAR/CCN009	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I	45	2	1	0	—
	CGP0040	Teorias e Métodos em Arqueologia	60	4	0	0	CACAR/CCN001- Introdução ao Pensamento Arqueológico
	CACAR/CCN011	Arqueologia e Ciências Humanas	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN012	Arqueologia das Américas	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN013	Arte Rupestre I	60	4	0	0	CACAR/CCN004 - Arqueologia e História das Primeiras Sociedades
	CACAR/CCN014	Geologia Geral e do Quaternário	60	3	1	0	—

	CACAR/CCN015	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos	60	3	1	0	—
	TOTAL DO PERÍODO		405	24	3	0	

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
3º	CACAR/CCN016	Técnicas de laboratório em Arqueologia II	60	1	3	0	CACAR/CCN009-Técnicas de laboratório em Arqueologia I
	CACAR/CCN017	Técnicas de Trabalho de Campo I	60	1	3	0	CGP0040-Teorias e Métodos em Arqueologia
	CACAR/CCN018	Arqueologia Latino-Americana	60	4	0	0	-
	CACAR/CCN019	Teoria da Conservação	60	4	0	0	CACAR/CCN007-Patrimônio Cultural e Legislação
	CGP0018	Geomorfologia	60	2	2	0	CACAR/CCN014-Geologia Geral e do Quaternário
	CGP0006	Arqueometria	60	2	2	0	CACAR/CCN005-Arqueologia e Ciências Naturais
	CACAR/CCN010	Anatomia de Vertebrados para Arqueologia	60	2	2	0	—
	TOTAL DO PERÍODO		420	16	12	0	

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
4º	CGP0011	História da América Portuguesa	60	4	0	0	—
	CGP0016	Arqueologia Brasileira	60	4	0	0	-
	CGP0024	Arte Rupestre II	60	2	2	0	CACAR/CCN013-Arte e Rupestre I
	CGP0029	Arqueologia Histórica	60	4	0	0	—
	CACAR/CCN020	Ecosistemas	45	2	1	0	—
	CGP0008	Geoarqueologia	60	2	2	0	CGP0018 Geomorfologia

	CACAR/CCN021	Zooarqueologia	60	2	2	0	CACAR/CCN010-Anatomia de Vertebrados para Arqueologia
	TOTAL DO PERÍODO		405	20	7	0	

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
5º	CACAR/CCN022	História dos Povos Indígenas no Brasil	60	4	0	0	CACAR/CCN011 Arqueologia e Ciências Humanas
	CACAR/CCN023	Técnicas de Trabalho de Campo II	60	1	3	0	CACAR/CCN017-Técnicas de Trabalhos de Campo I
	CACAR/CCN024	Práticas de Conservação	60	1	3	0	CACAR/CCN019-Teoria da Conservação
	CACAR/CCN025	Arqueologia e Ética	60	4	0	0	CACAR/CCN 007 – Patrimônio Cultural e Legislação
	CACAR/CCN030	Introdução à Bioarqueologia	60	2	2	0	CGP0040-Teorias e Métodos em Arqueologia
	CACAR/CCN026	Mapeamento Arqueológico	60	2	2	0	–
	TOTAL DO PERÍODO		360	14	10	0	

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
6º	CGP0023	História do Piauí	60	4	0	0	–
	CGP0025	Monografia I	60	4	0	0	CACAR/CCN006-Iniciação a Pesquisa Científica e Arqueológica CGP0040-Teoria e Métodos em Arqueologia
	CACAR/CCN027	Paleontologia Geral	60	3	1	0	CACAR/CCN014 -Geologia Geral e do Quaternário
	CACAR/CCN028	Desenho Técnico de Material Arqueológico	60	1	3	0	–
	CACAR/CCN029	Arqueologia em Museus	60	2	2	0	–
	TOTAL DO PERÍODO		300	14	6	0	

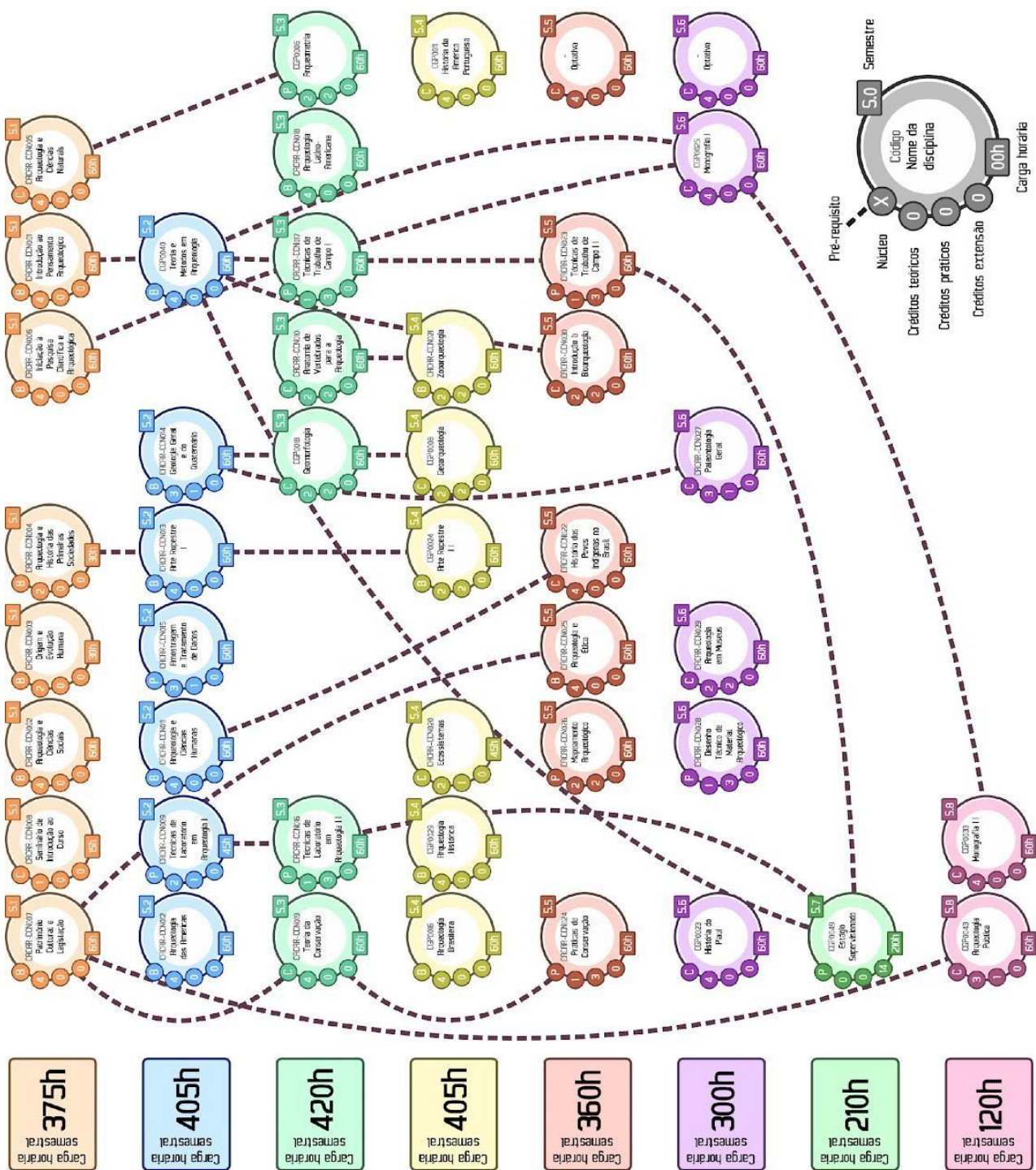
SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
7º	CGP0049	Estágio Supervisionado	210	0	0	14	CGP0040- Teorias e Métodos em Arqueologia CACAR/CCN023- Técnicas de Trabalho de Campo II CACAR/CCN016 – Técnicas de Laboratório II
	TOTAL DO PERÍODO		210	0	0	14	
SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
8º	CGP0033	Monografia II	60	4	0	0	CGP0025-Monografia I
	CGP0043	Arqueologia Pública	60	3	1	0	CACAR/CCN 007- Patrimônio Cultural e Legislação
TOTAL DO PERÍODO			120	7	1	0	

3.1.1.2 Disciplinas Optativas

SEMESTRE	CÓDIGO	DISCIPLINAS	C.H.	CRÉDITOS			PRÉ-REQUISITOS
				T	P	E	
5º	CACAR/CCN031	Etnografia e História Oral	60	3	1	0	CACAR/CCN 011- Arqueologia e Ciências Humanas
	CACAR/CCN033	Tópicos da Cultura Material	60	3	1	0	CGP0040- Teorias e Métodos em Arqueologia
	CACAR/CCN036	Desenho aplicado à Paleontologia	60	1	3	0	-
	CGP0038	Estudo dos Artefatos Cerâmicos	60	2	2	0	CACAR/CCN016- Técnicas de Laboratório em Arqueologia II
	CGP0042	Arqueologia em Ambiente Costeiro	60	2	2	0	CACAR/CCN 007- Patrimônio Cultural e Legislação
	CGP0045	Arqueologia e Licenciamento Ambiental	60	4	0	0	CACAR/CCN 007- Patrimônio Cultural e Legislação
	CLE0174	Inglês Instrumental Básico	60	4	0	0	-
	CLV0002	Português I – Prática de Redação	60	4	0	0	-
	TOTAL DO PERÍODO		480	23	9	0	

6º	CACAR/CCN032	Introdução à Antropologia Funerária	60	4	0	0	CACAR/CCN 011- Arqueologia e Ciências Humanas CACAR/CCN 030 – Introdução à Bioarqueologia
	CACAR/CCN034	Arqueologia e as interfaces entre o Xamanismo e a mitologia	60	2	2	0	-
	CACAR/CCN035	Processamento de Dados em Arqueometria	60	0	4	0	CGP0006 – Arqueometria
	CGP0036	História Cultural	60	4	0	0	-
	CGP0039	Estudo dos Artefatos Líticos	60	2	2	0	CACAR/CCN016- Técnica de Laboratório em Arqueologia II
	CGP0041	Arqueologia e Turismo	60	3	1	0	CACAR/CCN 007- Patrimônio Cultural e Legislação
	CGP0044	Etnoarqueologia	60	4	0	0	CACAR/CCN 011- Arqueologia e Ciências Humanas CGP0040- Teorias e Métodos em Arqueologia
	CGP0047	Arqueologia Subaquática	60	3	1	0	CGP0009- Ecossistemas CACAR/CCN006- Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica. CGP0040- Teorias e Métodos em Arqueologia
	CGP0048	Relações Étnico Raciais, Gênero e Diversidade	60	4	0	0	-
	LIBRAS 012	LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais	60	2	2	0	-
	NOVA	Arqueologia Urbana	60	3	1	0	-
	NOVA	Prática de Conservação de Arte Rupestre	60	1	3	0	CACAR/CCN019 – Teoria da Conservação
	NOVA	Práticas de Restauro	60	1	3	0	CACAR/CCN019 – Teoria da Conservação
TOTAL DO PERÍODO			780	33	19	0	

3.2 Fluxograma



3.3 Estágio, Atividades Complementares, Atividades de Extensão e Trabalho de Conclusão de Curso

3.3.1 Estágio

Os discentes do curso de Arqueologia normalmente realizam dois tipos de estágios ao longo de seu percurso acadêmico. O primeiro tipo é o não obrigatório realizado em empresas, instituições e laboratórios, que possibilita capacitação profissional prática e pode contar como créditos para as horas de atividades complementares.

O segundo tipo é o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório, atividade acadêmica específica que prepara o discente para o trabalho produtivo, tendo em vista a aprendizagem social, profissional e cultural, constituindo uma intervenção prática em situações de vida e trabalho. O Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório deve estar em conformidade com a Resolução CEPEX/UFPI nº 177/2012, respeitando os fundamentos legais como pode ser conferido no Apêndice A.

3.3.2 Atividades Complementares

A matriz curricular é constituída também pelas **Atividades Acadêmico-Científico-Culturais** (AACC), que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática, e a complementação, por parte do aluno, dos saberes e habilidades necessárias à sua formação.

Estas **atividades complementares** poderão ser realizadas a partir do primeiro semestre letivo do curso, devendo perfazer um total mínimo de 120 horas. O registro das atividades deve ser realizado pelos discentes na plataforma digital do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), sendo de responsabilidade da Coordenação do Curso de Arqueologia, a validação e emissão de parecer referente às atividades complementares. Conforme a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX/UFPI nº 177/2012 da Universidade Federal do Piauí, serão consideradas como atividades complementares as listadas a seguir:

**TABELA DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE ACORDO COM A
RESOLUÇÃO 177/2012**

CATEGORIA: ATIVIDADES DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E À PESQUISA

Componente: Exercício de monitoria por período letivo; participação em PIBID e PET; participação em pesquisa e projetos institucionais; participação em grupos de estudo ou pesquisa, sob supervisão de professor ou de aluno de cursos de mestrado ou doutorado da UFPI.

Carga Horária Máxima da Categoria: 240h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 60h

CÓDIGO	ATIVIDADE (nomenclatura)	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
			MÍNIMA	MÁXIMA
	Exercício de monitoria por período letivo; participação em PIBID e PET; participação em pesquisa e projetos institucionais; participação em grupos de estudo ou pesquisa, sob supervisão de professor ou de aluno de cursos de mestrado ou doutorado da UFPI.	Ensino: Monitoria no curso por período letivo; PIBID, PET. Iniciação científica: Um semestre de atividades de iniciação científica com dedicação semestral de 10 a 20 h semanais e com apresentação de resultados parciais e/ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento científico. Iniciação científica voluntária: Um semestre de atividades de iniciação científica com dedicação semestral de 10 a 20 h semanais e com apresentação de resultados parciais e/ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento científico. Participação em grupos de estudo ou pesquisa: Um semestre de atividades em grupos de estudos ou pesquisa	30	60
Exigências: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.				

CATEGORIA: ATIVIDADES DE PARTICIPAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS GERAIS

Componente: Apresentação de trabalhos em eventos técnico-científicos ou organização.

Carga Horária Máxima da Categoria: 60h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 60h

CÓDIGO	ATIVIDADE (nomenclatura)	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
			MÍNIMA	MÁXIMA
	Apresentação de trabalhos em eventos técnico-científicos ou organização	Apresentação de trabalhos em congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fórum, semanas acadêmicas (participação e organização), relacionados a atividades acadêmicas e profissionais da área, com apresentação de trabalho e/ou publicação nos anais do evento.	10	60
Exigências: Declaração ou Certificado de participação (com cópia do trabalho apresentado) ou de organização do evento ou declaração do órgão/unidade competente.				

CATEGORIA: EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES

Componente: Estágios não obrigatórios, realizados em empresas ou escolas, participação em projeto social e participação em programa de bolsa da UFPI.

Carga Horária Máxima da Categoria: 120h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 60h

CÓDIGO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
	Estágios não obrigatórios, participação em projeto social e participação em programa de bolsa da UFPI.	Experiências profissionais: Realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão. Realização de Estágios em empresa Júnior/incubadora de Empresas. Participação em Projetos: Participação em Projetos Sociais governamentais e não governamentais. Bolsistas PRAEC: Participação como bolsista da UFPI.	10	60
Exigências: Relatório do professor orientador, declaração ou certificado do órgão/unidade competente.				

CATEGORIA: ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS E ESPORTIVAS E PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS

Componente: Atividades artístico culturais e esportivas e produções técnico científicas.

Carga Horária Máxima da Categoria: 90h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 60h

CÓDIGO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
	Atividades Artístico-culturais e esportivas e produções técnico-científicas.	Participação em grupos de artes, tais como, teatro, dança, coral, poesia, música. Produção e elaboração de vídeos, softwares, exposições e programas radiofônicos. Premiação em trabalho científico na área. Premiação em âmbito local/regional/nacional/internacional.	10	60
Exigências: Atestados de participação, apresentação de relatórios e trabalhos produzidos.				

CATEGORIA: ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Componente: Cursos e estudos realizados em programas, projetos e eventos de extensão.

Carga Horária Máxima da Categoria: 90h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 90h

CÓDIGO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
	Cursos e estudos realizados em programas, projetos e eventos de extensão	Cursos e minicursos, eventos e oficinas registradas no âmbito da PREX; Cursos à distância; outros cursos de extensão.	10	90
Exigências: Atestados ou certificados de participação, apresentação de relatórios produzidos.				

CATEGORIA: VIVÊNCIAS DE GESTÃO

Componente: Participação semestral em órgãos colegiados, comitês ou comissões de trabalhos não relacionados a eventos na UFPI, participação em entidades estudantis da UFPI como membro da diretoria.

Carga Horária Máxima da Categoria: 40h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 40h

CÓDIGO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
magistério		Representação estudantil: Participação anual como membro de entidade de representação político – estudantil.		
	Participação semestral em órgãos colegiados, comitês ou comissões de trabalhos não relacionados a eventos na UFPI, participação em entidades estudantis da UFPI como membro da diretoria.	Participação anual como membro de diretoria de entidade de representação político – estudantil Participação em órgão colegiado classista como membro da diretoria, na condição de estudante: Mandato mínimo de seis meses, devidamente comprovado, com apresentação de relatório, descrevendo a sua experiência na gestão. Participação em órgão profissional (entidades de classe ligadas ao o) como membro da diretoria: Mandato mínimo de seis meses, devidamente comprovado, com apresentação de relatório, descrevendo a sua experiência na gestão. Representação estudantil: Participação como representante estudantil no Colegiado do Curso, nas Plenárias Departamentais, Conselhos de Centro, Centro Acadêmico ou nos Colegiados Superiores com apresentação de documento comprobatório de participação na reunião.		
Exigências: Atas de Reuniões, declaração, certificado ou relatório do órgão/unidade competente.				

CATEGORIA: DISCIPLINA ELETIVA

Componente: Disciplina não obrigatória ofertada por outro Curso desta Instituição ou por outras Instituições de Educação Superior.

Carga Horária Máxima da Categoria: 60h (Art. 94 Resolução CEPEX/UFPI 177/2012)

Carga Horária Máxima do Currículo na Categoria: 60h

CÓDIGO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
	Disciplina não obrigatória ofertada por outro Curso desta Instituição ou por outras Instituições de Educação Superior.	Disciplina não obrigatória ofertada por outro Curso desta Instituição ou por outras Instituições de Educação Superior.	30	60
Exigências: Histórico Escolar.				

3.3.3 Atividades Curriculares de Extensão

A extensão é compreendida como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, com intencionalidade transformadora entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Está prevista no Plano Nacional de Educação (PNE) 2020-2024, no mínimo, com dez por cento do total de créditos curriculares exigidos nos cursos de graduação, a ser efetivada por meio de programas e projetos de extensão em áreas de pertinência social.

A extensão é regulamentada pela Resolução CNE nº 07, de 18 de outubro de 2018, que estabelece as diretrizes de extensão na educação superior brasileira e regulamenta o disposto na meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 (PNE). No âmbito da UFPI, está regulamentada também pela Resolução CEPEX/UFPI nº 053/2019, alterada pela Resolução CEPEX/UFPI nº 297/2022, que regulamenta a inclusão das atividades curriculares de extensão como componente obrigatório nos cursos de graduação.

Ressalte-se que em atendimento à Resolução UFPI/CEPEX nº 053/2019, Art. 2º, as horas curriculares de extensão podem ser contabilizadas sob três formas, conforme determinação no PPC, a saber, *ipsis litteris*:

I - disciplinas dedicadas integralmente ou parcialmente às atividades extensionistas

II - cumprimento do componente curricular denominado “Atividade Curricular de Extensão (ACE)”;

III - cumprimento das atividades de extensão previstas no Art. 8º da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

A curricularização no curso de arqueologia observa as diretrizes: **(1) Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, especialmente impacto na formação do estudante e na geração de novos conhecimentos, (2) Interdisciplinaridade, (3) Impacto social e (4) Relação dialógica com a sociedade.**

A curricularização da extensão está sendo realizada através da implementação de Programas, Projetos, Eventos e Ações de Extensão em geral, realizados pelos docentes do Curso com colaboração e orientação da Coordenação de Extensão do Curso. Prevê-se também a execução de atividades dessa natureza em um Núcleo de Extensão. Os docentes são orientados a cadastrar as **Atividades Curriculares de Extensão (ACE)** de modo obrigatório, assim a carga horária é contabilizada automaticamente para os alunos, com a aprovação dos relatórios finais pela PREXC. As Atividades Curriculares de Extensão(ACE) objetivam:

- I – Reafirmar a articulação da universidade com outros setores da sociedade, principalmente aqueles de vulnerabilidade social;
- II – Garantir a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- III – Contribuir para a melhoria da qualidade da formação dos graduandos, voltada para a cidadania e o seu papel social;
- IV – Proporcionar a busca de novos objetos de investigação e de inovação, bem como o desenvolvimento tecnológico e a transferência deste a partir do contato com os problemas das comunidades e sociedade;
- V – Estabelecer a troca de conhecimentos, saberes e práticas no campo das ciências, tecnologia, cultura, esporte e lazer.

As ACEs serão realizadas conforme normatização das atividades de extensão no âmbito da UFPI, atendendo a Resolução 053/19-CEPEX e a Resolução 07/18/CNE/MEC.

De acordo com a Resolução UFPI/CEPEX 047/2020, que dispõe sobre a regulamentação de Núcleos de Extensão no âmbito da Universidade Federal do Piauí,

o Curso de Arqueologia tem como proposta a implementação de um Núcleo de Extensão, baseado no estabelecimento de:

“[...] áreas e linhas temáticas de extensão enquadradas em áreas de conhecimento estabelecidas pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do MEC, com o propósito de coordenar, acompanhar, fomentar e articular, propor, bem como orientar, apoiar, potencializar e publicizar atividades de extensão que viabilizem a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, articulados com as demandas da sociedade e que estejam de acordo com as diretrizes e normativas que regem a extensão universitária no Brasil e no âmbito da UFPI” (RESOLUÇÃO UFPI/CEPEX 047/2020).

Este núcleo utilizará os eixos temáticos como indicadores para a realização de cursos, eventos, oficinas etc., a fim de que todo o corpo docente, discentes, técnicos e terceirizados possam interagir, através das ações extensionistas, com as comunidades, cumprindo assim a função social da Universidade Pública junto à sociedade brasileira.

3.3.3.1 Regulamento das atividades curriculares de extensão (ACE)

Os alunos do curso de Arqueologia deverão, obrigatoriamente, participar em ACEs e/ou atuar na organização ou execução de uma ACE, quando regularmente matriculados, até integralizar as **315 horas**, definidas neste PPC, **a partir do segundo semestre do curso**.

- Os estudantes poderão participar de outras ACEs, que não necessariamente as disponibilizadas pelo respectivo curso.
- O estudante poderá atuar em outras ACEs ofertadas por outros cursos de graduação e pós-graduação ou por outros órgãos da UFPI (Pró-Reitorias, superintendências, núcleos de estudo, pesquisa e extensão e entidades representativas estudantis), desde que cadastradas na PREXC e respeitados os eventuais pré-requisitos especificados pelo Coordenador da ACE.
- Para fins de integralização da carga horária no histórico dos estudantes, as ACEs deverão:

- Ser cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PREXC;
- Ter seus relatórios (semestrais ou finais) homologados pela PREXC.
- Nos casos de transferência interna ou mudança de curso, o estudante poderá solicitar, junto ao Assessor de Extensão do Campus/Centro, o aproveitamento das atividades curriculares de extensão já integralizadas no currículo do curso de origem. Caso as atividades de extensão realizadas não tenham sido integralizadas no currículo do curso de origem, o aluno poderá solicitar o aproveitamento das atividades, junto ao Comitê de Extensão da PREXC, instruído de relatório da atividade de extensão desenvolvida assinado pelo coordenador ou órgão responsável e com certificado ou declaração da atividade executada.
- As Atividades Curriculares de Extensão poderão ser realizadas conjuntamente por duas ou mais IES em parceria, facultando-se a mobilidade interinstitucional de estudantes, docentes e técnico-administrativos;
- Os discentes poderão requerer, junto ao Assessor de Extensão do Centro/Campus, o aproveitamento das atividades de extensão desenvolvidas em outras Instituições de Ensino Superior, desde que a solicitação de aproveitamento seja feita via processo até um ano antes da previsão para conclusão do curso e instruído de relatório da atividade de extensão desenvolvida assinado pelo coordenador ou órgão responsável e com certificado ou declaração da atividade executada.

3.3.3.2 Sugestões para as ACE do Curso de Arqueologia

Período	Sugestão de CH	Atividades curriculares de extensão	Eixo temático
1º	--	Nesse primeiro período, por ainda estar conhecendo a instituição e o próprio curso, não será exigido do aluno que ele esteja envolvido em atividades de extensão. No entanto, se desejar participar de alguma atividade, programa ou projeto de extensão, não lhe será negada essa possibilidade	
2º	60h	Participação em programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços cadastrados na PREX/UFPI	Cultura, direitos humanos e justiça, Educação étnico-racial

3º	60h	Participação em programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços cadastrados na PREX/UFPI	Cultura, Educação, Meio ambiente, Patrimônio Cultural
4º	60h	Participação em programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços cadastrados na PREX/UFPI	Cultura, direitos humanos e justiça, Educação étnico-racial
5º	60h	Participação em programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços cadastrados na PREX/UFPI	Cultura, Educação, Meio ambiente, Patrimônio Cultural
6º	60h	Participação em programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços cadastrados na PREX/UFPI	Cultura, direitos humanos e justiça, Educação étnico-racial
7º	60h	Participação em programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços cadastrados na PREX/UFPI	Cultura, Educação, Meio ambiente, Patrimônio Cultural

Ressalte-se que a sistematização da carga horária apresentada acima é apenas uma sugestão de divisão da carga horária por semestre, para servir como guia aos discentes, visando orientá-los no cumprimento das 315 h de extensão do curso. Tal divisão não significa que os alunos são obrigados a cumprir essa carga horária semestralmente, tendo em vista que as ACEs devem ser flexíveis e dependem da oferta disponibilizada a cada semestre.

3.3.4 Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) corresponde a uma produção acadêmica que expressa as competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos, assim como os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação (Resolução CEPEX/UFPI nº 177/2012).

Reconhecendo a importância dos paradigmas da pedagogia moderna e atendendo às orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC, 1996) este projeto contempla, na matriz curricular do Curso de Arqueologia, o

Trabalho de Conclusão de Curso (integralizado nas disciplinas Monografia I e Monografia II), com o objetivo de oferecer aos alunos a oportunidade de articular o conhecimento adquirido e construído ao longo do curso em torno de um tema organizador, como também estimular a iniciação científica. O regulamento e as orientações relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso estão descritos no apêndice B, deste documento. Antes de seu cadastro, consequentemente da defesa pública do TCC, a banca examinadora do mesmo deve ser homologada pelo Colegiado do Curso.

3.4 Procedimentos Metodológicos

3.4.1 Da Postura do(a) Professor(a)

A grade curricular do curso de Arqueologia da UFPI é composta por disciplinas teóricas, obrigatórias, que enfatizam conteúdos conceituais e informativos; disciplinas práticas, que introduzem o discente na pesquisa e no fazer arqueológico, possibilitando o contato com o campo e o laboratório; estágio obrigatório e disciplinas optativas, que exigirão posturas éticas, teóricas e práticas, frente à realidade e atividades complementares, cuja função é enriquecer a formação do estudante, dentro da visão interdisciplinar característica da Arqueologia.

Ao ministrar sua disciplina, cada professor fornecerá bibliografia básica e atualizada, e as atividades devem visar a preparação do profissional para atuar em contextos diversos, tanto no âmbito da pesquisa quanto de órgãos públicos ou instituições privadas nos quais o arqueólogo possa ter assento e contribuir, de forma significativa, para a ampliação do conhecimento e a preservação/conservação dos bens culturais e sítios arqueológicos em geral. Neste sentido deve sempre procurar interligar teoria e prática, conhecimento sistematizado e ação profissional.

Os docentes utilizarão, além do espaço da sala de aula, outros espaços, tais como os laboratórios de Arqueometria e Arte Rupestre; de Arqueologia e Estudos de Tecnologia (LATEC); de Paleontologia; de Arqueologia Marítima e Subaquática (LARQSUB) e de Osteoarqueologia (LOA); do Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP) e do Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP), para atividades do curso, de forma a garantir formação articulada com o campo de trabalho e responder às

exigências da atualidade. O Laboratório de informática, por exemplo, é utilizado em diferentes atividades do curso incluindo-se, neste particular, o contexto das novas tecnologias da comunicação e da informação, com o intuito de proporcionar ao estudante o uso competente das tecnologias para aprimoramento da prática profissional e sua ampliação na formação cultural, com atenção especial para a relação ensino / novas tecnologias, pois a interação entre tecnologia e Arqueologia necessita de um movimento interdisciplinar que permita pensá-la ao longo de todo o curso, como conceito e como prática.

Seguindo o princípio acima, o(a) professor(a) deve procurar desenvolver atividades que dêem oportunidade de diálogo com o aluno e permitam sua participação ativa, facultando-lhe manifestar atitude crítica, inclusive relativa à postura docente.

A assistência do(a) professor(a) deve priorizar a necessidade de rompimento de barreiras de cunho pedagógico, por parte do discente, a fim de que ele alcance a competência exigida em sua formação.

3.4.2 Da Postura do Discente

A aprendizagem é geralmente um processo lento e depende, quase que exclusivamente, do interessado. A presença do professor serve para orientar, apontar caminhos, motivar, mediar e sugerir aprofundamentos. Porém, ninguém pode aprender pelo aluno. Logo, cabe a este procurar acompanhar o processo de ensino, agindo sempre no sentido de ampliar seu aprendizado, adotando para isso atitudes responsáveis, sobretudo no cumprimento das atividades curriculares que a ele são apresentadas; deve demonstrar comprometimento e adotar uma postura de pesquisador, condição exigida de um bacharel nesta área, sendo assim responsável por sua própria formação profissional, no sentido de buscar autonomia intelectual como pré-requisito para a autonomia profissional. A sua participação em projetos de pesquisa (IC, ICV, PIBIC...) e de Monitoria é recomendada, para que se ampliem as oportunidades de vivenciar situações de produção técnico-científica, de gestão e prática de docência, bem como para permitir o contato do estudante com a realidade

social, cultural e econômica da sociedade, o que se refletirá no seu aprimoramento pessoal e profissional.

4 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS

4.1 Políticas institucionais de Ensino, Pesquisa e Extensão

As atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão no âmbito da Universidade Federal do Piauí (UFPI) são desenvolvidas a partir de diferentes modalidades. Com base neste tripé, objetiva-se contribuir tanto com a formação intelectual dos discentes, quanto com a sociedade, de forma direta, por meio de ações de extensão e, indiretamente, com a disponibilização dos resultados das pesquisas acadêmicas.

Conforme o PDI/UFPI (2020-2024) a UFPI “[...] tem o compromisso social de atender às demandas locais e regionais nas quais estão inseridos seus *campi*, oferecendo à comunidade cursos de educação profissional técnica de nível médio, extensão, superior e pós-graduação”. Mas especificamente as Graduações são destinadas à formação acadêmica e profissional, acessíveis a candidatos que tenham concluído o ensino médio regular, ou equivalente, e que tenham obtido classificação em processo seletivo.

O ensino de graduação visa a obtenção de qualificação universitária específica, enquanto o ensino de pós-graduação contempla o nível *stricto sensu* (cursos de mestrado acadêmico, doutorado e mestrado profissional) e o nível *lato sensu* (cursos de especialização) que visam a habilitação, para o exercício, em nível avançado, do ensino, da pesquisa e de atividades correlatas, sendo aberto a candidatos que concluíram curso de graduação (PDI UFPI, 2020-2024).

Um importante instrumento de ensino é viabilizado através do Programa de Monitoria, conforme se encontra explicitado na página da Coordenadoria de Administração Acadêmica Complementar (CAAC):

regulamentado pela Resolução Nº 76/15–CEPEX, de 09/06/2015, tem por finalidades despertar nos alunos o interesse pela carreira docente superior e contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de graduação seja presencial ou à distância, desta Instituição Federal de Educação Superior (IFES) e, se constitui de duas modalidades: Monitoria Remunerada e Monitoria Não Remunerada.

Em relação à política de pesquisa na UFPI ela ocorre principalmente através dos Programas de: Iniciação Científica e Tecnológica, Bolsa de Produtividade, Incentivo à Publicação e Missão no Exterior.

Em relação à política de extensão e às modalidades existentes na UFPI, de acordo com o site da PREXC/UFPI (<https://www.ufpi.br/extensao/modalidades-de-extensao> acesso em 25/11/2023):

As atividades de extensão são articuladas com o ensino e a pesquisa de forma indissociável, desenvolvidas por meio das seguintes ações ou modalidades de extensão:

I - Programa: conjunto de ações de caráter orgânico-institucional, de médio a longo prazo, com clareza de diretrizes e orientadas a um objetivo comum, articulando as ações de extensão com os incisos II, III, IV, V e VI deste artigo, além das ações de pesquisa e de ensino.

II - Projeto: conjunto de ações processuais e contínuas de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, para alcançar um objetivo bem definido de um programa a que se vincule; limitado em um prazo determinado, dele deve resultar um produto que concorra para realizar o objetivo geral do programa e para a expansão ou aperfeiçoamento das instituições envolvidas:

a) O Projeto pode estar vinculado a um Programa (forma preferencial) ou ser registrado como Projeto não-vinculado.

III - Curso: conjunto articulado de ações pedagógicas, de caráter teórico ou prático, presencial ou à distância, planejadas e organizadas de modo sistemático, com carga horária mínima de oito horas e processo de avaliação:

a) Atividades com menos de oito horas devem ser classificadas como do tipo evento;

b) Os cursos são classificados em três categorias: presencial ou à distância, com carga horária menor ou igual/superior a trinta horas; iniciação, atualização ou treinamento/qualificação profissional, sendo que quando se tratar de treinamento/qualificação profissional deve ser realizado com carga horária mínima de quarenta horas.

IV - Evento: ações que implicam na apresentação e exibição pública e livre, ou, também, com clientela específica do conhecimento ou produto cultural, científico e tecnológico, desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade:

- a) Congresso;
- b) Fórum;
- c) Seminário;
- d) Semana;
- e) Exposição;
- f) Espetáculo;
- g) Evento esportivo;
- h) Festival ou equivalentes.

V - Prestação de Serviço: atividade de transferência à comunidade do conhecimento gerado e instalado na UFMS (*sic*), incluindo-se nesse conceito assessorias e consultorias, pesquisas encomendadas e atividades contratadas e financiadas por terceiros (comunidade ou empresa). Caracteriza-se por intangibilidade, inseparabilidade e não resulta na posse de um bem.

a) Deve ser registrada a prestação de serviço classificada nos grupos: Serviço Eventual; Assistência à Saúde Humana; Assistência à Saúde Animal; Laudos Técnicos; Assistência Jurídica e Judicial; Atendimento ao Público em Espaços de Cultura, Ciência e Tecnologia; Atividades de Propriedade Intelectual;

b) As atividades de propriedade intelectual devem primeiramente receber o parecer jurídico da Procuradoria Jurídica da UFMS (*sic*), devido à legislação pertinente específica;

c) Quando a prestação de serviço for um curso ou um projeto de extensão, deve ser registrada como tal (curso ou projeto).

VI - Publicação e Outro Produto Acadêmico: caracteriza-se como a produção de publicações e produtos acadêmicos decorrentes das ações de extensão, para difusão e divulgação cultural, científica ou tecnológica.

a) Deve ser registrado o produto classificado nos grupos: Livro, Capítulo de Livro, Anais, Comunicação, Manual, Jornal, Revista, Artigo, Relatório Técnico, Produto Audiovisual-Filme, Produto Audiovisual-Vídeo, Produto Audiovisual-CDROM, Produto Audiovisual-DVD, Produto Audiovisual-Outros, Programa de Rádio, Programa de TV, Software, Jogo Educativo, Produto Artístico e Outros.

4.2 Apoio ao Discente

O apoio ao discente se fará por meio das seguintes estratégias:

- Núcleo de Apoio ao Discente - NAD: No início de cada semestre letivo, em reunião pedagógica registrada em Ata, visando uma circularidade entre os professores e professoras, no mínimo três docentes do curso disponibilizam um horário de atendimento semanal (2 horas) para orientar discentes com dificuldades de aprendizagem, de organização de estudos ou outros temas pedagógicos. Para esse atendimento faz-se necessário apenas que o aluno agende previamente um horário, dentro dos que estão disponibilizados no semestre.
- Realização de seminários para complementação de conteúdos, conforme a demanda dos alunos.
- Aproveitamento de ações diversas oferecidas pela PRAEC tais como: bolsas e benefícios estudantis destinados exclusivamente a estudantes em situação de

vulnerabilidade socioeconômica; serviço social, responsável pelo planejamento de ações de assistência estudantil, com o objetivo de melhorar o desempenho acadêmico dos estudantes; serviço de apoio psicológico, visando a resolução de problemas psicossociais; apoio à representação estudantil; serviço odontológico e serviço oferecido pelo Restaurante Universitário como forma de acesso a uma alimentação nutritiva e balanceada;

- NAU - O Núcleo de Acessibilidade da UFPI (NAU/PRAEC), que tem por objetivo garantir o acesso, a permanência, o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem de estudantes incluídos no público alvo da educação especial (deficiências, transtorno do espectro autista – TEA e altas habilidades/superdotação).

5 SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

5.1 Autoavaliação Institucional

O processo de autoavaliação institucional é efetivado pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), a qual publica relatórios de autoavaliação que contemplam as dez dimensões do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES, anualmente, no sistema E- MEC.

A metodologia da autoavaliação da UFPI baseia-se nos princípios de: adesão voluntária, avaliação total e coletiva, unidade de linguagem e competência técnico-metodológica, sendo realizada pela CPA com o apoio da Diretoria de Governança (DGOV), obedecendo às normas propostas pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES.

No âmbito do Curso de Arqueologia, são utilizadas metodologias e critérios para o acompanhamento e avaliação do processo ensino- aprendizagem, em consonância com o sistema de avaliação e a dinâmica curricular definida pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFPI e aprovada pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPEX), embasados nos referenciais de qualidade para os cursos de graduação.

A abordagem pedagógica do curso pressupõe o aluno como construtor de seu conhecimento e da sua história, buscando a necessária relação entre a teoria e a

prática. Desde o início do curso, os discentes têm oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas que os estimulam a: ler e interpretar textos; analisar e criticar informações; extrair conclusões por indução e/ou dedução; estabelecer relações, comparações e contrastes em diferentes situações; detectar contradições; fazer escolhas valorativas, avaliando consequências; questionar a realidade e argumentar coerentemente, de forma a proporcionar-lhes competências e habilidades para propor ações de intervenção e soluções para situações-problema; elaborar perspectivas integradoras, sínteses e, também, administrar conflitos dentro das temáticas pertinentes ao Curso.

5.2 Processo de Avaliação do Curso

Durante a execução do currículo ocorrerá, ao final de cada semestre, uma avaliação, a ser realizada através de consultas a professores e alunos, as quais serão analisadas e discutidas em reuniões pedagógicas.

Após a conclusão da 1ª turma do novo plano pedagógico, pretende-se implantar um sistema de acompanhamento do egresso, através da aplicação de questionários, usando para isso meios eletrônicos, com o objetivo de verificar a inserção do profissional no mercado de trabalho ou o prosseguimento de sua formação. Em tal avaliação serão considerados os aspectos relacionados aos objetivos e perfil do profissional-arqueólogo que o curso deseja formar.

Caberá ao Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Arqueologia, já constituído e atuante, planejar, organizar e coordenar ações para a implantação, desenvolvimento e avaliação deste currículo, assim como sistematizar resultados e propor novos encaminhamentos.

5.3 Processo de Avaliação dos Alunos

As avaliações deverão verificar quais conteúdos, competências e habilidades foram adquiridos/desenvolvidos pelo aluno ao longo do processo de formação. O

aluno será avaliado no decorrer de cada disciplina, em conformidade com a Resolução nº 177/12 do CEPEX/UFPI (UFPI, 1995), que regulamenta a verificação do rendimento escolar. Desta forma, para efeito de registro, o número de notas parciais deverá ser proporcional à carga horária da disciplina, respeitado o mínimo de: I – 2 (duas), nas disciplinas com carga horária igual ou inferior a 45 (quarenta e cinco) horas; II – 3 (três), nas disciplinas com carga horária de 60 (sessenta) a 75 (setenta e cinco) horas; III – 4 (quatro), nas disciplinas com carga horária superior a 75 (setenta e cinco) horas. O rendimento acadêmico deve ser expresso em valores de 0 (zero) a 10 (dez), variando até a primeira casa decimal, após o arredondamento da segunda casa decimal. Será considerado “aprovado” no componente curricular o aluno que: I – obtiver frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do componente curricular e média aritmética igual ou superior a 7 (sete) nas avaliações parciais; II – submetido ao exame final, obtiver média aritmética igual ou superior a 6 (seis), resultante da média aritmética das avaliações parciais e da nota do exame final.

Embora exista um sistema único de avaliação para a IES, em termos de períodos e notas, a avaliação dos alunos de Arqueologia se dá de forma contínua, não se limitando a instrumentos como provas e exames, mas incentivando e valorizando a realização de trabalhos teóricos e/ou práticos, seminários, provas práticas, discussão de casos, entrevistas, relatórios etc.

Embora o desempenho do aluno seja avaliado continuamente nas disciplinas, é no Estágio Supervisionado que se verificará com mais intensidade a postura profissional, o relacionamento interpessoal, o trabalho em equipe, a participação, a organização e a responsabilidade, entre outros valores.

O curso de graduação em Arqueologia utilizará, assim, metodologias e critérios para o acompanhamento e avaliação do processo ensino - aprendizagem em consonância com o sistema de avaliação definido pela UFPI, mantendo a comunidade universitária informada sobre os resultados obtidos. Tal prática constituir-se-á em poderoso instrumento dialético de identificação de novos rumos para a prática de condutas acadêmicas e formação profissional.

6 EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS

1º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Seminário de Introdução ao Curso	CACAR/ CCN008	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.0.0	15 h	-	
EMENTA: Estrutura e funcionamento da UFPI. Apresentação do curso: Estrutura curricular. Proposta pedagógica (PPC). Corpo docente. A arqueologia e o arqueólogo: campo acadêmico e profissional.			
OBJETIVO: Apresentar a Universidade, o Curso e sua estrutura, o corpo docente e suas pesquisas aos alunos ingressantes. Orientar o uso do SIGAA. Proporcionar a socialização entre discentes ingressantes e demais discentes e docentes.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Informações gerais sobre o funcionamento da UFPI. Disponível em: www.ufpi.br .			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Curso de Arqueologia. Projeto Político Pedagógico.			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Normas de funcionamento dos cursos de graduação da Universidade Federal do Piauí. Disponível em: https://ufpi.br/regulamento-da-graduação-preg .			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. 3. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 1999.			
PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: UNB Editora, 1992.			
BICHO, N. F. Manual de Arqueologia Pré-histórica. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.			

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí.** Disponível em: http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf.

UNIVERSIDADE FEDERAL PIAUÍ. **Guia do Calouro.** 2018. Disponível em: http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PREG/Guia_do_Calouro_2018-1.c20180425171719.pdf.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Introdução ao Pensamento Arqueológico	CACAR/CCN001	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	
EMENTA: Relação do colecionismo e do antiquariado moderno com as raízes da arqueologia. Estabelecimento das primeiras tipologias. Cronologias na sistematização das coleções de antiguidades existentes em museus, associações de eruditos, ou sob a posse de indivíduos. Principais paradigmas da arqueologia: histórico-culturalismo, processualismo e pós-processualismo.			
OBJETIVO: Potencializar os/as estudantes a identificar as bases do pensamento científico arqueológico, realizando um histórico do surgimento da disciplina e um panorama dos seus principais paradigmas teórico-metodológicos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BICHO/ Nuno Ferreira. Manual da Arqueologia Pré-histórica . Lisboa: Edições 70, 2006.			
FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia . São Paulo: Contexto, 2003.			
TRIGGER, Bruce. História do Pensamento Arqueológico . São Paulo: Odysseus Editora, 2004.			

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**. v. 8, n. 2, outubro, 1962.

CERAM, C. W.. **Deuses, Túmulos e Sábios**: as grandes descobertas da arqueologia. 21. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

DUNNEL, Robert C. Classificação em Arqueologia. São Paulo: EDUSP, 2006.

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica - Una Introducció**n. Barcelona: Ariel S. A., 2000.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. v. 6, n. 1. janeiro/abril, 2011.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología**: teoria, métodos y practica. Madrid: Akal Ediciones, 1993.

WYLIE, Alison. Thinking from Things. **Essays in the Philosophy of Archaeology**. Berkeley: University of California Press, 2002.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e Ciências Sociais	CACAR/CCN002	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	

EMENTA:

Desenvolvimento do pensamento moderno e das ciências sociais. Positivismo. Evolucionismo. Marxismo. Estruturalismo. Pós-modernismo. Pós-colonialismo: principais autores, obras e influências teóricas nas ciências sociais. Modernidade. Diálogos entre os saberes: as ciências humanas e sociais na arqueologia.

OBJETIVO:

Compreender o nascimento e desenvolvimento das primeiras correntes das Ciências Sociais, em sentido amplo, e suas correlações com a Arqueologia. Desenvolver o senso crítico em relação ao contexto de surgimento dos principais paradigmas das Ciências Sociais e Humanas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:
ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico . 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia . 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.
LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf .
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:
BURKE, Peter. O que é história cultural . Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
GIDDENS, Antony. As consequências da modernidade . São Paulo: UNESP, 1991.
KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas . 7. ^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
MORIN, Edgar. Ciência com consciência . 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
NETTO, José Paulo. O que é marxismo . 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009 (Coleção Primeiros Passos).

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:	
Nome		Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Origem e Evolução Humana			Disciplina Obrigatória	
		CACAR/CCN003		
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):		
2.0.0	30 h	-		

EMENTA:

O processo evolutivo. Primatas e o processo de hominização. As características físicas dos primeiros homínídeos e homíníneos e o seu registro fóssil. O aparecimento do ser humano na Terra.

OBJETIVO:

Apresentar o processo evolutivo humano do ponto de vista físico, desde os ancestrais do gênero humano ao *Homo sapiens*; compreender a interrelação entre biologia e cultura no processo de hominização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CUNHA, Eugênia. **Como nos tornamos humanos**. 2.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Estado da Arte, 2010. Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/52790>. Acesso em: 10/07/2023.

DAWKINS, Richard. **A grande história da evolução**: na trilha dos nossos ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOBZHANSKY, Theodosius Grigorievich. **O Homem em evolução**. 2ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968. 422p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BERGER, Lee, HILTON-BARBER, Brett. **In the footsteps of Eve**: The mystery of human origins. Washington: National Geographic Society, 2000.

BERGER, Lee; HAWKS, John. **Almost Human**: The Astonishing Tale of Homo naledi and the Discovery That Changed Our Human Story. Washington: National Geographic Society, 2017.

DARWIN, Charles. A origem das espécies. 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/zLMPX>

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.
JOHANSON, Donald; EDGARD Blake; BRILL, David. **From Lucy to Language**. New York: Simon & Schuster, 2006.

STRINGER, Chris; ANDREWS, Peter. **The Complete World of Human Evolution**. Thames & Hudson, 2012.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e História das Primeiras Sociedades	CACAR/CCN004	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.0.0	30 h	-	
EMENTA: Primeiros conceitos. Métodos e periodizações da arqueologia. Surgimento e desenvolvimento das primeiras culturas e civilizações: tecnologia, organização sociocultural e econômica.			
OBJETIVO: Apresentar as primeiras culturas humanas, sua expansão e sua conceitualização arqueológica; Compreender o processo de Neolitização e a formação das primeiras civilizações.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CUNHA, Eugênia. Como nos tornámos humanos . 2.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Estado da Arte, 2010. Disponível em: https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/52790 . Acesso em: 10/07/2023.			
LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. O povo do lago : o homem – suas origens, natureza e futuro. 2.ed. Brasília: UNB, 1996.			
OLSON, Steve. A história da humanidade . Rio de Janeiro: Campus, 2003.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CONDEMI, Silvana; SAVATIER, François. As últimas notícias do Sapiens: Uma revolução nas nossas origens . Vestígio, 2019.			
FOLEY, Robert. Os humanos antes da humanidade . São Paulo: UNESP, 2003.			
GOWLETT, John. Arqueologia das primeiras culturas . Barcelona: Folio, 2007. 212p.			
MITHEN, Steven. Pré- História da Mente . São Paulo: Unesp, 2002.			

RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf>

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	
Arqueologia e Ciências Naturais	CACAR/CCN005	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	

EMENTA:

Átomo. Molécula. Íon. Elemento Químico. Tabela Periódica. Isótopos, isóbaros, isótonos. Substâncias Simples e Compostas. Funções Químicas. Soluções. Misturas. pH e pOH. Espectro eletromagnético. Processos nucleares. Ciclos Biogeoquímicos. Operações básicas em matemática (regra de três simples, equações). Princípios de Geometria. Teorema de Pitágoras. Cálculos de datação, por diferentes métodos. Noções de Ciências bio/geo-arqueológicas. Homem, fauna e ecologia. Noções de Taxonomia e Sistemática. Tafonomia.

OBJETIVO:

Revisar com os discentes os diferentes conceitos das Ciências Exatas e Naturais aplicados na pesquisa arqueológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ATKINS, Peter; JONES, Loretta. **Princípios da Química** - Questionando a vida moderna e o meio ambiente. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.

BRADY, James E.; HUMISTON, Gerard E. **Química Geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1983. Volume 1.

MAHAN, Bruce M.; MYERS, R. J. **Química** - Um Curso Universitário. 4. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1995.

MATEUS, J. E.; MORENO-GRACÍA, M (Eds.). **Trabalhos de Arqueologia 29 - Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela**

da Cultura. Ministério da Cultura de Portugal. 2003. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/publications/trabalhos-de-arqueologia-29-paleoecologia-humana-e-arqueociencias-um-programa-multidisciplinar-para-a-arqueologia-sob-a-tutela-da-cultura>.

NEVES, E. G. (Coord.). **Biodiversidade e Agrobiodiversidade Como Legados de Povos Indígenas**. Coleção Povos Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Vol. 6:12-32, SBPC. 2021. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/livro/povostradicionais6.pdf>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BECK C. W. **Archaeological Chemistry**. Ed. American Chemical Society, Advances in Chemistry Series, 1974.

BEDNARIK, Robert G. **Rock Art Science**: the scientific study of paleoart. New Delhi: Ed. Aryan Books International, 2007.

BROTHWELL, D.; HIGGS E. **Science in Archaeology, a survey of progress and research**. Thames & Hudson, London, 1969.

GUERRA, R. T. et al. Fundamentos de Sistemática e Biogeografia. Ciências Biológicas – Cadernos CB Virtual, 1. Ed. Universitária, Universidade Federal da Paraíba. ISBN: 978-85-7745-678-9. 2011. Disponível em: http://portal.virtual.ufpb.br/biologia/novo_site/Biblioteca/Livro_1/4-Fundamentos_de_Sistemática_e_Biogeografia.pdf

RODNEY, Carlos Bassanezi. **Modelagem Matemática**: Ensino e Aprendizagem. Editora Contexto, 2002.

RUSSELL, John Blair. **Química Geral**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2008. Volumes 1 e 2.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica	CACAR/CCN006	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	

EMENTA:

Conceitos de ciência e de método. Arqueologia como ciência. Procedimentos de leitura. Procedimentos de pesquisa bibliográfica: elaboração de fichamentos e resumos. Elaboração e normatização de trabalhos científicos.

OBJETIVO:

Analisar aspectos da metodologia científica e da produção do conhecimento em Arqueologia; compreender o método de investigação e a importância da produção científica para a leitura crítica dos problemas humanos; discutir sobre o aspecto científico da ciência e da ciência arqueológica; desenvolver habilidades pertinentes aos procedimentos de pesquisa e das normas técnicas do trabalho científico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724/2011:**

Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/>>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica:** ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. rev. e amp. São Paulo: Cortez, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10719/1989:** Apresentação de relatórios técnico-científicos.

_____. **NBR 10520/2002:** Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Citações em documentos. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/>>.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese.** 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. Metodologia da pesquisa arqueológica: uma introdução. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi.** Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 513-516, set.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n3/02.pdf>.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología:** teorías, métodos y práctica. 3.ed. Madrid: Akal, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Patrimônio Cultural e Legislação	CACAR/CCN007	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	
EMENTA: Cartas patrimoniais. A relação entre preservação patrimonial e natural e a socialização do conhecimento arqueológico através da educação. Legislação brasileira de preservação do Patrimônio cultural, do patrimônio arqueológico do patrimônio natural (Constituição Federal, Leis Federais que incidem sobre patrimônio cultural e natural, Portarias e Resoluções IPHAN, IBAMA e Interministeriais). Os efeitos do tombamento e outros instrumentos legais sobre o patrimônio arqueológico. Licenciamento ambiental.			
OBJETIVO: Compreender o contexto internacional de criação e de desenvolvimento de acordos e da legislação patrimonial brasileira; conhecer a legislação brasileira que incide sobre o patrimônio cultural e ambiental e o processo de licenciamento; entender os aspectos legais pertinentes à socialização do patrimônio.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CURY, Isabele. Cartas Patrimoniais . Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.			
FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil . Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.			
HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Guia prático de Educação patrimonial . Brasília: IPHAN, 1999.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GONÇALVEZ, J. Reginaldo Santos. A Retórica da Perda . Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/IPHAN, 1996.			
LEMOES Carlos A.C. O que é patrimônio histórico . 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.			

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1995.

SOARES, A L. Ramos. **Educação Patrimonial:** Relatos e Experiências. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN-Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/legislacao>.

2º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Técnicas de Laboratório em Arqueologia I	CACAR/CCN009	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.1.0	45 h	-	

EMENTA:

Tratamento do material arqueológico. Limpeza. Identificação. Registro. Acondicionamento. Sistemas de classificação. Sistemas de análise.

OBJETIVO:

Apresentar os conceitos e teorias envolvidas na curadoria, conservação e classificação de materiais arqueológicos. Praticar procedimentos de curadoria de materiais arqueológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

DUNNEL, Robert C. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2006.

RESOURCE: The Council for Museums, Archives and Libraries. **Conservação de Coleções**. São Paulo: EDUSP/Fundação Vitae, 2005. (Museologia. Roteiros Práticos; 9).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOTTALLO, Marilúcia. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. n. 6. São Paulo: EDUSP, 1996.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. **CANIDÉ**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. n. 4. Aracaju: UFS, dezembro de 2004.

LORÊDO, Wanda M.. **Manual de Conservação em Arqueologia de Campo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.

MARTINS, Dilamar Cândida et. al.. Gestão e tratamento do acervo arqueológico: rta – salas Judite Ivanir Breda. **Revista de Arqueologia**. v. 14/15. São Paulo: SAB, 2001 – 2002.

ROUSE, Irving. The classification of artifacts in archaeology. **American Antiquity**. v. 23, n. 3, 1960.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Teorias e Métodos em Arqueologia	CGP0040	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	CACAR/CCN001- Introdução ao Pensamento Arqueológico	

EMENTA:

Revisão das principais Teorias Arqueológicas: princípios, conceitos alicerçais, correntes teóricas clássicas (Histórico-culturalismo, Processualismo e Pós-Processualismo) e correntes teóricas contemporâneas (Outras Ontologias em Arqueologia, Narrativas Alternativas em Arqueologia, Arqueologia como Ação Política e Decolonialidade, Arqueologia da Sexualidade).

OBJETIVO:

Potencializar os/as estudantes a identificar as teorias existentes; construir um panorama dos diferentes tipos de Arqueologias possíveis; oferecer um referencial teórico, metodológico e conceitual para o desenvolvimento de pesquisas na área, bem como engajamento público com a sociedade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

REIS, José Alberione dos. “**Não pensa muito que dói**”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

SILVA, F.2011. Arqueologia como tradução do passado no presente. **Amazônica**, v.2, n.2, p.260-267.

LIMA, T. 2013. Arqueologia como ação sociopolítica: o caso do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, 7 (1): 179-207.

HABER, A. 2021. A descolonização do pensamento arqueológico na América do Sul: subjetividades sul-americanas. In: NAVARRO, A. FUNARI, R. (orgs). **Memória, Cultura Material e Sensibilidade: estudos em homenagem a Pedro Paulo Funari**. São Luís: Edufma, p.115 - 143.

RIBEIRO, L;RANZINI, B; SCHIMIDT, S e PASSOS, L.2017. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. **Estudos Feministas**, 25 (3): 1093-1110.

VOSS, B. 2000. Feminisms, queer theories, and the archaeological study of past sexualities. **World Archaeology**, v.32.

ZARANKIN, A. 2014. A persistência da memória"... histórias não-lineares de arqueólogos e foqueiros na antártica. **Revista de Arqueologia da SAB**, vol. 27, n.2.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	
			Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e Ciências Humanas	CACAR/CCN011	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	

EMENTA:

Conceitos ligados à organização cultural, social e espaço-temporal dos grupos humanos em uma visão transdisciplinar. Grupos étnicos. Sinais diacríticos. Etnocentrismo. Sociedade: Espaço, fronteira. território. Cultura: processos e componente culturais (costumes, valores, crenças, rituais, religião, língua, entre outros). Cultura material.

OBJETIVO:

Apresentar os principais conceitos ligados à Ciências Humanas tais como: Cultura, grupo étnico, fronteira étnica, identidade e outros. Analisar os processos de interação interétnica tais como hibridismo, acomodação, tradução, apropriação, negociação, dentre outros.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. 7.ed., São Paulo: Atlas, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

FUNARI, P. P. **Cultura Material e Arqueologia Histórica** – Campinas, SP : UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Rio de Janeiro: Vozes, s/d.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1992.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, p. 11-23, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/899PQPGsVV5WGXNyxXqzhwc/?format=html>.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia das Américas	CACAR/CCN012	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	
EMENTA: Correntes teóricas. Periodização. Povos pré-colombianos: sudoeste e nas planícies estadunidenses; México; América Central; sociedades andinas e subandinas. Terras Altas. Terras Baixas.			
OBJETIVO: Discutir Arqueologia Americana como história de longa duração dos povos indígenas; apresentar as teorias de ocupação humana do continente Americano no período pré-colonial e sua periodização; apresentar os processos de complexificação evidenciados nas Américas; apresentar as sociedades e suas hierarquias. Discutir o impacto da colonização européia nas Américas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ADOVASIO, J. M.; PAGE, J. Os primeiros americanos . Rio de Janeiro: Record, 2011.			
FIEDEL, S. Prehistoria de América . Barcelona: Critica, 1996.			
NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. O povo de Luzia . Em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			

AMICO, J. C. **Ciudad y territorio em los Andes. Contribuciones a la historia del urbanismo prehispánico**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.

DAVIES, N. **Los antiguos reinos del Peru**. Barcelona: Critica, 1998.

FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (Piauí): Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento das Américas, 1996.

GENDROP, P. **A civilização maia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MEGGERS, B. **América pré-histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueologia**. Teoria, métodos y práctica. Madri: Akal, 1993.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arte Rupestre I	CACAR/CCN013	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	CACAR/CCN 004 – Arqueologia e História das Primeiras Sociedades	
EMENTA: Definição de arte rupestre. Métodos de estudo. O estudo da arte rupestre ao redor do mundo: Europa, Ásia, África, América. O estudo de arte rupestre no Brasil. Classificação dos sítios rupestres no Brasil e no Piauí.			
OBJETIVO: Compreender o significado da expressão arte rupestre e conhecer métodos de estudo desse tipo de vestígio; observar e comparar características da arte rupestre de diferentes partes do mundo; aplicar conceitos e reconhecer classificações.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
GUIDON, N. As Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato . Revista CLIO, Recife, n. 5, 1988. (Série Arqueológica).			
MARTIN, G. Pré-História do Nordeste . 5. ed. Recife, UFPE, 2013.			

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UnB, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BAHN, P. **Prehistoric Art**. Cambridge, Cambridge University Press. 1998.

CORREIA, A.C. **Engraved World**: a contextual analysis of engravings and markings in South-Eastern Piauí, Brazil. PhD Thesis. Newcastle University (UK), 2009.

COMERLATO, F. **As representações rupestres do litoral de Santa Catarina**. CONGRESSO DA SAB: arqueologia, patrimônio e turismo, XIII, 2005, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grande (MS): Ed. Oeste, 2005. CD ROM.

GUIDON, N.; BUCO, C. **Zone 3**: Brésil - Nordeste – Etats du Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: ICOMOS - World Heritage Convention. (Org.) Paris, Rock Art of Latin America & the Caribbean, n. 1, p. 122-137, 2006.

WHITLEY, D. **Introduction to Rock Art Research**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc. 2005.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Geologia Geral e do Quaternário	CACAR/CCN014	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60 h	-	

EMENTA:

Estrutura da Terra e a Tectônica de Placas. O tempo geológico. Vulcanismo. Ciclo das rochas. Clima, intemperismo e erosão. Princípios de estratigrafia. Definição do Período Quaternário. As glaciações pleistocênicas e suas prováveis causas. As mudanças paleoclimáticas e suas prováveis causas. Neotectônica e tectônica quaternária. Quaternário litorâneo brasileiro. Quaternário Continental do Brasil. Ambientes cársticos.

OBJETIVO:

Introduzir conhecimentos sobre Geologia das formações do Quaternário; esclarecer a relação que existe entre as formações sedimentares quaternárias e os contextos deposicionais arqueológicos; articular esses conhecimentos em perspectiva regional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GROTZINGER, John; JORDAN, Tom. **Para entender a Terra**. 6ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 738p.

SILVA, Cassio Roberto da. **Geodiversidade do Brasil**: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. 265p.

SUGUIO, Kenitiro. **Geologia do Quaternário e mudanças ambientais**. São Bernardo do Campo: Oficina de Textos, 2010. 408p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOWEN, D. Q. **Quaternary Geology - A Stratigraphic Framework for Multidisciplinary Work**. Londres: Pergamon, 1978, 217 p.

FLINT, R. F. **Glacial and Quaternary Geology**. Nova York: John Wiley & Sons, 1971, 892 p.

MATINI, L. et al. **Fundamentos e reconstrução de antigos níveis marinhos do Quaternário**. Boletim IG- USP, publicação Especial 4, 1986, 161 p.

SANTOS, Janaina Carla dos. **O Quaternário do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil**: Morfoestratigrafia, sedimentologia, geocronologia e paleoambiente. Recife: Programa de Pós-Graduação em Geociências (UFPE), 2007. (Tese de Doutorado).

SUGUIO, Kenitiro; SUZUKI, Uko. **A Evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida**. São Paulo: Edgard Blucher, 2003. 152p.

VIVAS, L. (1984) **El Cuaternario**, Mérida (Venezuela), Imprenta, 266 p.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Amostragem e Tratamento de Dados	CACAR/CCN015	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60 h	-	

EMENTA:

Definições, conceitos e princípios estatísticos. Análise exploratória de dados (distribuição de frequências, representações gráficas, medidas de tendência central, distribuição, dispersão e assimetria). Amostragem e estimação (conjunto de dados, esforço amostral, tamanho das amostras, tipos de amostragem, principais parâmetros, distribuição amostral, intervalos de confiança, precisão e exatidão). Interpretação de dados amostrais.

OBJETIVO:

Capacitar os discentes no uso da informática para análise de dados arqueológicos; qualificar os discentes na aplicação de análises estatísticas para questões e coleções arqueológicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

LAPPONI, Juan Carlos. **Estatística usando excel**. São Paulo: Lapponi Treinamento, 2000.

LEVIN, Jack. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1978.

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. **Estatística básica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CARVALHO FILHO, Sergio de. **Estatística básica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

DRENNAN, R. D. **Statistics for Archaeologists: a common sense approach**. 2. ed. Berckley: Springer, 2009.

GATTI, Bernardete Angelina; FERES, Nagibe Lima. **Estatística básica para ciências humanas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco. **A Arqueologia e as Tecnologias de Informação**. Uma Proposta para o Tratamento Normalizado do Registo Arqueológico. Dissertação (Mestrado em Arqueologia – Universidade do Minho, Braga, 2001. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8603/1/TESE_MEST_RADO.pdf. Acesso em: 26 abr.2019.

3º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Técnicas de Laboratório em Arqueologia II	CACAR/CCN016	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.3.0	60 h	CACAR/CCN009-Técnicas de Laboratório em Arqueologia I	
EMENTA: Chave de classificação. Ficha de análise. Prática em análises de materiais arqueológicos.			
OBJETIVO: Compreender o processo de construção das informações arqueológicas envolvendo a relação entre atividades de campo e de laboratório. Praticar procedimentos de análise de materiais arqueológicos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BUENO, L.; ISNARDIS, A. (Orgs.). Das Pedras aos Homens : tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.			
CHMYZ, Igor (Ed.). Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica . Curitiba: CEPA/UFPR, 1966. (Série Manuais de Arqueologia, n. 1).			
TOCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo. A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. Revista de Arqueologia . v. 22, n. 1, jan./jul., 2009.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			

ALVES, Márcia A.. Estudo técnico em cerâmica do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. n. 4. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANDREFSKY JR., William (Ed.). **Lithic Debitage**: context, form, meaning. Salt Lake City: University Of Utah Press, 2001.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: EDUFPR, 1967.

PORTON, Clive. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PROUS, André. Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. In: **Arquivos do Museu de História Natural – UFMG**. Belo Horizonte: UFMG, v. 11, 1986/90.

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Bava. **Cacos e mais cacos de vidro**: o que fazer com eles? São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2005.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Técnicas de Trabalho de Campo I	CACAR/CCN017	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.3.0	60h	CGP0040-Teorias e Métodos em Arqueologia	

EMENTA:

Emprego e funcionalidade de diferentes métodos e técnicas de pesquisa arqueológica de campo: prospecção. Levantamentos preliminares. Levantamentos em campo.

OBJETIVO:

Apresentar a importância da prospecção e de seu planejamento; fazer com que o aluno conheça e aplique procedimentos inerentes à prospecção; vivenciar situações práticas em campo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BICHO, N. F. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 85-185.

DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125-143.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueología: teoria, métodos y practica**. Madrid: Akal Ediciones, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ARAUJO, A. G. M. **Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.

FISH, S. K.; KOWALEWSKI, S. A. (Eds.). **The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

GARCÍA-DIEZ, Marcos; ZAPATA, Lydia. Métodos y Técnicas de análisis y estudio en arqueología prehistórica. **Universidad del País Vasco**, 2013.

JOUKOWSKY, M. **A Complete Manual of Field Archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists**. New York: Prentice-Hall Press, 1986.

REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. **AmericanAntiquity**. 38 (1), 1973, p. 61-79.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia Latino-Americana	CACAR/CCN018	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	
EMENTA:			
Origem. Desenvolvimento. Perspectivas teórico-metodológicas. Arqueologia social latino-americana. Desdobramentos críticos na América Latina e Brasil.			
OBJETIVO:			
Analisar a origem e desenvolvimento da Arqueologia Social Latino-americana; compreender o desenvolvimento da Arqueologia e suas vertentes críticas na América Latina e Brasil.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
FUNARI, P.P.A. Teoria Arqueológica na América do Sul . Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Coleção “Primeira Versão” 76), 1998, 51pp.			
POLITIS, G (ed). Arqueología Latinoamericana Hoy . Bogotá, Editorial del Fondo de Promoción de la Cultura, 1992.			
TANTALÉAN, Henry; AGUILAR, Miguel (compiladores). La arqueología social latinoamericana : de la teoría a la praxis. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2012. Disponível em: http://lagunablanca.unca.edu.ar/assets/libro-arqueologia-social-latinoamericana.pdf .			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GNECCO, Cristóbal; HABER, Alejandro. Arqueología Suramericana – Arqueologia Sul-Americana . V.4, N.1, Janeiro 2008. Disponível em: http://worldarch.org/wp-content/uploads/2008/05/RAS_4.1_2008.pdf			

GNECCO, Cristóbal. Archaeology and historical multivocality: a reflection from the Colombian multicultural context. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). **Archaeology in Latin America**. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

PIAZZINI, C. - Arqueología, espacio y tiempo: una mirada desde latinoamerica in: **Arqueología Suramericana** 2 (1): 3-25. 2006

Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125-143.

ZARANKI, Andrés; ACULTO, Félix A. (Eds). **Sed non satiata. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea**, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 1999, 287 pp.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Teoria da Conservação	CACAR/CCN019	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	CACAR/CCN007-Patrimônio Cultural e Legislação	

EMENTA:

Aspectos teóricos e conceituais na abordagem do patrimônio cultural. Correntes teóricas. Problemas relativos à conservação, restauração, reestruturação e reconstrução do patrimônio cultural.

OBJETIVO:

Desenvolver capacidade de observação crítica com vista à identificação de patrimônio cultural arqueológico e sua conservação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRANDI, C. **Teoria da restauração**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2004. 261p. IPHAN. **Revista do Patrimônio**. Rio de Janeiro, n. 33, 2007.

IPHAN. **Revista do Patrimônio**. Rio de Janeiro. N. 33, 2007.

UNESCO. **Cartas patrimoniais**. Disponível em: <http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=12024&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Legislação sobre Patrimônio Cultural**. 2. ed. 2013. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4844>> .

CHOAY, F. **A Alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. 282p.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil / Maria Cecília Londres Fonseca, Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.

GOMIDE, J. H., SILVA, P. R., BRAGA, S. M. M. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural**. Brasília: Ministério da Cultura. 2005.

RIEGL, A. **O Culto Moderno dos Monumentos**. 1. ed. Ed. Perspectiva. 2014.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueometria	CGP0006	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CACAR/CCN005-Arqueologia e Ciências Naturais	

EMENTA:

Definição e histórico da arqueometria. Pesquisas arqueométricas no Piauí. Coleta, acondicionamento e preparação de amostras. Métodos de datação. Técnicas de exames. Técnicas de análises químico-mineralógicas Experimentos em campo e em laboratório.

OBJETIVO:

Conhecer métodos e técnicas em arqueometria; aprender sobre processos e tipos de métodos de datação utilizados em arqueologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ISKANDER, Z. A Arqueologia da África e suas técnicas – Processos de datação. In: KI-ZERBO, J. (Edit.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 213-246. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

REVISTA BRASILEIRA DE ARQUEOMETRIA, RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO. Recife: AERPA, 2006.

SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. **Princípios de Análise Instrumental**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BICHO, N. F. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRADLEY, D.; CREAGH, D. (Edit.). **Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage**. Amsterdam: Elsevier, 2006. v.1. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/1>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CANINDÉ – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão: UFS, 2001. Disponível: <<http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). **Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage**. Amsterdam: Elsevier, 2007. v. 2. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/2>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). **Radiation in art and archeometry**. Amsterdam: Elsevier, 2000. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/book/9780444504876>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:	
Nome		Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Geomorfologia		CGP0018	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):		
2.2.0	60h	CACAR/CCN014-Geologia Geral e do Quaternário		

EMENTA:

Natureza da Geomorfologia. Métodos. Técnicas. Fenômenos Geomorfológicos: gênese e evolução das formas de relevo. Relevo terrestre: as grandes unidades estruturais do Globo. As formas de relevo e os tipos de estruturas no Brasil e no Piauí. Observação e análise de documentos cartográficos geomorfológicos. A inserção dos sítios arqueológicos na morfoestrutura da paisagem. O relevo e a ocupação humana. Influência dos processos ambientais sobre os registros arqueológicos e reconhecimento das principais feições geomorfológicas do Piauí.

OBJETIVO:

Apresentar os fenômenos geomorfológicos e suas influências nos processos de formação do registro arqueológico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blüher, 1974.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. da (org). **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CASSETI, V. **Elementos de Geomorfologia**. Editora da UFG, Goiânia2, 1994.

DAVIDSON, D. A. **Geomorphology and archaeology**. IN: Archaeological Geology. London, 1985.

GUERRA, A. J. T.; BATISTA, Sandra da Cunha. (org.). **Geomorfologia e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1996.

PENTEADO, M.M. **Fundamentos de Geomorfologia**. IBGE, Rio de Janeiro, 1994, 113p.

ROSS, J. L. S. **Relevo Brasileiro**: Uma Nova Proposta de Classificação. Revista do Departamento de Geografia, 4, FFLCH/USP, São Paulo, 253 p.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Anatomia de Vertebrados para Arqueologia	CACAR/CCN010	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	-	
EMENTA: Termos e nomenclatura anatômica, planos e pontos de orientação do corpo dos vertebrados. Preservação de partes esqueléticas em sítios arqueológicos. O tegumento. O esqueleto ósseo: crânio e mandíbula, a dentição, coluna vertebral, cinturas, membros locomotores. Técnicas de maceração e conservação de material esquelético.			
OBJETIVO: Introduzir conceitos gerais sobre a construção do corpo dos animais vertebrados; identificar, nomear e descrever as estruturas <i>ósseas de animais vertebrados</i> .			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA: AFONSO, J. (2003). Notas de apoio às aulas práticas de Osteologia da disciplina Anatomia I (texto elaborado para a disciplina Anatomia I do curso de licenciatura em Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa). HILDEBRAND, Milton; GOSLOW, G. E. Análise da estrutura dos vertebrados . 2ed. São Paulo: Atheneo, 2006. 637p. SISSON, S. e GROSSMAN, J.M. (1981). Anatomia dos Animais Domésticos . Rio de Janeiro: Ed. Interamericana.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			

AURICCHIO, P.; SALOMAO, M. da G. (2002) Técnicas de coleta e preparação de vertebrados. 350 p. Editora: Terra Brasilis.

DYCE, K.M, SACK, W.O. e WENSING, C.J.G. (1996). **Textbook of Veterinary Anatomy**. W.B. Saunders Company, Philadelphia, Pennsylvania, U.S.A.

MARQUES, P. (1995). **Lições de Propedêutica Anatômica**. Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa. ORR, Robert T. Biologia dos vertebrados. 5ed. Sao Paulo: Roca, 1986. 508p.

SCHALLER, O. (1992). **Illustrated Veterinary Anatomical Nomenclature**. Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart.

4º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
História da América Portuguesa	CGP0011	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	

EMENTA:

Problematizando a invasão: discursos históricos. Do escambo à escravidão: resistência e adaptação. A construção cultural e socioeconômica da colônia. Os vestígios da colonização: história, cotidiano e arqueologia.

OBJETIVO:

Capacitar os educandos a realizar uma análise crítica da história do Brasil Colonial, a fim de perceber as invisibilizações, subalternizações e expoliações no processo histórico; articular, junto aos alunos, ligações entre a história dos grupos que foram marginalizados pela história oficial e o potencial de informações advindos da arqueologia para construir novas histórias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HEMMING, John. **Ouro vermelho**: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial, 1500-1800**. 7. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O feudo**: A Casa da Torre de Garcia D'Ávila – da conquista dos sertões à independência do Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

GRUZINSKI, Serge. **A passagem do século - 1480-1520**: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia Histórica	CGP0029	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	
EMENTA: A produção histórica das paisagens e a cultura material. Interfaces entre Arqueologia, História e Antropologia: abordagens da cultura material. Teoria.Método. Arqueologia histórica no			

Brasil. Definições: críticas e usos. Arqueologia Histórica enquanto Arqueologia do Mundo Moderno. Arqueologia Histórica do Piauí/ Nordeste/ Brasil. Vertentes atuais da Arqueologia Histórica.

OBJETIVO:

Compreender as abordagens teóricas e metodológicas do mundo moderno. Analisar estudos da arqueologia histórica no Brasil - Piauí - Nordeste.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

ORSER Jr., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

SYMANSKI e SOUZA (org.) **Arqueologia Histórica Brasileira**. 2022. editora UFMG.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

FUNARI, P. P.; ZARANKIN. A.; REIS, J. A. (orgs.). **Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960- 1980)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. **CLIO – Série Arqueológica**. n. 8, v. 1. Recife: EDUFPE, 1993.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material**. n. 1. São Paulo: EDUSP, 1993.

SOUTH, Stanley. Reconhecimento de padrões na arqueologia histórica. **VESTÍGIOS**. Revista Latino- Americana de Arqueologia Histórica. v. 1, n. 1, jan./jun., 2007.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; SOUZA, Marcos André T. de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: LIMA, Tânia A. (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 215-243, 2007.

TOCCHETO, F.; THIESEN, B. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 175-199, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR				UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome		Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Ecosistemas		CACAR/CCN020	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):		
2.1.0	45h	-		

EMENTA:

Introdução à Ecologia. Conceitos básicos de Ecosistemas, Comunidades e Populações. Identificação de Ecosistemas terrestres, dulcícolas, transicionais, marinhos e antrópicos. Ecosistemas Brasileiros. Ecosistemas do Piauí. Conceitos de Sustentabilidade. Sucessão ecológica em habitats alterados por ação humana.

OBJETIVO:

Introduzir a noção de ecossistemas naturais e antrópicos e suas distinções; caracterizar os ecossistemas brasileiros e piauienses.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ESTEVES, F.A. **Fundamentos de limnologia**. Rio de Janeiro, Interciência, 1998.

ODUM, Eugene Pleasants. **Fundamentos de ecologia**. 8ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

RICKLEFS, Robert E. **A Economia da natureza**. 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

COLINVAUX, P. **Ecology**. Editora John Wiley & Sons, Inc. 1986

.

FERNANDES, A. G. & BEZERRA, P. **Estudo fitogeográfico do Brasil**. Fortaleza: Stilus Comunicações, 1990.

RIZZINI, C. T. **Tratado de fitogeografia do Brasil**: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos. Âmbito Cultural Edições Ltda., 1997.

RIZZINI, C. T.; COIMBRA, A. F. & HOVAISS, A. **Ecosistemas brasileiros**. Rio de Janeiro: Index, 1988.

WATLING, J. As “ecologias” na arqueologia: bases teóricas para o estudo das interações entre pessoas e o ambiente. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, (40), 2023.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia Brasileira	CGP0016	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	
EMENTA: História da arqueologia no Brasil: pesquisas, pesquisadores, instituições. Alicerces teórico-metodológicos. Principais temáticas de estudo: povoamento, sambaquis, sociedades ceramistas, arqueologia amazônica, representações rupestres, arqueologia indígena, afro diaspórica e outras. Atuais debates. Novas perspectivas.			
OBJETIVO: Introduzir as principais problemáticas associadas a Arqueologia Brasileira, levando em conta temas clássicos e contemporâneos; discutir o que é Arqueologia Brasileira, seus fundamentos teórico-metodológicos, os principais expoentes, tipos de investigações, temáticas, protagonistas e história; contemplar o processo de povoamento, a constituição de territórios, paisagens e a diversidade cultural da sociedade nacional, do ponto de vista arqueológico.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
PROUS, André. Arqueologia Brasileira . Brasília: UNB, 2019.			
MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil . 6. ed. Recife: UFPE, 2013.			
REIS, José Alberione dos. “Não pensa muito que dói” : um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/303376			

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**. São Paulo, n.44, p.10-31, dezembro/fevereiro, 1999-2000.

LIMA, Tania Andrade. Nos mares do sul: a pré-história do centro-meridional brasileiro. In: BANCO DO BRASIL. **Antes - História da Pré-História**. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo: Centro Cultural do Brasil, 2004.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROCHA, B; JÁCOME, C; STUCHI, F; MONGELO, G e VALLE, R. 2013. Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira em tempos de PAC. **Revista de Arqueologia da SAB**, 26(1): 130-140.

LOURDEAU, A. 2019. A Serra da Capivara e os primeiros povoamentos sul-americanos: uma revisão bibliográfica. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 14 (2): 367-398.

NEVES, E. G. 2015. Existe algo que se possa chamar de “arqueologia brasileira”? **Estudos Avançados**, 29 (83): 7-17.

VILLAGRAN, X.S. 2013. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 23, p. 139-154. Download: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4428541/mod_resource/content/1/Villagran_2013.pdf

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arte Rupestre II	CGP0024	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CACAR/CCN013-Arte Rupestre I	
EMENTA: Novas e velhas abordagens teóricas: arqueologia da paisagem, sensorial, semiótica, xamanismo, arqueoastronomia, fenomenologia e Gestalt. Gênero e arte rupestre.			

OBJETIVO:

Compreender os princípios de algumas das teorias interpretativas da arte rupestre em destaque atualmente; observar as características da arte rupestre e do contexto do sítio arqueológico de arte rupestre; aplicar conceitos, pautados nas teorias, em estudos de painéis e sítios de arte rupestres, considerando também o entorno destes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

HORTAS, A. I. **Entre as Pedras**: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres de Diamantina, Minas Gerais. São Paulo. MAE – USP, 2009. (Tese de Doutorado).

SANCHIDRIAN, J. L. **Manual de Arte Prehistórico**. Ed. Ariel Historia, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CRIADO-BOADO, F. **Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje**. CAPA 6. Criterios y Convenciones em Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela. 1999.

FLOOD, J. **Rock art of the dream time**. Sydney: Angus & Robertson, 1997.

FORSSMAN, T.; GUTTERIDGE, L. **Bushman. Rock Art**. Pinetown: Southbound, 2012.

HAYS-GILPIN, K. A. **Ambiguous Images**. Walnut Creek. Altamira Press, 2003.

MORALES JR. R. Considerations on the Art and Aesthetics of the Rock Art. In: T. Heyd and J. Clegg (ed.) **Aesthetics and Rock Art**. Aldeshot: Ashgate, 2005

COMPONENTE CURRICULAR	UNIDADE RESPONSÁVEL:
-----------------------	----------------------

Nome		Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Geoarqueologia		CGP0008	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):		
2.2.0	60h	CGP0018-Geomorfologia		

EMENTA:

Relações de convergência entre a Geociência e a Arqueologia. Técnicas geoarqueológicas. Ambientes de deposição e sítios arqueológicos. Contexto ambiental/arqueológico. Formação de solos. Estratigrafia. Identificação, descrição, registro e coleta de amostras de sedimentos em sítios arqueológicos.

OBJETIVO:

Caracterizar as relações entre a morfologia da Terra e o contexto das deposições arqueológicas nas suas dimensões dinâmicas; introduzir técnicas de pesquisa geoarqueológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blücher, 1974.

RAPP, Jr., G. ; RUBIN, Julio Cezar; SILVA, Rosiclér Theodoro da. **Geoarqueologia: teoria e prática**. Editora da UCG, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

VILLAGRAN, Ximena S. **Geoarqueologia de um Sambaqui Monumental – estratigrafias que falam**. São Paulo: Annablume. Fapesp, 2010. 213p.

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HILL, C.L., **Geoarchaeology**. The Earth-Science Approach to Archaeological Interpretation. Chelsea: BrookCrafters, 1998.

GOLDBERG, Paul & MACPHAIL, Richard I. **Practical and Theoretical. Geoarchaeology**. Oxford: Blackwell Science, 2006.

WATERS, Michael R. **Principles of Geoarchaeology**. Tucson: University of Arizona Press, 1997.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Zooarqueologia	CACAR/CCN021	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CACAR/CCN010-Anatomia de Vertebrados para Arqueologia	
EMENTA: Princípios básicos. Coleções de referência. Métodos. Técnicas. Processos tafonômicos. Processos Formativos (culturais e naturais). Etnozooarqueologia. Estratégias de subsistência. Paleoambientes. Descrição de elementos esqueléticos. Recuperação de vestígios faunísticos.			
OBJETIVO: Descrever as formas de associação entre o ser humano e a fauna do passado e suas relações em diferentes contextos crono-culturais; inferir condições paleo-ecológicas de ambientes no passado a partir da análise de restos faunísticos; identificar taxa mais comuns em fauna arqueológica, bem como suas alterações tafonômicas antrópicas e naturais mais frequentemente observadas e contexto arqueológico; executar o inventário de material faunístico com a aplicação de conceitos do método zooarqueológico como o Número Mínimo de Indivíduos (MNI) e o Número Mínimo de Espécies (NME).			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ALMEIDA, N.J. Zooarqueologia e Tafonomia da Transição para a Agro-Pastorícia no Baixo e Médio Vale do Tejo. ARKEOS - perspectivas em diálogo , nº 44, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329138703_Zooarqueologia_e_tafonomia_da_transicao_para_a_agro-pastoricia_no_baixo_e_medio_vale_do_Tejo			
BICHO, N. F. Manual de Arqueologia Pré-histórica . Lisboa: Edições 70, 2006.			
PACHECO, Mirian L. A. F. Zooarqueologia dos sítios arqueológicos Maracaju 1, MS e Santa Elina, MT . Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo, 2008, 285 p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
DAVIS, S. J. M. The Archaeology of Animals . London. New Haven: Yale University Press. 1987.			

REITZ, E.; WING, E. S. **Zooarchaeology**. Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Manuals in Archaeology), 1999.

J. KLOKLER, D.; VILLAGRÁN, X.S.; GIANNINI, P.C.F., PEIXOTO, S.; DEBLASIS, P. Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 20: 53-75, 2010.

ROMER, A. S. & PARSONS, T. S. **Anatomia Comparada dos Vertebrados**. São Paulo. Atheneu, 1985.

RUPPERT, E. F. & BARNES, D. **Zoologia dos Invertebrados**. 7ª edição. São Paulo. Roca. 2005.

SOBOLICK, K. D. **Archaeobiology**. California: Alta Mira Press. 2003 (Archaeologist's Toolkit 5).

5º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
História dos Povos Indígenas no Brasil	CACAR/CCN022	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	CACAR/CCN011 – Arqueologia e Ciências Humanas	

EMENTA:

Indígenas como sujeitos históricos (agenciamento indígena na história). A historiografia sobre os indígenas no Brasil e a sua influência na arqueologia. Trajetórias de alguns povos indígenas desde o período colonial até a atualidade. A atuação da/o arqueóloga/o junto aos povos indígenas.

OBJETIVO:

Apresentar o agenciamento indígena a partir de leituras e documentários elaborados pelos próprios povos indígenas; proporcionar uma leitura crítica da história oficial; conhecer trajetórias históricas de algumas etnias indígenas no passado e na atualidade, refletir sobre a atuação de arqueólogo/as junto aos povos indígenas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BANIWA, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf.

CUNHA, Manoela Carneiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

HEMMING, John. **Ouro vermelho**: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

BARTH, Frederick. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas** (org. TomkeLask). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

LERY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 205-222.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

MONTEIRO, John. **O índio na história do Brasil**: informações, estudos, imagens. <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/>.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Técnicas de Trabalho de Campo II	CACAR/CCN023	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.3.0	60h	CACAR/CCN017-Técnicas de Trabalhos de Campo I	

EMENTA:

Contextualização teórica. Métodos e técnicas de escavação arqueológica. Planejamento. Delimitação. Abordagem da matriz: níveis naturais e artificiais. Decapagem. Estratigrafia. Documentação. Acondicionamento de materiais.

OBJETIVO:

Apresentar e aplicar métodos e técnicas de escavação arqueológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARAUJO, A. G. M. **Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo.** Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.

BICHO, N. F. **Manual de arqueologia pré-histórica.** Lisboa: Edições 70, 2006.

WHEELER, M. **Arqueología de campo.** – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia.** Contexto: 2003.

BALME, J.; PATERSON, A. **Archaeology en practice.** A Student Guide to Archaeology Analyses. Oxford: Blackwell, 2006.

DREWETT, P. L. **Field Archaeology: An Introduction.** London: Taylor & Francis, 2001.
GARCÍA-DIEZ, Marcos; ZAPATA, Lydia. Métodos y Técnicas de análisis y estudio en arqueología prehistórica. **Universidad del País Vasco**, 2013.

RENFREW, C.; BAHN, P.. **Arqueología: teoria, métodos y practica.** Madrid: Akal Ediciones, 1993

SCHEEL-YBERT, R.; KLOKLER, D.; GASPAR, M.D. & FIGUTI L. 2005-2006
Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 15-16: 139-163.

RKE, H.; SMITH, C. **The Archaeologist's Field Handbook.** Crows Nest: Alenandunwin, 2004.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Práticas de Conservação	CACAR/CCN024	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.3.0	60h	CACAR/CCN019-Teoria da Conservação	
EMENTA: Conservação de material arqueológico: diagnósticos; técnicas de amostragem; intervenções de conservação, monitoramento e conservação preventiva.			
OBJETIVO: Instruir sobre as práticas de conservação em campo, laboratório e reserva técnica; praticar métodos e técnicas de estabilização, remontagem e conservação de louças, vidros, materiais líticos, cerâmicas, arte rupestre, metais, polímeros etc.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CAMPOS, G. N. e GRANATO, M. (organizadores) Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso . Editor: Museu de Astronomia e Ciências Afins(MAST)-RJ-RJ,2017. http://site.mast.br/hotsite_livro_desafios_e_estudos_de_caso/pdf/livro_completo.pdf .			
IPHAN. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional , n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revista_33compressed.pdf			
LORÊDO, W. M. Manual de Conservação em Arqueologia de Campo . Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRUNET, J; VIDAL, P.; VOUVÉ, J. Conservation de l'art rupestre: deux étude , glossaire illustré. UNESCO: Études et documents sur le patrimoine culturel, n. 7,1985.			
CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. La dégradation et La conservation de La Pierre . Paris: UNESCO, n.. 16, 1996.			

LAGE, M. C. S. M. e LAGE, W. Conservation of rock-art sites in Northeastern Brazil; IN: **Open-Air Rock-Art Conservation and Management** – State of the Art and Future Perspectives; Ed. Routledge Studies in Archaeology, 2014.

NEVES, W. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de esqueletos humanos de origem arqueológica. **Bol. do Museu paraense Emílio Goeldi, Série Antropológica**, 4(1);3-26. 1988.

SOLEILHAVOUP, F. L'étude, la dégradation et la protection des peintures rupestres préhistoriques. Exemple du Tassili (SaharaAlgérien). **Revue Caesar Augusta**, p. 115-153, n.. 49 e 50, 1979.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Introdução à Bioarqueologia	CACAR/CCN030	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CGP0040-Teorias e Métodos em Arqueologia	

EMENTA:

Conceito – gênese, evolução teórica e campos de aplicação. Princípios éticos e legais em pesquisas relacionadas com restos humanos. Composição óssea e anatomia do esqueleto humano. Tafonomia; elaboração de perfil paleobiológico. Paleodemografia; caracterização da amostra, representatividade óssea e NMI; Morfologia métrica e não-métrica; Paleopatologia.

OBJETIVO:

Identificar os diversos componentes do esqueleto humano; dominar o conceito de necrocidadania e ética em pesquisa com remanescentes humanos; discorrer sobre a estrutura dos tecidos duros do esqueleto humano: composição e funções; traçar o perfil paleobiológico de indivíduos arqueológicos incluindo as variáveis mais comuns: sexo, idade à morte, estatura; variação discreta; e patologias mais comuns; traçar o perfil demográfico de coleções incluindo o Número Mínimo de Indivíduos (MNI), a razão entre ambos os sexos e a estimativa de longevidade dos indivíduos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

SUSANNE, C.; REBATO, E.; CHIARELLI, B. **Antropologia Biológica**: Evolução e Biologia Humana. Lisboa: Edições Piaget, 2014.

MADRIGAL, L.; GONZALÉZ-JOSÉ, R. **Introducción a la Antropología Biológica**. Book 1, 2016. Publicação opensource disponível em:
http://scholarcommons.usf.edu/islac_alab_antropologia/1

RIBEIRO, M.S. **Arqueologia das Práticas Mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BUIKSTRA, J.; UBELAKER, D. **Standards for data collection from human skeletal remains**. Proceedings of a Seminar at The Field Museum of Natural History. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Research Series No. 44, 1994.

IRISH, J.D; SCOTT, G.R. **A Companion to Dental Anthropology**. Chichester: *Wiley Blackwell*, 2016.

SHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEURER, L. **Juvenile Osteology – a Laboratory and field Manual**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2009.

WALDRON, T. Paleopathology. **Cambridge Manuals in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WHITE, T.; BLACK, M.; FOLKENS, P. 2012. **Human Osteology**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2012.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Mapeamento Arqueológico	CACAR/CCN026	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	-	

EMENTA:

Abordagem histórica da cartografia. Georreferenciamento. Sistemas de Informações Geográficas: tipos de feições, atributos e relações. Aplicações em arqueologia: análise e prospectiva. Mapeamento arqueológico: registro e apresentação de dados. Práticas de produção cartográfica.

OBJETIVO:

Capacitar os discentes no uso da informática para a análise de dados arqueológicos; capacitar os discentes na aplicação de SIG (Sistema de Informações Geográficas) em Arqueologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

IBGE. **Noções básicas de Cartografia**. Manuais Técnicos em Geociências. No. 8. Rio de Janeiro: FIBGE, 1999. 130p.

GONZALES, I.; FREIRE, C.; MORENTE, L.; ASENSIO, E. **Los Sistemas de Información Geográfica y la Investigación en Ciencias Humanas y Sociales**. Madrid, 2012.

SILVA, Jorge Xavier da; ZAIDAN, Ricardo Tavares. **Geoprocessamento e análise ambiental: aplicações**. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 363p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CONNOLLY, J. e LAKE, M. (2006). **Geographical Information Systems in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press.

DORLING, D., FAIRBAIRN, D. **Mapping ways of representing the world**. Essex: Longman, 1997. 184p.

MEHRER, M. & WESCOTT, K. **GIS and Archaeological Site Location Modeling**. New York, 2006.

QGIS 2.8 **Guia do Usuário**. 2016. SHEKHAR, S.; XIONG, H. (Org.) **Encyclopedia of GIS**. New York, 2008.

SHEKHAR, S.; XIONG, H. (Org.) **Encyclopedia of GIS**. New York, 2008.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:	
Nome		Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e Ética		CACAR/CCN025	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):		
4.0.0	60h	CACAR/CCN 007 – Patrimônio Cultural e Legislação		

EMENTA:

A construção do(s) conceito(s) de ética. Ética no meio científico. Ética e ciências humanas. Ética e compromisso social. Ética e prática arqueológica.

OBJETIVO:

Despertar o interesse pelo conhecimento ético, por sua valorização e aplicação na prática profissional, ao estudar o caráter histórico da construção do conceito e a relação Ética-Ciência; ao refletir sobre a ética no meio científico e na sociedade, com base em discussões contemporâneas e ao analisar a prática da arqueologia à luz da Ética, no tocante a aspectos como: diversidade cultural, propriedade intelectual, direitos e deveres profissionais, repatriação, vandalismo-pilhagem, o trabalho com restos humanos, e conservação preventiva.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

OLIVÉ, Leon (Ed.). **Ética y diversidad cultural**. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, aprovado em Assembléia Geral em 2015.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BURSZTYN, Marcel (Org.). **Ciência, Ética e Sustentabilidade**: desafios ao novo século. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

LIMA, Tânia Andrade. Restos humanos e arqueologia histórica: uma questão de ética. In: **Historical Archaeology in Latin America**. n. 5. Columbia: The University of South Carolina, 1994.

LINOTT, Mark J. Ethical principles and archaeological practice: development of an ethics policy. **American Antiquity**. v. 62, n. 4, 1997.

SCARRE, Geoffrey; SCARRE, Chris. **The Ethics of Archaeology**: philosophical perspectives on archaeological practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SOARES, Inês Virgínia Prado. **Proteção Jurídica do Patrimônio Arqueológico no Brasil**: fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes. Erechim: Habilis, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Etnografia e História Oral	CACAR/CCN031	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	CACAR/CCN 011- Arqueologia e Ciências Humanas	
EMENTA: Evolução. Conceitos. Métodos Etnográficos. Metodologia. Ética. Regulamentação nas pesquisas com seres humanos.			
OBJETIVO: Capacitar os educandos na realização de pesquisas com a abordagem da metodologia da Etnografia; capacitar os educandos na realização de pesquisas com a abordagem da metodologia da História Oral; conhecer a legislação e ética que regula a pesquisa com seres humanos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ALBERTI, Verena. Manual de história oral /. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho : Algumas Reflexões sobre ética na História Oral, In: Ética e História Oral Projeto História, nº 15, Revista do departamento de História da PUC SP, São Paulo: Abril de 1997, p. 13-33.			

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

DA SILVA, Vagner G. 2006. **O Antropólogo e sua Magia nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras**. São Paulo: EDUSP.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GOLDENBERG, M. 2009. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. In: _____. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record. (pp.16-24).

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Tópicos da Cultura Material	CACAR/CCN033	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	CGP 040 – Teorias e Métodos em Arqueologia	

EMENTA:

Paradigmas teóricos e metodológicos que orientam a reflexão sobre o lugar da materialidade nas relações sociais. Fontes Materiais: discussões e exercícios de análise.

OBJETIVO:

Apresentar os paradigmas teóricos e metodológicos que orientam a reflexão sobre o lugar da materialidade nas relações sociais; identificar as especificidades das fontes materiais por meio de discussões epistemológicas e exercícios de análise; analisar e criticar o tratamento ilustrativo, periférico e de viés logocêntrico, ainda recorrente para esse tipo de documentação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro– RJ, ZAHAR, 2013.

OLIVEIRA, Andrea Bandoni de. **Objeto da floresta: explorando a Amazônia através do olhar de designers**. 1ª ed. São Paulo-SP, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOIVIN, Nicole. **Material Cultures, Material Minds. The Impact of Things on Human Thought, Society, and Evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LIMA, Tania Andrade. **Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011

MILLER, Daniel. **Artefacts and the meaning of things**. In INGOLD, T. (Ed) Companion Encyclopedia of Anthropology. Routledge: London, p 396-419, 1994.

THOMAS, Julian. **The trouble with material culture**. IN: Overcoming the modern of material culture. Porto, ADECAP, 2007.

WYLIE, Alison. **Thinking from things. Essays in the Philosophy of Archaeology**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2002.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Desenho aplicado à Paleontologia	CACAR/CCN036	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.3.0	60h	-	
EMENTA: Caracterização. Desenho de paleovertebrados, paleoinvertebrados e plantas fósseis. Desenho de material ósseo. Técnica do pontilhismo. Técnica do grafite. Técnicas digitais. Elaboração de pranchas.			

OBJETIVO:

Introduzir noções de desenhos técnico paleontológico. Capacitar os discentes na realização de desenhos técnicos de paleovertebrados, paleoinvertebrados e plantas fósseis. Desenho de material ósseo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARVALHO, Ismar de S. (editor) **Paleontologia**. Interciência. 3ª ed. 2010.
BENTON, michael j. **Paleontologia dos vertebrados**. Editora Atheneu. São Paulo, SP. 3.ed. 2008.
MENDES, Josue Camargo. **Paleontologia geral**. Livros Tecnicos e Cientificos. Rio de Janeiro, RJ. 1977.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ARAUJO, Andrea Mendez. **Aplicações da ilustração científica em ciências biológicas**. Trabalho de Conclusão de Curso – UNESP. 2009.

BRUZZO, Cristina. Biology: education and illustrations. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1359-1378, 2004

MATEUS, Simão; TSCHOPP, Emanuel David. "Scientific illustration and reconstruction of a skull of the diplodocid sauropod dinosaur Galeamopus. **Journal of Paleontological Techniques**, 17:1-11. 2017.

DE TROTTA, Tatiana; SPINILLO, Carla Galvão. Ilustração Científica: a informação construída pela sintaxe visual| Scientific illustration: information built by visual syntax. **InfoDesign-Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 13, n. 3, p. 261-276, 2016.

SUGUITURU, Silvia Sayuri; MORINI, M. S. C. Arte e ciência: uso de diferentes técnicas de Ilustração científica. In: **Anais do XV Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Mogi das Cruzes**. 2012.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Estudo dos Artefatos Cerâmicos	CGP0038	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CACAR/CCN016-Técnica de Laboratório em Arqueologia II	
EMENTA: Origens da olaria. Produção e consumo entre as populações ceramistas. O estudo da cerâmica no panorama brasileiro. Categorias analíticas: tradição, horizonte, fase, estilo. Abordagens teóricas. Considerações metodológicas. O gesto técnico e a cadeia operatória. Reconstituição. Traços de uso. Interpretação. Inferências sociais.			
OBJETIVO: Ampliar os conhecimentos sobre o estudo de artefatos cerâmicos; realizar análises de artefatos cerâmicos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA: ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. Revista CLIO, Série Arqueológica . Recife: UFPE, n.7, 1991. LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. Cerâmica Guarani . Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989. LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. (ed.). Suma etnológica brasileira . Petrópolis: Vozes, v.2, p. 137-229. 1986. (Edição atualizada do Handbook of south american indians).			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. Revista CLIO . Recife: UFPE, n.6, p.109-112, 1984. (Série Arqueológica).			

ALVES, M. A. As culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnopológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: MAE – USP, v.1, 1991.

BAUDRILLAR, Jean. A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe. In: MOLES, Abraham et al. **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: UFRGS, 1977. (Cadernos, 2).

BROCHADO, José Proenza. Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, São Paulo: USP, n. 27, p.65-82, 1998.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia em Ambiente Costeiro	CGP0042	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CACAR/CCN 007 – Patrimônio Cultural e Legislação	
EMENTA: Conceitos e características do ambiente costeiro. Formação do registro arqueológico em sítios inseridos no ambiente costeiro. A relação homem- ambiente na elaboração da cultura material existente em sítios arqueológicos de regiões costeiras. Informações arqueológicas acerca das ocupações humanas em ambiente costeiro.			
OBJETIVO: Compreender as relações entre ambiente e seres humanos nos ambientes costeiros analisar os procedimentos de formação dos sítios arqueológicos em ambientes costeiros.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA: CALIPPO, Flávio Rizzi. Sociedade sambaqueira, Comunidades Marítimas . 2010, p. 290. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. GASPAR, Madu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. TENÓRIO, Maria Cristina . Pré- história da Terra brasilis . Rio de Janerio: Editora da UFRJ, 1999.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: BANDEIRA, Arkley Marques. Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís – Maranhão . Dissertação. São Paulo: MAE/USP, 2008. BAVA DE CAMARGO, P. F. Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, séculos XIX-XX . Tese (Doutorado em Arqueologia). São Paulo: MAE/USP, 2009.			

MEDEIROS, Iago Henrique Albuquerque de. **Processos de formação do registro arqueológico em dunas eólicas**: os sítios do litoral setentrional do Rio Grande do Norte, Brasil. (Dissertação).
Aracaju: UFS/CECH, 2005.

RAINBIRD, Paul. **The archaeology of the islands**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ULM, Sean. **Coastal themes**: an archaeology of the Southern Curtis Coast, Queensland. Canberra: Anu Press, 2006.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e Licenciamento Ambiental	CGP0045	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	CACAR/CCN 007 – Patrimônio Cultural e Legislação	
EMENTA: Legislação. Impactos ao patrimônio arqueológico. Procedimentos de campo e de laboratório associados às etapas do licenciamento ambiental. Planejamento e manejo do patrimônio natural e cultural. Gerenciamento das informações arqueológicas advindas dos trabalhos de arqueologia por contrato.			
OBJETIVO: Conhecer a legislação pertinente ao licenciamento ambiental; aprender os procedimentos de planejamento, práticos e de manejo associados ao licenciamento ambiental em gabinete, laboratório e campo; produzir e apresentar informações pertinentes ao trabalho arqueológico relativo ao licenciamento ambiental.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
FARIAS, Talden. Licenciamento Ambiental : aspectos teóricos e práticos. Belo Horizonte: Fórum, 2007.			
FOGOLARI, Everson Paulo. Gestão em Projetos de Arqueologia . Erechim: Habilis, 2009.			
SILVA, Vicente Gomes da. Legislação Ambiental Comentada . 3. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2007.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			

BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Org.). **Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.

DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo: USP, v. 5, p. 125-143, 1995.

LIMA, Tânia Andrade (Org.). **Atas do Simpósio Arqueologia no Meio Empresarial**. Goiânia: SAB/IGPA/UCG, 28 a 31 de agosto de 2000.

MORAIS, José Luiz de. Reflexões acerca da arqueologia preventiva. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). **Patrimônio: atualizando o debate**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2006.

REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. **American Antiquity**, 38 (1), p. 61-79, 1973.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Inglês Instrumental Básico	CLE0174	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	
EMENTA:			
Treinar as estratégias de leitura skimming, scanning etc. Exercitar diferentes níveis de compreensão. General comprehension. Main points comprehension and details.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
MURPHY, Raymond. English grammar in use : a self study reference and practice book for intermediate students. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.			
SOUZA, M. do S. E. de; SOUZA, C. N. N. de; GONÇALVES, L. R. L. R. et al. Inglês instrumental. Estratégias de Leitura . Teresina: Editora Halley, 2002.			

SOUZA, Adriana Grade Fiori et. al. **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Dicionário bilíngüe: Inglês-Português.

HEWINGS, Martin. **Advanced grammar in use: a self study reference and practice book for advanced learners of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MUNHOZ, Rosangela. Inglês instrumental: estratégias de leitura. Módulo I. São Paulo: Textonovo, 2000. NUNAN, David. Second language teaching & learning. Massachusetts: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

SWAN, Michael. **Practical english usage**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Sites para consulta:

<http://www.onelook.com>

(dicionário)

<http://sk.com.br/sk.html>

<http://www.rd.com>

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Português I – Prática de Redação	CLV0002	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	

EMENTA:

Leitura e compreensão de textos. Processo de criação do texto escrito. Descrição. Narração. Dissertação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Prática de textos:** língua portuguesa para nossos estudantes. Vozes: Petrópolis, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Brasiliense: São Paulo, 1994.

MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERNOP, Lúbia Seliar. **Português instrumental.** Prodil: Porto Alegre, 1979.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

FARACO, Carlos Alberto e MANDARIK, David. **Prática de redação para estudantes universitários.** Vozes: Petrópolis, 1987.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna.** Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1980.

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto.** Scipione: São Paulo, 1991.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** Brasiliense: São Paulo, 1994. SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler.** Cortez: São Paulo, 1984.

6º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
História do Piauí	CGP0023	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	-	

EMENTA:

O processo de colonização do Piauí. A formação da sociedade piauiense. O processo de independência do Piauí. Tópicos sobre a nova historiografia piauiense.

OBJETIVO:

Analisar aspectos da produção do conhecimento da história piauiense considerando o processo de colonização e sua formação social, política e intelectual. Apresentar o contexto no qual ocorreu o processo de colonização do Piauí. Discutir sobre a formação da sociedade

piauiense. Compreender a participação do Piauí no contexto da Independência. Discutir aspectos peculiares da historiografia piauiense.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CHAVES, Monsenhor Joaquim. **O Piauí nas lutas pela Independência do Brasil**. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005. Obra completa.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. 344p

MOTT, Luiz R. B. Piauí Colonial. **População, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de; EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). **Gente de longe: histórias e memórias**. Teresina: Halley, 2006.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O feudo**. A casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, APL FUNDAC, 2009. (Grandes Textos, v. 2).

BARBOSA, Edson; SILVA, Lina Pereira da. **Casa grande de São Domingos**. Teresina: EDUFPI, 1984. NUNES, Odilon. **Os primeiros currais**. Teresina: Comepi, 1997. (Monografias do Piauí, série histórica).

REGO, Junia Motta A. N. do. **Dos Sertões aos Mares**: História do Comércio e dos Comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950). 2010. 291 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense: UFF. Niterói, 2010.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Monografia I	CGP0025	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	CACAR/CCN006-Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica e CGP0040-Teoria e Métodos em Arqueologia	

EMENTA:

Planejamento e projeto de pesquisa. Técnicas de pesquisa. Coleta de dados. Problemática Variáveis. A pesquisa bibliográfica e documental.

OBJETIVO:

Desenvolver a problematização e delimitação para projeto de pesquisa; realizar coleta de dados; elaborar projeto de pesquisa a ser desenvolvido na Monografia II.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. **Fundamentos da metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. 3. ed.ampl. São Paulo: Makron Books, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.

SALOMON, Dêlcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARAAS, Robert. **Os cientistas precisam escrever: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes**. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: PrenticeHall, 2002.

GRANJA, Elza Corrêa et.al. **Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação**. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997.

LUCKESI, Cipriano et.al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Desenho Técnico do Material Arqueológico	CACAR/CCN028	Disciplina Obrigatória	

Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):
1.3.0	60h	-

EMENTA:

Caracterização do desenho arqueológico na construção dos registros gráficos, no contexto do desenho técnico. Técnicas de representação e interpretação: Secção, vistas, perfis, corte e plano.

OBJETIVO:

Introduzir noções de iconografia e ortografia na perspectiva arqueológica. Capacitar os discentes na realização de desenhos técnicos de materiais e fenômenos arqueológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GIONGO, Affonso Rocha. **Curso de desenho geométrico**. 34ª edição. São Paulo: Nobel, 1984.

LIMA, Luís C. F. **O desenho como substituto do objecto: Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas Artes: Universidade do Porto, 2007.

MADEIRA J. L. **O desenho na Arqueologia**, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras , 2002, Coimbra.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ADDINGTON, L. R. **Lithic Illustration: Drawing Flaked Stone Artifacts for Publication**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

ADKINS, L. e R. **Archaeological Illustration**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ARCELIN, P. **Normalisation du dessin en ceramologie**. Montpellier: D.A.M, 1979.

BURKE, H.; SMITH, C. (2004) - **The Archaeologist's Field Handbook**. Crows Nest: Allen &Unwin, 2004.

DAUVOIS,M. **Precis du dessin dynamique et struturel des industries lithiques préhistoriques**. Paris: Ed. Pierre Fanhac, 1976.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia em Museus	CACAR/CCN0029	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	-	

EMENTA:

Museus e Arqueologia: uma perspectiva histórica. Musealização de vestígios arqueológicos por meio das coleções ou a partir dos territórios. Musealização da Arqueologia: cultura material, identidades e extroversão do conhecimento.

OBJETIVO:

Apresentar o surgimento e desenvolvimento da Arqueologia e dos Museus. Conhecer as diferentes vertentes da Museologia e a Musealização da Arqueologia. Conhecer os diferentes procedimentos necessários para o funcionamento dos museus com ênfase em Museus de Arqueologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 17)

.LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BITTENCOURT, José Neves. Museu Paraense Emílio Goeldi: uma instituição científica em um museu. **MUSAS**. n. 2. Brasília: IPHAN, 2006.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. Porto Alegre: MEDIANIZ, 2013.

IPHAN. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio, Brasília: IPHAN, n. 31, 2005.
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31_m.pdf

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, património e cultura**. Lisboa: ED. Instituto Piaget, 2000.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; DEMARTINI, Célia Maria Cristina; BUSTAMANTE, Alejandra. O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: a coleção Tapajônica do MAE/USP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, EDUSP, n. 6, 1996.

VARINE, Hughes. **Raízes do futuro**. O Patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

WICHES, C. A. de M.; RIBEIRO, D. L.; BRUNO, M. C. O. (Org.). **Museologia & Interdisciplinaridade**. v. 12 n.24, 2023. Dossiê Museologias, Coleções e Arqueologias. 2023. <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/view/2522>

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Paleontologia Geral	CACAR/CCN027	Disciplina Obrigatória	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	CACAR/CCN014-Geologia Geral e do Quaternário	

EMENTA:

Introdução à Paleontologia. Bioestatigrafia e métodos de datação em Paleontologia. Processos de fossilização. Ocorrências paleontológicas no Piauí e NE. Técnicas de campo, coleta e preparo de material fossilífero. Microbialitos, microfósseis, invertebrados, vertebrados, Paleobotânica, icnofósseis.

OBJETIVO:

Adquirir um conhecimento geral sobre os fósseis. Fornecer recursos para a correta identificação de material fóssil dos diferentes grupos de seres vivos. Mostrar a utilidade da Paleontologia em estudos arqueológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARVALHO, I. de S. (ed.. **Paleontologia**. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 628 p. vols, 1, 2, e 3. 2011.

SOARES, M. B. (Org.). **A Paleontologia na Sala de Aula**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2015, 714 p. <https://www.paleontologianasaladeaula.com>

SANTOS, M. E. de C. M.; CARVALHO, M. S. S. de. **Paleontologia das bacias do Parnaíba, Grajaú e São Luis**. CPRM, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BENTON, M.J. 1997. *Vertebrate Paleontology*. Chapman & Hall, London, 452 p.

BRASIER, M.D. 1980. **Microfossils**. George Allen & Unwin, London, 193 p.

CAMACHO, H.H. **Invertebrados fósseis**. Buenos Aires: Universitária, 1974.

CLARKSON, E.N.K. 1993. **Invertebrate Paleontology and Evolution**. 3rd ed. Chapman & Hall, London, 434 p.

COUTO, C. de P. **Tratado de Paleomastozoologia**., Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1979.

IANNUZZI, R. e VIEIRA, C. E. L. **Paleobotânica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

NIELD E.W. & Tucker, V.C.T. 1985. **Palaeontology: an Introduction**. Pergamon Press, Oxford, 178p.

MENDES, J.C. 1988. **Paleontologia Básica**. EDUSP, São Paulo, 347 p.

SWINNERTON, M. H. **Elementos da Paleontologia**. Barcelona: Omega. 1992.

SCHOBENHAUS, Carlos; CAMPOS, Diógenes de Almeida; QUEIROZ, Emanuel Teixeira de. (Ed.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Brasília: CPRM, 2000.

WINGE, M. et al. (Ed.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Brasília: CPRM, 2009. v. 2. 515p.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Introdução à Antropologia Funerária	CACAR/CCN032	Disciplina Optativa	

Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):
4.0.0	60h	CACAR/CCN 011 – Arqueologia e Ciências Humanas e CACAR/CCN030 – Introdução à Bioarqueologia
EMENTA: Conceito.Gênese.Evolução teórica.Campos de aplicação; princípios éticos e legais em pesquisas relacionadas com contextos funerários.Métodos e técnicas em escavação de contextos funerários. Anthropologie de Terrain – abordagens de recolha de informações em campo. Arquitetura dos espaços funerários.O mundo dos mortos na perspectiva indígena.O mundo dos mortos na perspectiva cristã.O mundo dos mortos na perspectiva das religiões de matriz africana. OBJETIVO: Descrever contextos funerários; diferenciar os tratamentos funerários de maior alcance geográfico e temporal no Ocidente; discorrer sobre: relações de status, rank e poder no tratamento funerário de indivíduos arqueológicos; gênero, compadrio e parentesco a partir da informação de contextos funerários; política e o tratamento funerário de indivíduos arqueológicos; memória e religião como inferidas a partir de contextos arqueológico.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:		
CARNEIRO DA CUNHA, M. Os mortos e os Outros – uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.		
MARTIN, G. Pré-História do Nordeste do Brasil . Ed 5°. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.		
RIBEIRO, M.S. Arqueologia das Práticas Mortuárias : uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:		
AGARWAL, S.C.; GLENCROSS, B.A. Social Bioarchaeology . Wiley-Blackwell, 2011.		
ROBBEN, A.C.G.M. Death, Mourning, and Burial: A Cross-Cultural Reader . Victoria: Wiley-Blacwell, 2004.		
STEWART, J.H. Handbook of South American Indians . Volume 1 – The Marginal Tribes, 1946. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology,		

Bulletin 143. Publicação opensource disponível em:
<https://archive.org/details/bulletin14311946smit>

PEARSON, M.P. **The Archaeology of death and burial**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2005.

WHITE, T.; Black, M.; Folkens, P. **Human Osteology**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2012.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e as interfaces entre o Xamanismo e a mitologia	CACAR/CCN034	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	-	
EMENTA: Relação da Arqueologia com os saberes tradicionais e mitológicos. Práticas de rituais e xamanismo: danças arquetípicas, curas, quatro elementos, mitos. Relação de pertencimentoe integração entre os humanos e a natureza.			
OBJETIVO: Interagir com as múltiplas narrativas que podem envolver um sítio arqueológico; entendero sítio como local sagrado; analisar sobre a indivisibilidade dos grupos humanos e natureza.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARRIEN, Angeles. O Caminho Quádruplo: trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador e do visionário. (Tradução Eleny C. Heller). São Paulo: Ágora, 1997.			
CAPRA, Fritjof. Sabedoria incomum. Tradução Carlos Afonso Malferrari. Editora Cultrix. São Paulo, 1995.			

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu:** Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CAPRA, Fritjof; **A Teia da vida.** Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos, São Paulo, Cultrix, 1997.

CAVALCANTE, Ruth. GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Educação Biocêntrica:** ciências, arte, mística, amor e transformação. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

CLOTTE, Jean; LEWIS_WILLIAMS, Davi. **Los chamanes de la pré-história.** Ed. Planeta S.A. Barcelona, 2010.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOARES, Débora Leonel. **Xamanismo e Cosmovisão Andina: um estudo sobre práticas de curandeirismo mochica expressas na cerâmica ritual.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Processamento de Dados em Arqueometria	CACAR/CCN035	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
0.4.0	60h	CGP 0006 - Arqueometria	

EMENTA:

Organização e processamento de dados em Arqueometria. Construção de tabelas. Construção de gráficos. Expressão correta de resultados em tabelas e gráficos. Normalização de dados obtidos por fluorescência de raios X e expressão dos resultados na forma de elementos químicos ou de seus óxidos mais comuns correspondentes. Conjugação ou sobreposição de espectros e difratogramas. Identificação de bandas de vibração de energia no infravermelho e das espécies químicas correspondentes. Identificação de bandas

de espalhamento Raman e das espécies químicas correspondentes. Busca de fases e identificação qualitativa de minerais por difratometria de raios X.

OBJETIVO:

Introduzir noções de organização, análise e processamento de dados em Arqueometria. Capacitar os discentes na construção de tabelas e gráficos, expressão de resultados e identificação de espécies químicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAVALCANTE, L. C. D. **Caracterização arqueométrica de pinturas rupestres pré-históricas, pigmentos minerais naturais e eflorescências salinas de sítios arqueológicos**. 2012. 207 f. Tese (Doutorado em Ciências - Química) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CAVALCANTE, L. C. D.; SOUSA, J. W. L.; SILVA, H. K. S. B. **Análise químico-mineralógica e parâmetros de queima de cerâmicas do sítio arqueológico Entrada do Caminho da Caiçara, Brasil**. *Arqueología Iberoamericana*, v. 43, p. 20-34, 2019.

COHEN, E. R., et al. **Grandezas, unidades e símbolos em físico-química**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CANINDÉ – **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2001-. Disponível em: <<http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CAVALCANTE, L. C. D.; DA SILVA, H. K. S. B.; FABRIS, J. D.; ARDISSON, J. D. Red and yellow ochres from the archaeological site Pedra do Cantagalo I, in Piripiri, Piauí, Brazil. **Hyperfine Interactions**, v. 238, n. 1, p. 22.1-7, 2017.

CAVALCANTE, L. C. D.; TOSTES, V. H. G. Espécies ferruginosas em pigmentos minerais do sítio arqueológico Pedra do Atlas. *Arqueología Iberoamericana*, v. 36, p. 48-53, 2017.

HYPERFINE INTERACTIONS. Springer Nature, 1975.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
História Cultural	CGP0036	Disciplina Optativa	

Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):
4.0.0	60h	-

EMENTA:

Aspectos teóricos e conceituais na abordagem da história cultural. Estudo das principais correntes teóricas versando sobre os problemas relativos aos aspectos culturais do comportamento do homem.

OBJETIVO:

Conhecer as abordagens historiográficas sobre Cultura. Capacitar os discentes para realizar análises das Culturas Humanas a partir da historiografia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ACQUAVIVA, M. C. **Lendas e tradições das Américas: arqueologia, etnologia e folclore dos povos latinos americanos**. 2 ed. São Paulo: Hemus, 199?.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** 2.ed.rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,2008.

COOK, M. A. **Uma breve história do homem**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editora, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

AZEVEDO, E. B. de **Arquitetura do Açúcar**. São Paulo: Nobel, 1990.

CHUVA, M. R. R. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FARIA, S. de C. **A colônia em Movimento: Fortuna e família no Cotidiano Colonial**, 1998.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2006.

FUNARI, P. P. **Cultura Material e Arqueologia Histórica** – Campinas, SP :UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia

Estudo dos Artefatos Líticos	CGP0039	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	CACAR/CCN016-Técnica de Laboratório em Arqueologia II	
EMENTA: Os artefatos líticos no processo de hominização. Influência do meio e fontes de recursos. Abordagens teóricas e categorias analíticas. Dinâmica de produção e utilização. Cadeias operatórias. Identificação de técnicas. Reflexo do domínio da matéria-prima na organização tecnológica. As “tradições” líticas . Inferências econômicas. Identidades culturais: interpretação dos níveis tecnológicos.			
OBJETIVO: Permitir que os discentes reconheçam artefatos líticos e que saiba distinguir fatores naturais de fatores técnicos de lascamento e/ou polimento; Apresentar as principais correntes (tipológica, morfométrica, tecnológica e tecno-funcional) e demonstrar com exemplos locais o potencial e os limites de cada uma; introduzir noções básicas de Arqueologia experimental em lascamento.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA: BUENO, L; ISNARDIS, A. (Org). Das pedras aos homens . Tecnologia lítica na Arqueologia brasileira. São Paulo: Argvmentvm, 2007. INIZIAN, Marie-Louise, et al. Tecnologia da Pedra Lascada . Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017. LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. Habitus , v. 4,n. 2, p. 985-710, 2006.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: FAGUNDES, Marcelo. Atributos formais e tecnológicos da indústria lítica do Sítio Topo, Canindé de São Francisco - SE: estudo da organização tecnológica para a compreensão do sistema de assentamento regional de Xingó. Canindé . Xingó: MAX, n. 9, p. 89-120, jun., 2007. LEROI-GOURHAN, André. Evolução e técnicas . Lisboa: Ed. 70, 1984.			

FOGAÇA, E. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Xingó: UFS, Chesf, Petrobras. 1997 (Documento 3).

MARQUES, Marcélia. Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010.

MORAIS, J. L. **Tecnologia lítica**. Erechim (RS): Habilis, 2009.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia e Turismo	CGP0041	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	CACAR CCN 007 – Patrimônio Cultural e Legislação	

EMENTA:

História e conceito de Patrimônio Arqueológico. A legislação referente ao turismo e patrimônio arqueológico no Brasil. Tipos de turismo arqueológico. Normas e técnicas de manejo, interpretação, sinalização e preparo de sítios arqueológicos visando a visitação turística. Exemplos de guias e roteiros turísticos arqueológicos. Riscos e ameaças ao patrimônio cultural oriundo de um turismo não planejado.

OBJETIVO:

Revisar sobre patrimônio arqueológico; estudar sobre os tipos de turismo arqueológico; entender a importância da visitação sustentável e estruturada para o sítio arqueológico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GÓMEZ, M. R. **Patrimonio y Turismo**. Disponível em < www.naya.org.ar/ >. Capturado em dezembro de 2007.

SEPLAN. **Plano Diretor de desenvolvimento Turístico Arqueológico do Piauí**. Governo do Estado do Piauí, PRODETUR, Banco do Nordeste, 2000.

VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. **Revista de arqueologia**, v. 20.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BASTOS, Rossano Lopes. **O papel da Arqueologia na Inclusão Social**. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, Nº33/2007, IPHAN, p. 289-303.

CHADBURN, Amanda. **An Overview of Recent Developments and Initiatives by UNESCO and ICOMOS with Especial Reference to World Heritage Sites in Open-Air Rock-Art Conservation and Management State of the Art and Future Perspectives**. Routledge Studies in Archaeology, 2014. p.272-281.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Os Limites do Patrimônio in Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos*. Org. Manuel Ferreira Filho, Cornélia Eckert e Jane Felipe Beltrão. Ed. Nova Letra, 2007. p.239-248.

LIMAVERDE, Rosiane. *Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, Ce*. Tese de doutorado em Arqueologia, Universidade de Coimbra, Portugal, 2015.

SWARBROOKE, J. *Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo: Aleph, 2000.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Etnoarqueologia	CGP0044	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	CACAR CCN011 – Arqueologia e Ciências Humanas e CGP 0040 Teorias e Métodos em Arqueologia	
EMENTA:			
Surgimento. Desenvolvimento. Abordagens teórico-metodológicas. Pesquisa. Campos de estudo. O trabalho de campo e suas especificidades. Analogia etnográfica. Possibilidades. Limites da pesquisa.			
OBJETIVO:			
Compreender o contexto de surgimento e desenvolvimento da etnoarqueologia; apresentar principais abordagens teórico-metodológicas, práticas de pesquisa e campos de estudo; contribuir para a reflexão crítica do papel da arqueologia junto a sociedade..			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. Horizontes Antropológicos , v. 8, n. 18, p. 13-60, 2002.			
SILVA, Fabíola Andréa. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas , v. 4, n. 1, p. 27-37, 2009.			

_____. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **Métis: história & cultura**, v. 8, n. 16, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Descolonizando a arqueologia no Brasil: contribuições da etnoarqueologia para a compreensão e preservação de cemitérios indígenas no estado de mato grosso do sul. **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano– Series Especiales**, v. 2, n. 3, 2015.

GOULD, R. **Recovering the Past**. Albuquerque: University of New Mexico, 1990.

KENT, S. **Method and Theory for Activity Area Research**(An Ethnoarchaeological Approach).New York, Columbia University Press, 1987.

WYLIE, A. The reaction against analogy. In: SCHIFFER, M.B. (ed.). **Advances in Method and Theory**. New York: Academic Press, 1985. pp. 63-111.

WÜST, Irmhild. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno- históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 2, p. 13-26, 1992.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	
Arqueologia Subaquática	CGP0047	Disciplina Optativa	Coordenação de Arqueologia
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	CGP0040- Teorias e Métodos em Arqueologia	
EMENTA: Estudo das relações entre as sociedades humanas e os ambientes aquáticos e de transição. História da Arqueologia Subaquática. Teoria. Método, Técnica em Arqueologia Subaquática. Os desdobramentos da Arqueologia praticada em ambientes subaquáticos.			
OBJETIVO: Conhecer conceitos e técnicas subaquáticas. Capacitar os alunos no exercício da atividade arqueológica em meio aquático.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BASS, George F. Arqueologia subaquática . Lisboa: Verbo, 1969.			
DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Ilhas e mares : simbolismo e imaginário. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.			
RAMBELLI, Gilson. Arqueologia até debaixo d'água . São Paulo: Maranta, 2002.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
DURAN, Leandro D. Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo . Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.338.			
FERREIRA, Ialy Cintra et al. ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA: Linhas de pesquisa científica no Brasil entre 1970 e 2014. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL) , v. 14, n. 27, p. 219-234, 2017.			

ICOMOS. A carta internacional do ICOMOS sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.7, 1997, p. 209-213.

MUCKELROY, Keith. **Maritime Archaeology**. (New Studies in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

NAUTICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY. **Archaeology underwater: the NAS guide to principles and practice**. Portsmouth, 1995.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade	NOVA EMENTA	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60 h	-	
EMENTA: Arqueologia e a diversidade histórica da formação social nacional. Alicerces preconceituosos da história da Arqueologia: racismo, etnocentrismo, machismo, misoginia e homofobia. Novas Arqueologias: Arqueologia Indígena, Arqueologia da sexualidade, Arqueologia afrocentrada e outras.			
OBJETIVO: Analisar, a partir da materialidade, a historicidade da cultura afro-brasileira e indígena, debatendo conceitos como racismo e resistência cultural. Refletir criticamente a respeito da diversidade sexual e de gênero que compõem as sociedades, no passado e no presente, pensando ambos como construção históricas, materiais e encorpadas. Avaliar a incorporação de ontologias indígenas e afrocentradas no fazer arqueológico contemporâneo.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
AGOSTINI, Camilla. (org.) Objetos da escravidão. Abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado . Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.			

PASSOS, Lara de P. **Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico. Dissertação (Mestrado em Antropologia)** – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/42186008/ARQUEOPOESIA_uma_proposta_feminista_afrocentrada_para_o_universo_arqueol%C3%B3gico

CABRAL, Mariana Petry. **No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta.** Tese (Doutorado em Antropologia, Área de Concentração em Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8602293/No_tempo_das_pedras_moles_Tese_de_Doutorado

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ABREU E SOUZA, R. de. Deixa meu cabelo em paz e outros contos sobre Arqueologia do Racismo à Brasileira. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 43–65, 2020. DOI: 0.24885/sab.v33i2.743. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/743>. Acesso em: 10 jul. 2023.

AMORIM, Tomaz; NOGUEIRA, Renato. **Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza.** Negro Belchior, 2015. Disponível em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloni-za/>. Acesso em 11 ago. 2017.

CARLE, Cláudio; SANTANA, Ingrid A. S. F.; OLIVEIRA, Cícero N. P. As cumplicidades racistas da arqueologia. **Revista de Arqueologia Pública**, v. 12, n. 2, p. 1-19, 2018.

FERREIRA, Lucio M. Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana. **Métis**, v. 8, n. 16, p. 267-275, 200

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, v. 9, p. 133-141, 1988.

PEREIRA, Ricardo; CHEVITARESE, André L. Por uma arqueologia dos candomblés: contribuições da ciência do passado aos estudos dos fenômenos religiosos. **Revista Maracanan**, v. 20, p. 112-136, 2019.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017.

RIBEIRO, Loredana; SILVA, Bruno. S. R.; SCHIMIDT, Sarah. K. S.; PASSOS, Lara. P. A Saia Justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. **Estudos Feministas**, 2017.

ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melissa. Sobre bonecas e carrinhos: desconstruindo as categorias “feminino” e “masculino” no passado. **Especiaria**, v. 11/12, n. 20/21, p. 219-240, 2010.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais	LIBRAS 012	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
2.2.0	60h	-	

EMENTA:

Perspectiva cultural e linguística dos surdos. Língua de sinais enquanto língua dos surdos. Aspectos da organização educacional e cultural dos surdos. Aspectos gramaticais da língua de sinais. Atividades de base para a aprendizagem da língua de sinais para uso no cotidiano ou relacionado ao trabalho docente. Diferentes etapas utilizadas pelo contador de histórias para as crianças surdas. Exploração visual espacial das diferentes narrativas bem como da criação literária surda.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRASIL. Decreto 5.626. Lei 10.436 de 2002. **Diário Oficial**, Brasília, 24 de abril de 2002, p. 23. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10.436.htm>. Acesso em 15/05/2010.

CAPOVILA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. 1v. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2001.

SOUZA, Regina M. de; GOES, Maria C. R. de. **O ensino para surdos na escola Inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da incluso**. In: SKLIAR, C. *Atualidades da Educação Bilingüe para surdos*. Porto Alegre: Mediações. 1999. 1V. p. 163-187.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

PIAGET, Jean. **A Formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho. Imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370 p.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico: livro do estudante**. 2007.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD- Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD- Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 295-305, 2006.

PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedes**, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006.

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia Urbana	NOVA	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	-	

EMENTA:

Introdução ao tema da Arqueologia Urbana. Direito à Cidade, Corpo e Arqueologia. Conceitos alicerçais. Revisão histórica e teórica. Estudos de casos no Brasil. Arqueologia da Arquitetura. Arqueologia Industrial. Arqueologia dos bordéis e da prostituição. Arqueologia das favelas. Arqueologia dos sem teto. Patrimônio arqueológico urbano: carta arqueológica, critérios de significância e outros instrumentos de preservação. Arqueologia com a cidade: trabalhos colaborativos na urbe. Arqueologia urbana em Teresina: histórias periféricas.

OBJETIVO:

Analisar as cidades do ponto de vista da Arqueologia, pensando-as como o resultado de camadas sobrepostas de resíduos materiais de diferentes épocas, que convivem na urbe e discutir noções vigentes de patrimônio e preservação aplicadas às particularidades de se considerar as cidades como um sítio arqueológico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

THIESEN, Beatriz Valladão. **As paisagens da cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999. Disponível no link:

https://www.academia.edu/19786681/AS_PAISAGENS_DA_CIDADE_arqueologia_da_%C3%A1rea_central_da_Porto_Alegre_do_s%C3%A9culo_XIX

OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte. **Um estudo em arqueologia urbana: a carta do potencial arqueológico do centro histórico de Porto Alegre**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=35362

TESSARO, Piero Alessandro Bohn. **Pedaços de uma Paulicéia espalhados pela Urbe: Musealizando uma Arqueologia com a Cidade**. (Dissertação de Mestrado). MAE-USP, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-06052014-124403/pt-br.php>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CRESSEY, Pamela e STHEPHENS, John. The city-site approach to urban archaeology. In: DICKENS, Roy S. Jr. (org). **Archaeology of Urban America. The search for pattern and process**. New York: Academic Press, 1982: 41 – 59.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. O caso de Buenos Aires**. (Tese de Doutorado). UNICAMP, 2001. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/137011/paredes-que-domesticam-arqueologia-da-arquitetura-escolar-c/>

THIESEN, Beatriz. Valladão. **Fábrica, identidade e paisagem urbana: arqueologia da Bopp Irmãos (1906 –1924)**. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/29914541/F%C3%A1BRICA_IDENTIDADE_E_PAISAGEM_URBANA_ARQUEOLOGIA_DA_BOPP_IRM%C3%83OS_1906_1924

MURRAY, Tim e MAYNE, Alan. **The archaeology of urban landscapes. Explorations in slumland**. Cambridge University Press, Cambridge, 2001

TOCCHETTO, Fernanda e THIESEN, Beatriz. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. In: LIMA, Tania Andrade (org). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação**. Brasília: IPHAN, n. 33, 2007: 175-200. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revista_33compressed.pdf

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Prática de Conservação de Arte Rupestre	NOVA	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
1.3.0	60h	CACAR CCN019 – Teoria da Conservação	
EMENTA: Práticas de campo de trabalhos de conservação de arte rupestre: levantamento de dados para elaboração de diagnósticos.Técnicas de amostragem Intervenções de conservação (limpeza e consolidação de placas rochosas).			
OBJETIVO: Realizar atividades de campo em sítios de arte rupestre. Analisar os principais problemas de conservação de painéis rupestres. Estabelecer e colocar em práticas medidas de intervenção.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
LAGE, M. C. S. M. Conservação de Arte Rupestre . Teresina: Ed. Alinea, 1996.			
LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional , n. 33 Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, 2007.			
CAMPOS, G. N. e GRANATO, M. (organizadores) Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso . Editor: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)-RJ-RJ, 2017			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRUNET, J; VIDAL, P.; VOUVÉ, J. Conservation de l'art rupestre: deux étude, glossaire illustré.UNESCO: Études et documents sur le patrimoine culturel , n. 7, 1985.			
BRUNET, J; DANGAS, I; VIDAL, P. e VOUVÉ, J. La conservation de l'art des cavernes et des abris. Section Française de l'Institut International de Conservation : Champs sur Marne (França), 1990.			
BRUNET, J. Presentación de la Conservación del arte rupestre prehistorico en Francia. SIARB, Contribuciones al estudio del arte rupestre sudamericano , Bolívia, n. 4, 1995. Comité Dominicano del ICOMOS, Consejo Internacional de Monumentos y Sitios: Carta de Venecia 1964, Normas de Quito 1967, Resolución de Santo Domingo 1974, Santo Domingo , 1994.			

CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. La dégradation et La conservation de La Pierre. Paris: **UNESCO**, n.. 16, 1996.

LAGE M. C. S. M. **Etude archéométrique de l'art rupestre du sud-est du Piauí – Brésil**. Thèse de doctorat, Université de Paris I, 1990.

SOLEILHAVOUP, F. L'étude, la dégradation et la protection des peintures rupestres préhistoriques. Exemple du Tassili (Sahara Algérien). **Revue Caesar Augusta**, p. 115-153, n..49 e 50, 1979.

COMPONENTE CURRICULAR				UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome		Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Práticas de restauro		NOVA	Disciplina Optativa	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):		
1.3.0	60h	CACAR CCN019 – Teoria da Conservação		

EMENTA:

Práticas de restauro em diversos materiais arqueológicos. Estudos de pigmentos rupestres. Restauro de telas. Restauro de cerâmica. Restauro de líticos.

OBJETIVO:

Realizar práticas de restauro em diversos materiais arqueológicos para proporcionar experiências sobre a cadeia operatória (desde a fabricação, como são evidenciados, até possíveis práticas de restauro).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMPOS, G. N. e GRANATO, M. (organizadores) **Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso**. Editor: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)-RJ-RJ, 2017.

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33 Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, 2007.

LORÊDO, W. **Manual de Conservação em Arqueologia de Campo**. Rio de Janeiro, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BANNING, E. B. The Archaeologist's Laboratory. **The Analysis of Archeological**, 2000.

BRUNET, J. Presentación de la Conservación del arte rupestre prehistorico en Francia. **SIARB, Contribuciones al estudio del arte rupestre sudamericano**, Bolívia, n. 4, 1995.

CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. La dégradation et La conservation de La Pierre. Paris: **UNESCO**, n.. 16, 1996.

LAGE M. C. S. M. **Etude archéométrique de l'art rupestre du sud-est du Piauí – Brésil**. Thèse de doctorat, Université de Paris I, 1990.

VICROSKI, F. J. N. **Técnicas de laboratório em arqueologia**. Passos Fundos - RS. 2012.

7º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Estágio Supervisionado	CGP0049	Disciplina	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
0.0.14	210h	CGP0040-Teorias e Métodos em Arqueologia CACAR/CCN023-Técnicas de Trabalho de Campo II CCN016 – Técnicas de Laboratório II	

EMENTA:

Vivências profissionais com os métodos e técnicas associadas ao exercício do trabalho de campo em arqueologia. Experiência profissional com o tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação, registro e acondicionamento. Análises da cultura material desenvolvidas em laboratório. Exercício da prática profissional relacionada à gestão dos bens arqueológicos em instituições públicas, privadas ou em ONGs.

OBJETIVO:

Realizar Estágio Obrigatório em instituições públicas, privadas ou em ONGs; exercer atividades pertinentes à prática arqueológica profissional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 85-185.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología: teoria, métodos y practica**. Madrid: AkalEdiciones, 1993.

WHEELER, Mortimer. **Arqueología de campo**. – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 6. ed. Recife: UFPE, 2013.

BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Orgs.). **Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.

LAGE, M. C. S. M. **Conservação de Arte Rupestre**. Teresina: Ed. Alinea, 1996.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. v. 6, n. 1, janeiro/abril, 2011.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB Editora, 1992.

8º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Arqueologia Pública	CGP0043	Disciplina	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
3.1.0	60h	CACAR CCN007 – Patrimônio Cultural e Legislação	

EMENTA:

A socialização do saber científico. Abordagens arqueológicas: Arqueologia Pública, Simétrica, Multivocal, Decolonial e afins. Identidades e comunidades: Associações e apropriações do patrimônio arqueológico.

OBJETIVO:

Apresentar abordagens que envolvam as comunidades na prática arqueológica; habilitar os educandos em procedimentos que busquem as associações e apropriações do patrimônio pelas comunidades; realizar trabalho prático com alguma comunidade e seu patrimônio cultural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FERNANDES, T. **Vamos criar um sentimento?** Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15042008-144626/pt-br.php>.

BEZERRA, Márcia. Os Sentidos Contemporâneos das coisas do passado: Reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**. N. 7. Julho 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP.

SILVA, Fabíola Andréa. Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 143-172, dec. 2015. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108570/107406>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DE BURRA, Carta. **Carta de Australia para sitios de significación cultural**. ICOMOS, 1999. Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>. Acesso em 04/01/2023.

FUNARI, P.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. **Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil**. História, v.27, n.2, p.13-30, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a02v27n2.pdf>.

FUNARI, P.P.A.; ORSER, E.C. Jr.; SCHIAVETTO, S.N.O. (Orgs.) **Identidades, Discurso e Poder**: Estudos de Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (ed.). Arqueología Simétrica. Un Giro Teóricos in Revolucion Paradigmática (withcommentary). **Complutum**, 18, p. 283-319, 2007. Disponível em: <http://humanitieslab.stanford.edu/23/814>.

LAP – Laboratório de Arqueologia Pública. **Revista de Arqueologia Pública**. Unicamp. Disponível em: <http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/>
RUIBAL, Alfredo Gonzalez. Hacia otra arqueología: diez propuestas. **Complutum**, 2012, Vol. 23 (2): 103- 116. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/viewFile/40878/39138>

COMPONENTE CURRICULAR			UNIDADE RESPONSÁVEL:
Nome	Código	Tipo	Coordenação de Arqueologia
Monografia II	CGP0033	Disciplina	
Créditos:	Carga Horária:	Pré-requisito(s):	
4.0.0	60h	CGP0025-Monografia I	
EMENTA: Desenvolvimento do projeto de pesquisa com elaboração e defesa do trabalho de conclusão de curso.			
OBJETIVO: Desenvolver pesquisa científica, redigir, formatar, apresentar e defender o Trabalho de Conclusão de Curso.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. Fundamentos da metodologia científica: um guia para a iniciação científica . 3. ed.ampl. São Paulo: Makron Books, 2007.			
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos . 6ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.			
SALOMON, Dêlcio Vieira. Como fazer uma monografia . 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARAAS, Robert. Os cientistas precisam escrever : guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979.			
CERVO, Amado Luiz. Metodologia do trabalho científico . 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.			
GRANJA, Elza Corrêa et.al. Normalização de referências bibliográficas : manual de orientação. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997.			

LUCKESI, Cipriano et.al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

7 INFRAESTRUTURA FÍSICA

7.1 Instalações e Equipamentos

O Curso de Arqueologia da UFPI funciona em prédio construído para abrigar os novos cursos do Centro de Ciências da Natureza - CCN. A parte da estrutura a ele destinada inclui salas de professores, salas de aula, uma sala de estudos para os discentes, 4 laboratórios, auditório, salas para coordenações e secretarias da Graduação e da Pós-Graduação de Arqueologia, espaço para o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP), e para o Museu de Arqueologia e Paleontologia, além de uma área comum, destinada à instalação de pontos de serviço de alimentação, de fotocópias, de impressão, digitação e outros.

Em relação ao espaço de trabalho para docentes, cada um dos professores do curso possui uma sala de trabalho individual, com área de 8,88 m² onde pode abrigar, além de móveis e equipamentos fornecidos pela Universidade, também outros que se fizerem necessários para o bom desempenho de suas funções. As salas individuais, além de proporcionarem o conforto e a privacidade dos professores, também permitem a guarda de material bibliográfico e equipamentos de uso pessoal. Nelas são realizados atendimentos a discentes, pesquisas, estudos, planejamentos, dentre outras atividades, inclusive as que necessitam do uso de WI FI ou internet via cabo da Universidade. Há banheiros feminino e masculino de uso exclusivo dos docentes no bloco destinado às salas dos professores, cada um com mais de 22m².

Atualmente o Curso de Arqueologia da UFPI conta com cinco laboratórios, em razão da divisão do antigo LAB 1 em dois: Laboratório de Arqueometria e Arte Rupestre; Laboratório de Arqueologia e Estudos de Tecnologia (LATEC); Laboratório de Paleontologia; Laboratório de Arqueologia Marítima e Subaquática (LARQSUB) e

Laboratório de Osteoarqueologia (LOA). Os cinco laboratórios são pertencentes e de uso exclusivo do Curso de Arqueologia, e podem ser considerados salas de aula, pois são espaços e lugares nos quais são realizadas aulas práticas laboratoriais. São, portanto, laboratórios didáticos onde se desenvolvem atividades pedagógicas de integração entre teoria e prática. O Curso dispõe, também, de uma sala de desenho de 62m², também de uso exclusivo, que abriga 17 pranchetas para as aulas das disciplinas cujas atividades práticas envolvem desenho, tais como desenho técnico de material arqueológico e desenho aplicado à Paleontologia, além de atender a outras necessidades do Curso.

Em relação às salas de aula do CCN II, o prédio é relativamente novo, todas as salas dispõem de ar-condicionado, aparelho data-show, quadro branco de acrílico, acesso WI FI e de cabo para a Internet, carteiras suficientes e novas para uso dos alunos, mesa e cadeira de uso docente. As salas têm entre 62m² e 98m², sendo suficientes para abrigar as turmas das diferentes disciplinas.

O Curso também utiliza o Auditório do Museu de Arqueologia, quando disponível, ou quando agendado, para aulas com exibição de filmes e documentários de longa duração, apresentação de seminários pelos discentes, além da apresentação dos Trabalhos de Conclusão do Curso. É importante frisar que há uma sala destinada ao Centro Acadêmico do Curso de Graduação em Arqueologia, onde os alunos podem planejar atividades da vida acadêmica.

Os docentes e discentes do Curso têm acesso ao Laboratório de Informática do CCN2, vinculado ao curso de Estatística, que ocupa o mesmo prédio do de Arqueologia. Para as disciplinas que envolvem o uso de computadores, os discentes de Arqueologia podem usar este laboratório.

7.2 Recursos Humanos

7.2.1 Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante do Curso de Arqueologia está atualmente institucionalizado pela **PORTARIA CCN/UFPI Nº 41/2023, DE 31 DE AGOSTO DE 2023** com a seguinte composição:

Joina Freitas Borges	Nato
Ana Luisa de Meneses Lage do Nascimento	Membro
Ângelo Alves Corrêa	Membro
Grégoire Andre Henri Marie Ghislain van Havre	Membro
Maria do Amparo Alves de Carvalho	Membro
Sônia Maria Campelo Magalhães	Membro
Vinicius Melquiades dos Santos	Membro

Em consonância com o que preconiza a Resolução 278/2011 CEPEX, todos os membros do NDE possuem titulação *strictu sensu* de doutorado, entre os quais 5 possuem licenciatura em suas formações de base e todos já participaram das Capacitações e Seminários de Docência Superior oferecidos anualmente pela UFPI. Todos atuam em regime de tempo integral e Dedicação Exclusiva. E em atendimento à sugestão de prioridade constante no Artigo 5 da resolução supracitada, todos os membros do NDE têm experiência de mais de dois anos de magistério superior.

7.2.2 Corpo Docente

O Corpo Docente do Curso de Arqueologia é composto por professores de diversas formações acadêmicas, em virtude da interdisciplinaridade característica da Arqueologia. Todo o corpo docente faz parte do Colegiado do Curso, sendo assim todos participam das tomadas de decisão em relação aos programas de disciplinas, oferta semestral, homologação dos Quadros de Atividades Docentes, logo todos participam do planejamento pedagógico semestral do Curso. A partir do planejamento semestral comum, a atuação de cada docente em nível individual vai acontecer de forma a integrar os conteúdos ministrados, de modo a cumprir os objetivos da formação interdisciplinar em Arqueologia. Todos os professores do corpo docente são atuantes, com projetos de pesquisa e/ou projetos de extensão, podendo assim ser considerados professores-pesquisadores e assim, a partir desta atuação que conjuga teoria e prática, trazem para a sala de aula questões atuais da Ciência, atualizando os conteúdos da Arqueologia ministrados em sala de aula.

Alguns docentes do curso colaboram com outras instituições atuando como orientadores/coorientadores de trabalhos de dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado. As articulações com outras instituições e entes federativos por parte dos docentes do curso também merecem destaque, pois resultam na participação e

formação de grupos de estudo nos níveis local, regional, nacional e internacional, além de pesquisas e participações em encontros que geram publicações, e assim, contribuem para requalificar os conteúdos curriculares, promovendo a autorreflexão crítica das disciplinas.

Dois docentes atuaram como presidentes da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) em mandatos consecutivos. Um destes, o Professor Flávio Rizzi Calippo, também atuou como Diretor do Centro Nacional de Arqueologia – CNA/IPHAN, órgão responsável pela gestão do Patrimônio Arqueológico Brasileiro e pela autorização de todos os projetos arqueológicos em todo o país. Nesse contexto, como presidente da SAB, além da presidência de um congresso em âmbito nacional, para mais de mil pessoas, com financiamento CAPES e CNPq em seu nome, o professor conduziu a articulação no Congresso Nacional para a aprovação da Lei 13.653, de 18 de abril de 2018, que regulamentou a profissão de arqueólogo no Brasil.

A internacionalização dentro da estrutura da Graduação em Arqueologia da UFPI acontece em diferentes frentes: Dois dos professores permanentes do programa são estrangeiros: Prof. Dr. Juan Carlos Cisneros Martinez e Prof. Dr. Grégoire Andre Henri Marie Ghislain van Havre; três fizeram doutorado no exterior e dois realizaram estágios pós-doutorais também fora do Brasil. A formação dos docentes, bem como sua origem, ajudam a estabelecer e manter parcerias em pesquisas e publicações com pesquisadores e instituições no exterior. Isto colabora para a atuação desses docentes em vastas redes de cooperação internacional. Dois pesquisadores do Curso (Fernanda Codevilla Soares e Flávio Callippo) são integrantes de projetos internacionais que desenvolvem investigações arqueológicas na Antártica, ambos integram o Projeto “Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica”, coordenado pelo prof. Andres Zarankin, que é fruto de uma parceria entre Brasil, Argentina, Chile e Austrália. Os dois professores do Curso realizam trabalhos de campo na Antártica e a prof. Fernanda desenvolve análises de materiais coletados naquele continente, bem como participa de eventos e faz publicações internacionais sobre o tema. Além disso, a prof. Fernanda tem realizado uma série de ações de extensão (programas, projetos e eventos cadastrados no SIGAA) com o objetivo de formar pesquisadores polares no Piauí e descortinar um novo campo de atuação para os estudantes em formação no Curso de Arqueologia da UFPI. Entre as publicações internacionais realizadas pelos professores do Curso, cabe destacar a participação dos professores Vinícius Melquíades e Fernanda

Codevilla Soares como autores de capítulos no Handbook of Global Historical Archaeology (2020), obra de referência mundial em Arqueologia Histórica. O Prof. Dr. Grégoire van Havre participou, em 2019, do levantamento fotogramétrico do Sítio do Meio, um dos mais importantes sítios arqueológicos do Parque da Serra da Capivara sob direção do Prof. Dr. Eric Boëda (Missão Francesa). O convênio com a Universidade de Coimbra possibilita a realização de estágios e parceria de pesquisa com o Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) da Universidade de Coimbra. Membros do CIAS fazem parte do Grupo de Pesquisa em Bioarqueologia do Nordeste Brasileiro (Bioarqueo-NE), com algumas publicações em periódicos internacionais desde 2018. Destacamos que os projetos, atividades e publicações citadas neste tópico são apenas parte dos trabalhos do corpo docente do Curso de graduação em Arqueologia da UFPI, e que suas comprovações e outras produções podem ser acessadas através de seus Currículos disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq.

Todos os docentes lotados no Curso de Arqueologia são Dedicação Exclusiva, o que permite o atendimento da demanda existente no Curso, tanto na oferta semestral de disciplinas, como na realização de atividades de pesquisa e extensão, grupos de estudo e atendimento individual aos discentes orientandos. Através das reuniões semestrais de elaboração do Quadro de Atividade Docente, sempre antecedendo o semestre subsequente, a carga horária distribuída na oferta é acordada em conjunto, permitindo, dessa forma, a organização e planejamento didático de cada um. No início de cada semestre os professores devem elaborar seus Planos de Disciplinas e disponibilizá-los no Sistema SIGAA. O Quadro de Atividade Docente e o Quadro de oferta trazem o registro individual das atividades dos docentes e são considerados para o planejamento e a gestão.

7.2.3 Atuação da Coordenação

Coordenador e Subcoordenador devem possuir pós-graduação em Arqueologia. Cabe à coordenação as seguintes atribuições: o planejamento pedagógico, organização, direção e supervisão do curso, identificação dos problemas relacionados à dinâmica das disciplinas, proposição de soluções compatíveis com as necessidades e prioridades para o desenvolvimento da matriz curricular; capacidade para aperfeiçoar o uso dos recursos didático-pedagógicos disponíveis; valorizar o

perfil de aptidões dos docentes no aproveitamento dos mesmos nas diversas disciplinas; manter o vínculo discente-coordenação retroalimentado; ter capacidade para lidar com a diversidade de comportamentos e ideias dos discentes, de modo a aproveitar o seu potencial e desenvolver empatia com os mesmos, impondo-lhes disciplina com flexibilidade.

Diante do exposto, a coordenação prioriza por uma atuação colaborativa e democrática junto com os docentes, discentes e técnicos. Seu papel associa-se a colocar em prática as diretrizes curriculares do PPC, cuidar da qualidade do curso, gerenciar as atividades de docentes, discentes e técnicos. É a coordenação que preside as reuniões de colegiado, do NDE e se faz presente nos colegiados superiores, sendo, por exemplo, membro do Conselho do Centro de Ciências da Natureza. Todas suas ações são pautadas no plano de ação do curso e compartilhadas com o corpo docente, discente e de técnicos. Entre suas atividades, é responsável por apoiar e/ou promover eventos de extensão, solicitar bolsas e relatórios para monitores de disciplinas, atender demandas do Diretório Acadêmico e incentivar a integração dos discentes entre si e destes com os docentes. Sempre comunica docentes e discentes sobre abertura de editais que visem oportunidades de melhoria do desempenho dos discentes, como, por exemplo, Programas de Iniciação Científica e de Extensão, estágios não-remunerados, participação em eventos científicos etc. Recebe presencialmente discentes que precisam tratar de assuntos acadêmicos. Também gerencia a oferta de disciplinas, matrículas e fechamento dos diários dos professores.

Como todos os docentes do Curso, coordenador(a) e subcoordenador(a) trabalham em regime integral e dedicação exclusiva (DE). O(a) Coordenador(a) destina, respeitando a Resolução 42/2018 CONSUN, 20 horas semanais presencialmente na coordenação, para a gestão do curso no âmbito administrativo e pedagógico, visto que, de acordo com a composição dos Cursos REUNI, coordenação e sub-coordenação atuam também como chefia e subchefia. Essa carga horária permite a realização das atividades administrativas, atividades pedagógicas junto ao corpo docente, gerindo, junto ao NDE, a avaliação constante das atividades curriculares, assim como do corpo docente. A carga horária também é destinada ao acompanhamento e aconselhamento discente. O(a) coordenador(a) faz parte do Conselho Departamental do Centro de Ciências da Natureza, junto a mais dois docentes que também atuam como conselheiros. Anualmente é realizado um relatório

de desempenho constando as atividades realizadas na coordenação, que constitui instrumento de análise para tomadas de decisão e planejamento futuro.

7.3 Bibliotecas

O acervo bibliográfico disponível para atendimento ao que se prevê nos ementários dos cursos em geral deve ser atualizado e estar em quantidade proporcional à quantidade de estudantes, conforme quantitativo indicador. O curso de Arqueologia tem procurado seguir essa recomendação, valendo-se para isso do acesso à Biblioteca Central da UFPI, à biblioteca setorial do CCN e a uma terceira biblioteca, especial por ter o acervo mais voltado para a Arqueologia, disponível no NAP-Núcleo de Antropologia Pré-Histórica.

A Biblioteca Vilma Chiara do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP-UFPI) conta com 2135 volumes, os quais enfocam, sobretudo, temas relativos à Arqueologia. Tendo recebido doação dos valiosos acervos da reconhecida antropóloga Vilma Chiara e das arqueólogas Ana Clélia Barradas Correia e Jacionira Coêlho Silva, somando-se ao já existente quando da criação do Núcleo, esta biblioteca tem obras raras e específicas sobre Arqueologia. Inicialmente pensado para realizar as pesquisas arqueológicas no Sudeste do estado, o NAP hoje atua em diferentes regiões do Piauí e em estados vizinhos; possui sob sua guarda um considerável acervo arqueológico em constante crescimento graças a pesquisas em curso, o qual está sendo inventariado e analisado pelos alunos da graduação e da Pós-graduação em Arqueologia da UFPI. Desde meados da década de 1980 o NAP é responsável pelo levantamento geral, cadastramento e pesquisas de sítios arqueológicos em todo o território piauiense. Além dos vestígios de cultura material resultantes de sua própria atuação e de endossos institucionais, que são facultados para estudo em sua reserva técnica, o Núcleo disponibiliza ainda para discentes e pesquisadores do Curso e a comunidade em geral o acervo da Biblioteca Vilma Chiara, com livros, periódicos, TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado versando sobre os mais variados temas arqueológicos. Este núcleo dispõe também de uma mapoteca, equipamentos de GPS, câmeras fotográficas digitais, 1 drone, 1 scanner 3D portátil, 1 impressora, computadores de mesa, scanners de mesa, software para tratamento de imagens e materiais rotineiros para a realização de escavação arqueológica. Esta biblioteca também serve de repositório da memória da Arqueologia na UFPI contando

com os originais de Relatórios Técnico-científicos de Projetos (tanto dos desenvolvidos internamente quanto daqueles para os quais o NAP forneceu endosso institucional), e de cadernos de campo de professores da graduação e da pós-graduação em Arqueologia da UFPI, como os das professoras Sônia Maria Campelo Magalhães, Maria Conceição Soares Meneses Lage e Ana Clélia Barradas Correia e do Professor Luís Carlos Duarte Cavalcante. Em conjunto, estes documentos abrangem três décadas de pesquisa da instituição, principalmente no que se refere à Arqueologia Pré-histórica. O espaço também serve de repositório físico dos trabalhos de dissertação defendidos no PPGArq, assim como das versões impressas e eletrônicas dos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) da Graduação em Arqueologia. Constan ainda exemplares dos trabalhos finais de conclusão do Curso de Especialização em Conservação de Arte Rupestre (ofertado pelo NAP entre os anos de 2000 e 2001), além de teses e dissertações de Arqueologia ou de áreas correlatas, defendidos em programas de pós-graduação de outras instituições brasileiras ou do exterior, inclusive de alguns docentes. Fazem parte ainda do acervo do NAP mapas temáticos e decalques valiosos de trabalhos de levantamento de sítios de arte rupestre do Piauí.

Os discentes do Curso de Graduação em Arqueologia contam ainda com uma rede consolidada de bibliotecas da UFPI, entre as quais a Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco (Biblioteca Central da UFPI) e algumas bibliotecas menores como a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Natureza (CCN) e a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) que abrangem nos seus acervos títulos de interesse da Arqueologia e Ciências afins, já que a atuação da Arqueologia e das Arqueociências é interdisciplinar, muitas vezes dependendo de conhecimentos das Ciências Naturais, como Zoologia ou Geologia, e por outras de Ciências Humanas como a Antropologia e a Sociologia.

Pelo fato do curso estar localizado na Capital do Estado, nossos discentes têm também acesso a Bibliotecas de outras autarquias, fundações e institutos como a Biblioteca do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Biblioteca da Fundação Estadual do Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (CEPRO), a Biblioteca do Núcleo de Estudos do Piauí, a Biblioteca do Instituto Dom Barreto, além do acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí.

- BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JORNALISTA CARLOS CASTELLO BRANCO

O sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Piauí (SIBi/UFPI) é composto por uma unidade principal, a Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco, também conhecida como Biblioteca Central da UFPI e nove bibliotecas setoriais. Cinco das bibliotecas setoriais funcionam no campus onde está localizado o PPGArq: a Biblioteca Setorial Prof. Zenon Rocha do Centro de Ciências da Saúde; a Biblioteca Setorial Profa. Raimunda Melo do Centro de Ciências da Educação; a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias; a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Natureza, e a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras. Quatro bibliotecas setoriais funcionam em outros campi, mas são repositórios inestimáveis de obras e documentos sobre diferentes regiões do estado do Piauí: a Biblioteca Setorial do Campus Amílcar Ferreira Sobral (no Município de Floriano); a Biblioteca Setorial do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (no Município de Picos); a Biblioteca Setorial do Campus Profa. Cinobelina Elvas (no Município de Bom Jesus) e a Biblioteca Setorial do Campus Ministro Reis Velloso (no Município de Parnaíba), esta última em processo de desligamento do SIBi/UFPI com a criação da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e sua incorporação ao corpo da nova instituição.

A Biblioteca Central da UFPI dispõe de 70.798 títulos e 205.198 exemplares de livros (sendo 27.213 títulos e 87.937 exemplares em Bibliotecas Setoriais do Campus de Teresina e dos campi do interior do estado do Piauí), dos quais 12.385 títulos e 29.999 exemplares são da área de Ciências Humanas. A Biblioteca conta com 2.143 títulos e 57.274 fascículos de periódicos nacionais e internacionais, dos quais 590 títulos de periódicos são da área de Ciências Humanas.

É importante destacar que a Universidade Federal do Piauí disponibiliza acesso ao Portal de Periódicos da CAPES a todos os seus alunos, professores, servidores e visitantes desde que conectados à rede da UFPI. Pós-graduandos e docentes também podem acessar o Portal de Periódicos fora do ambiente da UFPI, mediante liberação junto ao setor de tecnologia da informação.

O espaço físico da Biblioteca Central é composto por um prédio moderno e confortável localizado a 500 m do bloco de prédios do CCN II onde acontecem as atividades acadêmicas do Curso de Arqueologia. O prédio da biblioteca em si conta com uma área de 1.296,82 m² para o depósito do seu acervo impresso; áreas de leitura e consulta compreendendo 1.671,80 m², além de áreas para o serviço público, técnico e outros que juntamente com os anteriores perfazem uma área total de 4.194,81m². A biblioteca é estruturada com três amplos salões de estudos com 770

lugares, distribuídos em 307 cabines individuais, 155 cabines para uso de computadores portáteis, 1 mesa com 10 lugares, 47 mesas com 4 lugares, 55 mesas com 2 lugares, 1 sala de projeção com 80 lugares, 1 sala de xadrez com 6 mesas, 9 salas para estudo em grupos (cada sala com 10 lugares), 1 laboratório equipado para atender pessoas com visão subnormal ou deficientes visuais.

8 DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

8.1 Equivalência entre projetos pedagógicos

O PPC ora proposto possui **equivalência global** com as disciplinas da matriz curricular vigente (2019), visto que não houve alteração na carga horária, nos créditos, nem na nomenclatura das disciplinas.

8.2 Cláusula de vigência

Esta proposta de adequação, feita principalmente para regular a implantação das horas de Atividade Curriculares de Extensão, **deve entrar em vigor no Semestre 2024.1**. Como a equivalência entre esta matriz curricular e a matriz anterior é global não haverá alterações na oferta e os alunos do currículo anterior poderão realizar suas disciplinas normalmente, assim como não haverá alteração para os professores.

Os alunos que entraram a partir de 2023-1 deverão migrar compulsoriamente para esta matriz curricular a fim de corrigir a carga horária de extensão do currículo anterior.

REFERÊNCIAS

LEIS FEDERAIS

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e suas alterações. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL, Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e dá outras providências.

Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

DECRETOS

Decreto nº 3276, de 06 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica e dá outras providências.

Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.

Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.

Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.

Decreto nº 6.872, de 04 de junho de 2009. Aprova o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR), e institui o seu Comitê de Articulação e Monitoramento.

Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os

Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009. Institui o Programa Nacional de Direitos Humanos.

PORTARIAS E RESOLUÇÕES DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Portaria Normativa MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004. Regulamenta a introdução, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial.

Portaria Normativa MEC nº 40, de 12 de dezembro de 2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da educação superior no sistema federal de educação.

Portaria Normativa MEC nº 23, de 01 de dezembro de 2010. Altera dispositivos da Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007, que Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, Banco de Avaliadores (BASIS) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições.

Portaria Normativa MEC nº 147, de 02 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a complementação da instrução dos pedidos de autorização de cursos de graduação em direito e medicina, para os fins do disposto no art. 31, § 1º, do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006.

Portaria Normativa MEC nº 1.383, de 31 de outubro de 2017. Aprova, em extrato, os indicadores do Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação para os atos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento nas modalidades presencial e a distância do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes.

Resolução CONAES nº 01, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.

PORTARIA MEC Nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior – IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino.

PARECERES E RESOLUÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Parecer CNE/CP nº 03, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Resolução CNE/CES Nº 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

Parecer CNE/CP nº 08, de 06 de março de 2012. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Resolução CNE/CP nº 01, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Parecer CNE/CP nº 14, de 06 de junho de 2012. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

Resolução CNE/CP nº 02, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

Parecer CNE/CP nº 22, de 07 de novembro de 2019. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica(BNC-Formação);

Resolução CNE/CP nº 02, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).Republicada em 15.04.2020.

REGRAMENTO ESPECÍFICO PARA A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

DECRETO Nº 9.017, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 , que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

PORTARIA NORMATIVA No- 2, DE 10 DE JANEIRO DE 2007.Dispõe sobre os procedimentos de regulação e avaliação da educação superior na modalidade a distância.

Parecer CNE/CES nº 564, de 10 de dezembro de 2015. Diretrizes e Normas Nacionais para a oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância.

Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de março de 2016. Estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância.

RESOLUÇÕES DA UFPI

Resolução CEPEX nº 177/12, de 5 de novembro de 2012 - NORMAS DE FUNCIONAMENTO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.

Resolução UFPI/CEPEX nº 115/2005 – Diretrizes Curriculares para formação de professores formado na UFPI

Resolução UFPI/CEPEX nº 021/2014 estabelece normas referente ao Repositório Institucional (RI).

Resolução CEPEX nº 054/17 – Dispõe sobre o atendimento educacional a estudantes com necessidades educacionais especiais na UFPI.

Resolução UFPI/CEPEX Nº 053/2019 - que regulamenta a inclusão das atividades curriculares de extensão como componente obrigatório nos cursos de graduação.

Resolução UFPI/CEPEX Nº 220/2016 que define as diretrizes para formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica na UFPI.

Portaria PREG/CAMEN Nº 330/2017 que aprova as diretrizes gerais para o TCC.

Portaria PREG/CAMEN Nº 471/2016 que aprova a ementa das disciplinas: Didática, Avaliação e Libras.

Regulamento do Estágio elaborado no FORLIC

DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA

Instrumentos de Avaliação e Reconhecimento de Cursos de Graduação e Bacharelado, utilizados pelo Ministério da Educação – MEC / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no âmbito do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

Acesso no Portal MEC:

<http://inep.gov.br/instrumentos>

BIBLIOGRAFIA

- A -

ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Mary Castro (Coord.). Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília-DF: UNESCO; INEP; Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.

ABREU, J. Capistrano de. Capítulos de história colonial, 1500-1800. 7. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ADDINGTON, L. R. Lithic Illustration: Drawing Flaked Stone Artifacts for Publication. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

ADOVASIO, J. M.; PAGE, J. Os primeiros americanos. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ADKINS, L. e R. Archaeological Illustration. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

AFONSO, J. (2003). Notas de apoio às aulas práticas de Osteologia da disciplina Anatomia I (texto elaborado para a disciplina Anatomia I do curso de licenciatura em Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa).

AGARWAL, S.C.; GLENCROSS, B.A. Social Bioarchaeology. Wiley-Blackwell, 2011.

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. Revista CLIO. Recife: UFPE, n.6, p.109-112, 1984. (Série Arqueológica).

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. CLIO – Série Arqueológica. n. 8,v. 1. Recife: EDUFPE, 1993.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na história do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. Revista CLIO, Série Arqueológica. Recife: UFPE, n.7, 1991.

ALVES, M. A. As culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnopológico. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: MAE – USP, v.1, 1991.

ALVES, Márcia A. Estudo técnico em cerâmica do Brasil. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. n. 4. São Paulo: EDUSP, 1994.

AMICO, J. C. Ciudad y territorio em los Andes. Contribuciones a la historia del urbanismo prehispánico. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.

ANDREFSKY JR., William (Ed.). *Lithic Debitage: context, form, meaning*. Salt Lake City: University Of Utah. Press, 2001.

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

AQUINO, J. G. (Org.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2ª edição. São Paulo: Summus. 1998.

ARAUJO, A. G. M. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de; EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006.

ARCELIN, P. *Normalisation du dessin en ceramologie*. Montpellier: D.A.M, 1979.

ARENAS, Irida Vargas; SANOJA, Mario. *Archaeology as a social science: its expression in Latin America*. In: NEVES, Eduardo G.. *Changing perspectives in Amazonian archaeology*. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). *Archaeology in Latin America*. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724/2011: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/>>.

ATKINS, Peter; JONES, Loretta. *Princípios da Química - Questionando a vida moderna e o meio ambiente*. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.

AURICCHIO, P.; SALOMAO, M. da G. (2002) *Técnicas de coleta e preparação de vertebrados*. 350 p. Editora: Terra Brasilis.

AZEVEDO, Domingos de. *Grande dicionário (Francês-Português)*. Lisboa: Bertrand

- B -

BADY, J. et al. *Exerçons-nous: grammaire (cours de civilisation de la Sorbonne)*. 350 exercices niveau débutant. Paris: Hachette, 1990.

BAHN, P. et al. *Dating and the earliest Known Rock*. [s.l.]: Oxbow Books, 1999.

BALME, J.; PATERSON, A. *Archaeology en practice. A Student Guide to Archaeology Analyses*. Oxford: Blackwell, 2006.

BANDEIRA, Arkley Marques. *Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís – Maranhão*. Dissertação. São Paulo: 2008. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O feudo: A Casa da Torre de Garcia D'Ávila – da conquista dos sertões à independência do Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

BAPTISTA, João Gabriel. Etnohistória indígena piauiense. 2. ed. Teresina: EDUFPI, APL, FUNDAC, 2009. (Grandes Textos, v. 2).

BARAAS, Robert. Os cientistas precisam escrever: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979.

BARBOSA, Edson; SILVA, Lina Pereira da. Casa grande de São Domingos. Teresina: EDUFPI, 1984. BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil.

Revista USP. São Paulo, n.44, p.10-31, dezembro/fevereiro, 1999-2000.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. Fundamentos da metodologia científica: um guia para a iniciação científica. 3. ed.ampl. São Paulo: Makron Books, 2007.

BARTH, Frederick. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas (org. TomkeLask). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Orgs.). Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.

BASTOS, Rossano Lopes. O papel da Arqueologia na Inclusão Social. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, Nº33/2007, IPHAN, p. 289-303.

BAPTISTA, João Gabriel. Etnohistória indígena piauiense. Teresina: EDUFFPI, 1994. BASS, George F. Arqueologia subaquática. Lisboa: Verbo, 1969.

BAUDRILLAR, Jean. A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe. In: MOLES, Abraham et al. Semiologia dos objetos. Petrópolis: Vozes, 1972.

BAVA DE CAMARGO, P. F. Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, séculos XIX-XX. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BEDNARIK, Robert G. Rock Art Science: the scientific study of paleoart. New Delhi: Ed. Aryan Books International, 2007. Beck C. W. Archaeological Chemistry, Ed. American Chemical Society, Advances in Chemistry Series, 1974.

BENTON, M.J. 1997. Vertebrate Paleontology. Chapman & Hall, London, 452 p.

BERGER, Lee, HILTON-BARBER, Brett. In the footsteps of Eve: The mystery of human origins. Washington: National Geographic Society, 2000.

BERGER, Lee; HAWKS, John. Almost Human: The Astonishing Tale of Homo naledi and the Discovery That Changed Our Human Story. Washington: National Geographic Society, 2017.

BESCHERELLE, La conjugaison 1200 verbes. Paris: Hatier, 1990. BHABHA, H. O local da cultura. Trad.: Ávila, Myriam e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001. BICHO, Nuno Ferreira. Manual de arqueologia pré-histórica. Lisboa: Edições 70, 2006.

BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*. v. 8, n. 2, outubro, 1962.

DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125-143.

BITTENCOURT, José Neves. Museu Paraense Emílio Goeldi: uma instituição científica em um museu. *MUSAS*. n. 2. Brasília: IPHAN, 2006.

BORGES, Jóina Freitas. A história negada: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI, 2004

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTTALLO, Marilúcia. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. n. 6. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOWEN, D. Q. Quaternary Geology - A Stratigraphic Framework for Multidisciplinary Work. Londres: Pergamon, 1978, 217 p.

BRADLEY, D.; CREAGH, D. (Edit.). Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage. Amsterdam: Elsevier, 2006. v. 1. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/1>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. A elite colonial piauiense: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. 344p

BRANDI, C. Teoria da restauração. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2004. 261p. Brasil, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº9.394/1996.

BRASIL. Lei Federal No10. 172/2001

BRASIL. Decreto 5.626. Lei 10.436 de 2002. *Diário Oficial*, Brasília, 24 de abril de 2002, p. 23. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10.436.htm>. Acesso em 15/05/2010.

BRASIL, Plano Nacional de Educação, Lei nº13.005/2014.

BRADY, James E.; HUMISTON, Gerard E. Química Geral. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1983. Volume 1.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. A elite colonial piauiense: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. 344p

BROCHADO, José Proenza. Alimentação na floresta tropical. Porto Alegre: UFRGS, 1977. (Cadernos, 2). BROCHADO, José Proenza. Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, São Paulo: USP, n. 27, p.65-82, 1998. BROTHWELL, D.; HIGGS, E. Science in archaeology: a survey of progress and research. London: Thames & Hudson, 1969.

BRUNET, J.; VIDAL, P. Les oeuvres rupestres préhistoriques: étude de problèmes de conservation. *Studies In conservation*, Paris, n. 25, p. 97-107, 1980.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 17).

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio, Brasília: IPHAN, n. 31, 2005.

BUENO, L.; ISNARDIS, A. (Orgs.). Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

BUIKSTRA, J.; UBELAKER, D. Standards for data collection from human skeletal remains. Proceedings of a Seminar at The Field Museum of Natural History. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Research Series No. 44, 1994.

BURKE, H.; SMITH, C. (2004) - The Archaeologist's Field Handbook. Crows Nest: Allen & Unwin, 2004. BURKE, Peter. O que é história cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. BURSZTYN, Marcel (Org.). Ciência, Ética e Sustentabilidade: desafios ao novo século. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

- C -

CALIPPO, Flávio Rizzi. Sociedade sambaqueira, Comunidades Marítimas. 2010, p. 290. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMACHO, H.H. Invertebrados fósseis. Buenos Aires: Universitária, 1974.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Legislação sobre Patrimônio Cultural. 2. ed. 2013. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4844>>.

CAMPOS, G. N. e GRANATO, M. (organizadores) Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso. Editor: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)-RJ-RJ, 2017; [http://site.mast.br/hotsite_livro_desafios_e_estudos_de_caso/pdf/livro_completo.p df](http://site.mast.br/hotsite_livro_desafios_e_estudos_de_caso/pdf/livro_completo.pdf).

CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. La dégradation et La conservation de LaPierre. Paris: UNESCO, n. 16, 1996.

CANINDÉ – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2001-. Disponível em: <<http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CAPOVILA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira. 1v. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Os mortos e os Outros – uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.

- CARVALHO, I. de S. (ed.) 2000. Paleontologia. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 628 p.
- CARVALHO, I. de S. (ed.) 2004. Paleontologia. 2a. ed. Editora Interciência, Rio de Janeiro, v. 1, 861 p., v. 2, 261.
- CARVALHO FILHO, Sergio de. Estatística básica. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 464p.
- CASSETI, V. Elementos de Geomorfologia. Editora da UFG, Goiânia2, 1994.
- CERAM, C. W..Deuses, Túmulos e Sábios: as grandes descobertas da arqueologia. 21. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERVO, Amado Luiz. Metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHADBURN, Amanda. An Overview of Recent Developments and Initiatives by UNESCO and ICOMOS with Especial Reference to World Heritage Sites in Open-Air Rock-Art Conservation and Management State of the Art and Future Perspectives. Routledge Studies in Archaeology, 2014. p.272-281.
- CHARBONNIER, Georges. Arte, linguagem, etnologia: Entrevistas com Lévi- Strauss. Campinas: Papyrus, 1989.
- CERVO, Amado Luiz. Metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHAVES, Monsenhor Joaquim. O Piauí nas lutas pela Independência do Brasil. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005. Obra completa.
- CHMYZ, Igor (Ed.). Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Curitiba: CEPA/UFPR, 1966. (Série Manuais de Arqueologia, n. 1).
- CHOAY, F. A Alegoria do patrimônio. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. 282p.
- CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blüher, 1974.
- CLASTRES, Pierre. "O arco e o cesto". In: A Sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- CONNOLLY, J. e LAKE, M. (2006). Geographical Information Systems in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press.
- COUTO, C. de P. Tratado de Paleomastozoologia., Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1979.
- CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). Radiation in art and archeometry. Amsterdam: Elsevier, 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/book/9780444504876>
- CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage. Amsterdam: Elsevier, 2007. v. 2. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/2>

CRIADO-BOADO, F. Del Terreno a l'Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje. CAPA 6. Criterios y Convenciones em Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela. 1999.

COLINVAUX, P. Ecology. Editora John Wiley & Sons, Inc. 1986.

COMERLATO, F. As representações rupestres do litoral de Santa Catarina. CONGRESSO DA SAB: arqueologia, patrimônio e turismo, XIII, 2005, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grande (MS): Ed. Oeste, 2005. CD ROM.

CUNHA, Manoela Carneiro (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

CURY, Isabele. Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

- D -

DARWIN, Charles. A origem e evolução das espécies. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. Horizontes Antropológicos, v. 8, n. 18, p. 13-60, 2002. DAVIDSON, D. A. Geomorphology and archaeology. IN: Archaeological Geology. London, 1985. DAVIES, N. Los antiguos reinos del Peru. Barcelona: Critica, 1998.

DAVIS, S. J. M. The Archaeology of Animals. London. New Haven: Yale University Press. 1987.

DAWKINS, Richard. A grande história da evolução: na trilha dos nossos ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAUVOIS, M. Précis du dessin dynamique et structurel des industries lithiques préhistoriques. Paris: Ed. Pierre Fanhac, 1976.

DENCKER, Ada de Freitas; DA VIÁ, Sarah C. Pesquisa empírica em Ciências Humanas. São Paulo: Futura, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Ilhas e mares: simbolismo e imaginário. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

DOBZHANSKY, Theodosius Grigorievich. O Homem em evolução. 2ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968. 422p.

DORLING, D., FAIRBAIRN, D. Mapping ways of representing the world. Essex: Longman, 1997. 184p.

DRENNAN, R. D. Statistics for Archaeologists: a common sense approach. 2ed. Berkeley: Springer, 2009. 327p.

DREWETT, P. L. Field Archaeology: An Introduction. London: Taylor & Francis, 2001.

DUNNEL, Robert C. Classificação em arqueologia. São Paulo: EDUSP, 2006.

DURAN, Leandro D. Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.338.

DYCE, K.M, SACK, W.O. e WENSING, C.J.G. (1996). Textbook of Veterinary Anatomy. W.B. Saunders Company, Philadelphia, Pennsylvania, U.S.A.

-E –

ECO, Humberto. Como se faz uma tese. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos).

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Descolonizando a arqueologia no brasil: contribuições da etnoarqueologia para a compreensão e preservação de cemitérios indígenas no estado de mato grosso do sul. Cuadernos del

Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano–Series Especiales,

v. 2, n. 3, 2015. ESTEVES, F.A. Fundamentos de limnologia. Rio de Janeiro, Interciência, 1998.

-F –

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. CANIDÉ. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. n. 4. Aracaju: UFS, dezembro de 2004.

FARACO, Carlos Alberto e MANDARIK, David. Prática de redação para estudantes universitários. Vozes: Petrópolis, 1987.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Prática de textos: língua portuguesa para nossos estudantes. Vozes: Petrópolis, 1992.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. ETD- Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico: livro do estudante. 2007.

FERNANDES, T. Vamos criar um sentimento? Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15042008-144626/pt-br.php>.

FERNANDES, A. G. & BEZERRA, P. Estudo fitogeográfico do Brasil. Fortaleza: Stilus Comunicações, 1990.

FERREIRA, Ialy Cintra et al. ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA: Linhas de pesquisa científica no Brasil entre 1970 e 2014. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 14, n. 27, p. 219-234, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FIEDEL, S. Prehistoria de América. Barcelona: Critica, 1996.

FISH, S. K.; KOWALEWSKI, S. A. (Eds.). The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

- FLINT, R. F. Glacial and Quaternary Geology. Nova York: John Wiley & Sons, 1971, 892 p.
- FLOOD, J. Rock art of the dreamtime. Sydney: Angus & Robertson, 1997.
- FOGAÇA, E. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. Cadernos de Arqueologia. Xingó: UFS, Chesf, Petrobras. 1997 (Documento 3).
- FOLEY, Robert. Os humanos antes da humanidade. São Paulo: UNESP, 2003.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.
- FORSSMAN, T.; GUTTERIDGE, L. Bushman Rock Art. Pinetown: Southbound, 2012.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Brasiliense: São Paulo, 1994. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003.
- FUNARI, P.P.A. Teoria Arqueológica na América do Sul. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Coleção "Primeira Versão" 76), 1998, 51pp.
- FUNARI, P.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil. História, v.27, n.2, p.13-30, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a02v27n2.pdf>.
- FUNARI, P.P.A.; ORSER, E.C. Jr.; SCHIAVETTO, S.N.O. (Orgs.) Identidades, Discurso e Poder: Estudos de Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.
- FUNARI, P. P.; ZARANKIN. A.; REIS, J. A. (orgs.). Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960- 1980). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.
- FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (Piauí): Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento das Américas, 1996.
- G -
- GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1980. GASPAR, Madu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GATTI, Bernardete Angelina; FERES, Nagibe Lima. Estatística básica para ciências humanas. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977. 163p.
- GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. GENDROP, P. A civilização maia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GIDDENS, Antony. As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIONGO, Affonso Rocha. Curso de desenho geométrico. 34ª edição. São Paulo: Nobel, 1984.

GNECCO, Cristóbal. Archaeology and historical multivocality: a reflection from the Colombian multicultural context. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). Archaeology in Latin America. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

GNECCO, Cristóbal; HABER, Alejandro. Arqueología Suramericana – Arqueologia Sul-Americana. V.4, N.1, Janeiro 2008. Disponível em: http://worldarch.org/wp-content/uploads/2008/05/RAS_4.1_2008.pdf

GOLDBERG, Paul & MACPHAIL, Richard I. Practical and Theoretical Geoarchaeology. Oxford: Blackwell Science, 2006.

GOLDENBERG, M. 2009. Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. In: . A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro:Record. (pp.16-24).

GOMES, Denise Maria Cavalcante. Metodologia da pesquisa arqueológica: uma introdução. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 513-516, set.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n3/02.pdf>.

GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G. e (Org). Experiências étnico-culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

GÓMEZ, M. R. Patrimonio y Turismo. Disponível em: www.naya.org.ar/

GOMIDE, J. H., SILVA, P. R., BRAGA, S. M. M. Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural. Brasília: Ministério da Cultura. 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os Limites do Patrimônio in Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos. Org. Manuel Ferreira Filho, Cornélia Eckert e Jane Felipe Beltrão. Ed. Nova Letra, 2007. p.239-248.

GONÇALVEZ, J. Reginaldo Santos. A Retórica da Perda. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/IPHAN, 1996.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (ed.). Arqueología Simétrica. Un Giro Teóricos in Revolución Paradigmática (with commentary). Complutum, 18, p. 283-319, 2007. Disponível em: <http://humanitieslab.stanford.edu/23/814>.

GONZALES, I.; FREIRE, C.; MORENTE, L.; ASENSIO, E. Los Sistemas de Información Geográfica y la Investigación em Ciencias Humanas y Sociales. Madrid, 2012.

GOULD, R. Recovering the Past. Albuquerque: University of New Mexico, 1990. GOWLETT, John. Arqueologia das primeiras culturas. Barcelona: Folio, 2007. 212p.

GRANJA, Elza Corrêa et.al. Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997.

GREGOIRE, Maia; MERLO, Gracia. Grammaire progressive du Français: avec 400 exercices, niveau débutant. Paris: Cle International, 2004.

13

GROTZINGER, John; JORDAN, Tom. Para entender a Terra. 6ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 738p.

GRUZINSKI, Serge. A passagem do século - 1480-1520: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUERRA, A. T. Novo dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. da (org). Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GUERRA, A. J. T.; BATISTA, Sandra da Cunha. (org.). Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1996.

GUIDON, N. As Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato. Revista CLIO, Recife, n. 5, 1988. (Série Arqueológica).

GUIDON, N.; BUCO, C. Zone 3: Brésil - Nordeste – Etats du Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: ICOMOS - World Heritage Convention. (Org.) Paris, Rock Art of Latin America & the Caribbean, n. 1, p. 122-137, 2006.

-H –

HAYS-GILPIN, K. A. Ambiguous Images. Walnut Creek. Altamira Press, 2003.

HEMMING, John. Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

HEWINGS, Martin. Advanced grammar in use: a self-study reference and practice book for advanced learners of English. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HILDEBRAND, Milton; GOSLOW, G. E. Analise da estrutura dos vertebrados. 2ed. São Paulo: Atheneo, 2006. 637p.

HILL, C.L. Geoarchaeology. The Earth-Science Approach to Archaeological Interpretation. Chelsea: BrookCrafters, 1998.

HEMMING, John. Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

HODDER, Ian (Ed.). Archaeological theory today. Cambridge: Polity Press, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOLZ, M. e SIMÕES, M.G. Elementos Fundamentais de Tafonomia. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. 232p.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Guia prático de Educação patrimonial. Brasília: IPHAN, 1999.

HORTAS, A. I. Entre as Pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres de Diamantina, Minas Gerais. São Paulo. MAE – USP, 2009. (Tese de Doutorado).

-I –

IANNUZZI, R.; VIEIRA, C. E. L. Paleobotânica. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

IBGE. Noções básicas de Cartografia. Manuais Técnicos em Geociências. No. 8 Rio de Janeiro: FIBGE, 1999. 130p.

ICOMOS. A carta internacional do ICOMOS sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 7, 1997, p. 209-213.

INFANTE, Ulisses. Do texto ao texto. Scipione: São Paulo, 1991.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN – Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/legislacao>. IPHAN. Revista do Patrimônio. Rio de Janeiro, n. 33, 2007.

IRISH, J.D; SCOTT, G.R. A Companion to Dental Anthropology. Chichester: Wiley Blackwell, 2016.

ISKANDER, Z. A Arqueologia da África e suas técnicas – Processos de datação. In: KI-ZERBO, J. (Edit.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 213-246. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

-J –

JOHANSON, Donald; EDGARD Blake; BRILL, David. From Lucy to Language. New York: Simon & Schuster, 2006.

JOHNSON, Matthew. Teoría Arqueológica - Una Introducción. Barcelona: Ariel S. A., 2000.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, património e cultura. Lisboa: ED. Instituto Piaget, 2000.

MATOS, Alexandre. Da escavação ao Museu: caminhos da informação. Práxis Archaeologica, Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, n. 2. 2007.

JOUKOWSKY, M. A Complete Manual of Field Archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists. New York: Prentice-Hall Press, 1986.

-K –

KENT, S. Method and Theory for Activity Area Research (An Ethnoarchaeological Approach). New York, Columbia University Press, 1987.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf> LEAKEY, Richard. A origem da espécie humana. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

KLOKLER, D.; VILLAGRÁN, X.S.; GIANNINI, P.C.F., PEIXOTO, S.; DEBLASIS, P. Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 20: 53-75, 2010.

-L –

LAMING-EMPERAIRE, Annette. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. Curitiba: EDUFPR, 1967.

LAGE, M. C. S. M. Conservação de arte rupestre. Teresina: Alínea, 1996.

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, 2007.

LAGE, M. C. S. M. e LAGE, W. Conservation of rock-art sites in Northeastern Brazil; IN: Open-Air Rock-Art Conservation and Management – State of the Art and Future Perspectives; Ed. Routledge Studies in Archaeology, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia Científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentris mo_ciencias_sociais.pdf.

LAP – Laboratório de Arqueologia Pública. Revista de Arqueologia Pública. Unicamp. Disponível em: <http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/>

13

LAPPONI, Juan Carlos. Estatística usando excel. São Paulo: Lapponi Treinamento, 2000. 450p.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. O povo do lago: o homem – suas origens, natureza e futuro. 2.ed. Brasília: UNB, 1996.

LEMOIS Carlos A.C. O que é patrimônio histórico. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. LE PETIT, Robert. Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993. LEROI-GOURHAN, André.

Evolução e técnicas. Lisboa: Ed. 70, 1984.

LERY, Jean. Viagem à terra do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 205-222. LÉVI-STRAUSS, Claude. Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A ciência do concreto”. IN: . O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 1992.

LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

LEVIN, Jack. Estatística aplicada a ciências humanas. 2ed. São Paulo: Harbra, 1978. 392p.

LEVINE, David M; STEPHAN, David; BERENSON, Mark L. Estatística: teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 811p.

LIMA, Luis C. F. O desenho como substituto do objecto: Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos. Dissertação de mestrado,

Faculdade de Belas Artes: Universidade do Porto, 2007. 13

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. (ed.). Suma etnológica brasileira. Petrópolis: Vozes, v.2, p. 137-229. 1986. (Edição atualizada do Handbook of south american indians).

LIMA, Tânia Andrade. Zooarqueologia: Considerações Teórico-Metodológicas. Dédalo. São Paulo, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico. Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material. n. 1. São Paulo: EDUSP, 1993.

LIMA, Tânia Andrade. Restos humanos e arqueologia histórica: uma questão de ética. In: Historical Archaeology in Latin America. n. 5. Columbia: The University of South Carolina, 1994.

LIMA, Tania Andrade. Nos mares do sul: a pré-história do centro-meridional brasileiro. In: BANCO DO BRASIL.

Antes - História da Pré-História. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo: Centro Cultural do Brasil, 2004.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. v. 6, n. 1, janeiro/abril, 2011.

LIMAVERDE, Rosiane. Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, Ce. Tese de doutorado em Arqueologia, Universidade de Coimbra, Portugal, 2015.

LINOTT, Mark J. Ethical principles and archaeological practice: development of an ethics policy. American Antiquity. v. 62, n. 4, 1997.

14

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

LORÊDO, Wanda M. Manual de Conservação em Arqueologia de Campo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.

LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré- histórico do Planalto Central do Brasil. Habitus, v. 4, n. 2, p. 985-710, 2006.

LUCKESI, Cipriano et.al. Fazer Universidade: uma proposta metodológica. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

-M –

MADEIRA J. L. O desenho na Arqueologia, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras , 2002, Coimbra.

MADRIGAL, L.; GONZALÉZ-JOSÉ, R.. Introducción a la Antropología Biológica. Book 1, 2016. Publicação opensource disponível em: http://scholarcommons.usf.edu/islac_alab_antropologia/1

MAHAN, Bruce M.; MYERS, R. J. Química - Um Curso Universitário. 4. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1995.

MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1995.

MAROTE, d'Olim. Mini-dicionário (Francês-Português). São Paulo: Ática, 1998.

MARQUES, Marcélia. Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e

Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010. 14

MARQUES, P. Lições de Propedêutica Anatômica. Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa, 1995. MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. 3. ed. Recife: Editora da UFPE, 1999.

MARTINS, Dilamar Cândida et al. Gestão e tratamento do acervo arqueológico: rta – salas Judite Ivanir Breda.

Revista de Arqueologia. v. 14/15. São Paulo: SAB, 2001 – 2002.

MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERNOP, Lúbia Seliar. Português instrumental. Prodil: Porto Alegre, 1979. MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. Brasiliense: São Paulo, 1994.

MARX, K. On Society and Social Change. Chicago: Chicago University Press, 1973. MATINI, L. et al. Fundamentos e reconstrução de antigos níveis marinhos do Quaternário. Boletim IG-USP, publicação Especial 4, 1986, 161 p.

MEDEIROS, Iago Henrique Albuquerque de. Processos de formação do registro arqueológico em dunas eólicas: os sítios do litoral setentrional do Rio Grande do Norte, Brasil. Dissertação. Aracaju: 2005. Universidade Federal de Sergipe: Centro de Educação e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

MEGGERS, B. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

14

MEHRER, M. & WESCOTT, K. GIS and Archaeological Site Location Modeling. New York, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MENSCH, Peter Van. O objeto de estudo da museologia. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994. MICHEL, Maria Helena. Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. MITHEN, Steven. Pré- História da Mente. São Paulo: Unesp, 2002.

MONTEIRO, John. O índio na história do Brasil: informações, estudos, imagens. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/>

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. ETD-Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 295-305, 2006.

MORAIS, J. L. Tecnologia lítica. Erechim (RS): Habilis, 2009.

MORALES JR. R. Considerations on the Art and Aesthetics of the Rock Art. In:

T. Heyd and J. Clegg (ed.) *Aesthetics and Rock Art*. Aldeshot: Ashgate. 2005a. MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTT, Luiz R. B. *Piauí Colonial. População, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

MUCKELROY, Keith. *Maritime Archaeology*. (New Studies in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

MUNHOZ, Rosangela. *Inglês instrumental: estratégias de leitura*. Módulo I. São Paulo: Textonovo, 2000.

MURPHY, Raymond. *English grammar in use: a self-study reference and practice book for intermediate students*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

-N –

NAJJAR, Rosana. *Arqueologia Histórica: manual*. Brasília: IPHAN, 2005.

NAUTICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY. *Archaeology underwater: the NAS guide to principles and practice*. Portsmouth, 1995. NETTO, José Paulo. *O que é marxismo*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009 (Coleção Primeiros Passos).

NEVES, W. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de esqueletos humanos de origem arqueológica. *Bol. do Museu paraense Emílio Goeldi, Série Antropológica*, 4(1);3-26. 1988.

NEVES, E. G. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NEVES, Walter Alves. *Assim Caminhou a Humanidade*. São Paulo, Palas Athena, 2015. 320p. NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. *O povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos*. São Paulo: Globo, 2008.

NIELD E.W.; Tucker, V.C.T. 1985. *Palaeontology: an Introduction*. Pergamon Press, Oxford, 178p. NUNAN, David. *Second language teaching & learning*. Massachusetts: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

NUNES, Odilon. **Os primeiros currais**. Teresina: Comepi, 1972. (Monografias do Piauí, série histórica).

-O –

ODUM, Eugene Pleasants. **Fundamentos de ecologia**. 8ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. OLIVÉ, Leon (Ed.). *Ética y diversidad cultural*. Santa fé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

ORSER Jr., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992. ORR, Robert T. *Biologia dos vertebrados*. 5ed. São Paulo: Roca, 1986. 508p.

ORTON, Clive. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLSON, Steve. **A história da humanidade**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

-P -

PACHECO, Mirian L. A. F. **Zooarqueologia dos sítios arqueológicos Maracaju 1, MS e Santa Elina, MT**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo, 2008, 285 p.

PEARSON, M.P. **The Archaeology of death and burial**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2005.

PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. Cadernos Cedes, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006. PENTEADO, M.M. **Fundamentos de Geomorfologia**. IBGE, Rio de Janeiro, 1994, 113p.

PERRRENOUD, P. **A Pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. 2ª edição. Trad.: Schilling, Cláudia. Porto Alegre: Artmed. 2001.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-história**. São Raimundo Nonato (PI): A & A Comunicação, Parque Nacional Serra da Capivara, 2003.

PIAGET, Jean. **A Formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho. Imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370 p.

PIAZZINI, C. - Arqueología, espacio y tiempo: una mirada desde latinoamerica in: **Arqueología Suramericana** 2 (1): 3-25. 2006.

POLITIS, G (ed). **Arqueología Latinoamericana Hoy**. Bogotá, Editorial del Fondo de Promoción de la Cultura, 1992

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: Algumas Reflexões sobre ética na História Oral, In: Ética e História Oral Projeto História, nº 15, Revista do departamento de História da PUC SP, São Paulo: Abril de 1997, p. 13-33.

PROUS, André. Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. In: **Arquivos do Museu de História Natural** – UFMG. Belo Horizonte: UFMG, v. 11, 1986/90.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB Editora, 1992.

-Q -

QGIS 2.8 **Guia do Usuário**. 2016.

-R -

RAINBIRD, Paul. The archaeology of the islands. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RAMBELLI, Gilson. **Arqueologia até debaixo d'água**. São Paulo: Maranta, 2002.

REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. **American Antiquity**. 38 (1), 1973, p. 61-79.

REGO, Junia Motta A. N. do. **Dos Sertões aos Mares: História do Comércio e dos Comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950)**. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em História). – Universidade Federal Fluminense: UFF. Niterói, 2010.

REIS, José Alberione dos. **“Não pensa muito que dói”**: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.

REITZ, E. J. & WING, E. S. **Zooarchaeology**. Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Manuals in Archaeology), 1999.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología: teoria, métodos y practica**. Madrid: Akal Ediciones, 1993.

RESOURCE: The Council for Museums, Archives and Libraries. **Conservação de Coleções**. São Paulo: EDUSP/Fundação Vitae, 2005. (Museologia. Roteiros Práticos; 9).

REVISTA BRASILEIRA DE ARQUEOMETRIA, RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO. Recife: AERPA, 2006-. Disponível em: <<http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/home.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco. **A Arqueologia e as Tecnologias de Informação**. Uma Proposta para o Tratamento Normalizado do Registo Arqueológico. Dissertação defendida pela Universidade de Minho, Braga, 2001. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8603/1/TESE_MESTRADO.pdf

RIBEIRO, M.S. **Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

RICKLEFS, Robert E. **A Economia da natureza**. 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RIEGL, A. **O Culto Moderno dos Monumentos**. 1. ed. Ed. Perspectiva. 2014.

RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.

RIZZINI, C. T. **Tratado de fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos**. Âmbito Cultural Edições Ltda., 1997.

RIZZINI, C. T.; COIMBRA, A. F. & HOVAISS, A. **Ecosistemas brasileiros**. Rio de Janeiro: Index, 1988.

RKE, H.; SMITH, C. **The Archaeologist's Field Handbook**. Crows Nest: Allen and Unwin, 2004. RODNEY, Carlos Bassanezi. **Modelagem Matemática: Ensino e Aprendizagem**. Editora Contexto, 2002.

ROBBEN, A.C.G.M. **Death, Mourning, and Burial: A Cross-Cultural Reader**. Victoria: Wiley-Blackwell, 2004. ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho;

TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). **Ensino Fundamental**: orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

ROMER, A. S. & PARSONS, T. S. **Anatomia Comparada dos Vertebrados**. São Paulo. Atheneu, 1985.

ROSS, J. L. S. **Relevo Brasileiro**: Uma Nova Proposta de Classificação. Revista do Departamento de Geografia, 4, FFLCH/USP, São Paulo, 253p. ROUSE, Irving. The classification of artifacts in archaeology. American Antiquity. v. 23, n. 3, 1960.

RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SILVA, Rosiclér Theodoro da. **Geoarqueologia**: teoria e prática. Editora da UCG, 2008.

RUIBAL, Alfredo Gonzalez. Hacia otra arqueología: diez propuestas. Complutum, 2012, Vol.23(2):103-116. Disponível em
:https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/viewFile/40878/39138.

RUPPERT, E. F. & BARNES, D. **Zoologia dos Invertebrados**. 7ª edição. São Paulo. Roca. 2005.

RUSSELL, John Blair. **Química Geral**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2008. Volumes 1 e2.

-S-

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANCHIDRIAN, J. L. **Manual de Arte Pré-histórico**. Ed. Ariel Historia, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Isabel Aparecida dos Santos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial. In: CAVALLEIRO, E. (org.). Racismo e anti-racismo: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-114.

SANTOS, Melquiades dos Santos. **Os artesãos da pedra**: arqueologia e museologia das vasilhas de pedra- sabão em Minas Gerais. São Paulo: USP, 2011 (Dissertação de Mestrado).

SCARRE, Geoffrey; SCARRE, Chris. **The Ethics of Archaeology**: philosophical perspectives on archaeological practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; DEMARTINI, Célia Maria Cristina; BUSTAMANTE, Alejandra. **O aproveitamento científico de coleções arqueológicas**: a coleção Tapajônica do MAE/USP. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, EDUSP, n. 6, 1996.

SCHALLER, O. (1992). **Illustrated Veterinary Anatomical Nomenclature**. Ferdinand EnkeVerlag, Stuttgart.

SCHEEL-YBERT, R.; KLOKLER, D.; GASPAR, M.D. & FIGUTI L. 2005-2006 **Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos**: antracologia,

arqueobotânica, zooarqueologia. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 139-163.

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SEMAR - **Secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí**. ZEE – Zoneamento Ecológico e Econômico do Piauí. 2010.

SEPLAN. **Plano Diretor de desenvolvimento Turístico Arqueológico do Piauí**. Governo do Estado do Piauí, PRODETUR, Banco do Nordeste, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEURER, L. **Juvenile Osteology – a Laboratory and field Manual**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2009.

SHEKHAR, S.; XIONG, H. (Org.) **Encyclopedia of GIS**. New York, 2008.

SILVA, Cassio Roberto da. **Geodiversidade do Brasil**: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. 265p.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler**. Cortez: São Paulo, 1984. SILVA, Fabíola Andréa. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas, v. 4, n. 1, p. 27- 37, 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. **Etnoarqueologia**: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. Métis: história & cultura, v. 8, n. 16, 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. **Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu**: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 143-172, dec. 2015. ISSN 1678-9857. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108570/107406>.

SILVA, Jorge Xavier da; ZAIDAN, Ricardo Tavares. **Geoprocessamento e análise ambiental: aplicações**. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 363p.

SILVA, Vagner G. da 2006. **O Antropólogo e sua Magia nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras**. São Paulo: EDUSP.

SISSON, S. e GROSSMAN, J.M. (1981). **Anatomia dos Animais Domésticos**. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana.

SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. **Princípios de Análise Instrumental**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

SOARES, A L. Ramos. **Educação Patrimonial**: Relatos e Experiências. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2003.

SOARES, Luiz Eduardo. **Hermenêutica e Ciências Humanas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 100-142, 1988.

SOBOLICK, K. D. **Archaeobiology**. California: Alta Mira Press. 2003 (Archaeologist's Toolkit 5)

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, aprovado em Assembleia Geral em 1997.

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira, aprovado em Assembléia Geral em 2015.

SOLEILHAVOUP, F. L'étude, la dégradation et la protection des peintures rupestres préhistoriques. Exemple du Tassili (SaharaAlgérien). **Revue Caesar Augusta**, p. 115-153, n. 49 e 50, 1979.

SOUTH, Stanley. Reconhecimento de padrões na arqueologia histórica. **VESTÍGIOS**. Revista Latino- Americana de Arqueologia Histórica. v. 1, n. 1, jan./jun., 2007.

SOUZA, Adriana Grade Fiori et. al. **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

SOUZA, M. do S. E. de; SOUZA, C. N. N. de; GONÇALVES, L. R. L. R. et al. **Inglês instrumental**. Estratégias de Leitura. Teresina: Editora Halley, 2002.

SOUZA, Regina M. de; GOES, Maria C. R. de. **O ensino para surdos na escola Inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da incluso**. In: SKLIAR, C. Atualidades da Educação Bilingüe para surdos. Porto Alegre: Mediações. 1999. 1V. p. 163-187.

STEWART, J.H. **Handbook of South American Indians**. Volume 1 – The Marginal Tribes, 1946. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Publicação opensource disponível em: <https://archive.org/details/bulletin14311946smit>

STRINGER, Chris; ANDREWS, Peter. **The Complete World of Human Evolution**. Thames & Hudson, 2012.

SUGUIO, Kenitiro. **Geologia do Quaternário e mudanças ambientais**. São Bernardo do Campo: Oficina de Textos, 2010. 408p.

SUGUIO, Kenitiro; SUZUKI, Uko. **A Evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida**. São Paulo: Edgard Blucher, 2003. 152p.

SUSANNE, C.; REBATO, E.; CHIARELLI, B. **Antropologia Biológica: Evolução e Biologia Humana**. Lisboa: Edições Piaget, 2014.

SWAN, Michael. **Practical english usage**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; SOUZA, Marcos André T. de. **O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação**. In: LIMA, Tânia A. (org.) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 33, p. 215-243, 2007.

-T -

TANTALÉAN, Henry; AGUILAR, Miguel (compiladores). **La arqueología social latino americana:** de la teoría a la praxis. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2012. Disponível em: <http://lagunablanca.unca.edu.ar/assets/libro-arqueologia-social-latinoamericana.pdf>

TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. **Estatística básica**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2014. 459p.

TOCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo. **A louça em lixeiras urbanas:** reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. Revista de Arqueologia. v. 22, n. 1, jan./jul., 2009.

TOCCHETO, F.; THIESEN, B. **A memória fora de nós:** a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 33, p. 175-199, 2007.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

-U -

ULM, Sean. **Coastal themes:** an archaeology of the Southern Curtis Coast, Queensland. Canberra: Anu Press, 2006.

UNESCO. **Cartas patrimoniais**. Disponível em: <http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=12024&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>.

UNIVERSIDADE FEDERAL PIAUÍ. **Guia do Calouro**. 2018. Disponível em: http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PREG/Guia_do_Calouro_2018-1.c20180425171719.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Informações gerais sobre o funcionamento da UFPI**. Disponível em: www.ufpi.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Normas de funcionamento dos cursos de graduação da Universidade Federal do Piauí**. Disponível em: [http://www.ufpi.br/arquivos/File/normas%20da%20graduacao%20APROVADO%20CEPEX%20\(2\).pdf](http://www.ufpi.br/arquivos/File/normas%20da%20graduacao%20APROVADO%20CEPEX%20(2).pdf)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Regimento Geral da Universidade Federal do**

Piauí. Disponível em: http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf.

-V -

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1994.

VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. **O turismo em sítios arqueológicos:** algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. Revista de arqueologia, v. 20

VILLAGRAN, Ximena S. **Geoarqueologia de um Sambaqui Monumental** – estratigrafias que falam. São Paulo: Annablume. Fapesp, 2010. 213p. VIVAS, L. El Cuaternario, Mérida (Venezuela), Imprenta, 266 p, 1984.

-W -

WALDRON, T. **Paleopathology**. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WATERS, Michael R. **Principles of Geoarchaeology**. Tucson: University of Arizona Press, 1997. WHEELER, Mortimer. Arqueología de campo. – 3. reimpr. – **Madrid**: Fondo de Cultura Económica, 1995.

WHITE, T.; BLACK, M.; FOLKENS, P. 2012. **Human Osteology**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2012. WHITLEY, D. **Introduction to Rock Art Research**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc. 2005.

WÜST, Irmhild. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 2, p. 13-26, 1992.

WYLIE, A. The reaction against analogy. In: SCHIFFER, M.B. (Ed.). **Advances in Method and Theory**. New York: Academic Press, 1985. pp. 63-111

WYLIE, Alison. Thinking from Things. **Essays in the Philosophy of Archaeology**. Berkeley: University of California Press, 2002.

-Z -

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Bava. **Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?** São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2005.

ZARANKIN, Andrés e ACUTO, Félix A. (Eds). **Sed non satiata. Teoria social en la Arqueologia Latino americana Contemporanea**, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 1999, 287 pp.

APÊNDICE A –

FUNDAMENTOS LEGAIS DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, tem sua base legal pautada na Legislação Federal (Lei Federal nº. 11.788), no Regimento Geral da UFPI, no Projeto Pedagógico do curso de Arqueologia e na Resolução 177/2012 — CEPEX. Seguem abaixo excertos destas disposições legais, as quais tratam do estágio acadêmico obrigatório e estágio profissionalizante:

I. Lei Federal nº. 11.788 de 25 setembro de 2008, da Subchefia para assuntos Jurídicos da Presidência da República – Dispõe sobre os estágios de estudantes; altera a redação do artigo 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº. 5. 452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº. 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art.82 da Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art.6º da medida Provisória nº. 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências;

II. Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí:
“§ 2º O estágio de extensão é um momento de prática profissional e de atendimento a demandas.”

(CAPÍTULO VI - Da Extensão).

III. Resolução Nº. 177/2012, que institui as Normas dos Cursos de Graduação no âmbito da UFPI, orientando as diretrizes do Estágio Obrigatório:

APRESENTAÇÃO

O Regulamento de Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, objetiva orientar os discentes do curso em relação à matrícula, obrigações, documentos necessários, atribuições dos agentes envolvidos (estagiário, supervisor de campo e coordenador/supervisor de estágio) e elaboração do relatório final pelos estagiários. O Coordenador do curso de Arqueologia, no uso de suas atribuições regimentais, torna público os procedimentos e regras para a realização do Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado nos termos deste Regimento.

Das Disposições Gerais (Preâmbulo)

1.O Estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza. Devem ser observados os seguintes requisitos para o/a aluno/a candidato/a a estagiário/a:

- (a)estar matriculado e ter frequência regular;
- (b)respeitar o termo de compromisso no que ele dispõe sobre as obrigações do aluno, da parte concedente do estágio e da UFPI;
- (c)haver compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

2.O estágio curricular supervisionado é componente curricular obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do formando.

2.1.As atividades de estágio curricular poderão ser reprogramadas e reorientadas de acordo com os resultados apresentados pelo/a aluno/a.

Nestes termos, o Regulamento de Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado dispõe:

Art. 1º Os Orientadores/Supervisores de Estágio têm a atribuição de coordenar, supervisionar, controlar, acompanhar e avaliar as atividades de estágio dos alunos do Curso de Arqueologia conforme dispõem as Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação, a Lei nº11.788/2008, o Projeto Pedagógico do Curso de Arqueologia e a Resolução 177/2012 – CEPEX. O exercício de tais atribuições deve se dar, outrossim, em respeito às competências específicas da Coordenação do Curso de Arqueologia, bem como em respeito às competências da Pró- Reitoria de Ensino de Graduação (PREG) e da Pró-Reitoria de Extensão (PREX).

Art.2º O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado deve ser coordenado pelos supervisores de estágio e pelo supervisor de campo (funcionário chefe ou encarregado da empresa na qual o aluno fará estágio).

§1º O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado deverá ocorrer no intervalo de um (1) período acadêmico no qual o/a aluno/a deverá exercer suas funções estagiárias durante um turno (manhã ou tarde), perfazendo 20 (vinte) ou 30 (trinta) horas semanais de trabalho de segunda à sexta-feira, facultando à cada caso particular de convênio, o cumprimento do expediente aos sábados.

Etapas do Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado

Art.3º O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado possui carga horária total de 210 horas e acontece em uma única etapa, especificamente, durante o (7º) sétimo período, tendo como pré-requisito a disciplina Arte Rupestre II. O Estágio está voltado para a apresentação do local onde o/a aluno/a irá realizar seu estágio, descrição do setor do estágio, análise e diagnóstico do campo de estágio.

Procedimentos quanto à formalização do Estágio Supervisionado

Art.4º Para matricular-se na disciplina de Estágio Curricular Obrigatório, conforme dispõe o Projeto Pedagógico do Curso de Arqueologia, o/a aluno/a deverá, preferencialmente, estar matriculado no 7º (sétimo) período.

Áreas de atuação

Art.5º Os alunos deverão escolher uma área de atuação para o Estágio, levando-se em conta sua afinidade, a disponibilidade de tempo e a compatibilidade temática com o/a orientador/a. São exemplos de áreas possíveis de atuação para estágio no curso de Arqueologia:

- 1) Realizar trabalhos nos laboratórios vinculados à Coordenação do Curso de Arqueologia da UFPI (Laboratório de Arqueologia e Estudos de Tecnologia, Laboratório de Archeometria e Arte Rupestre, Laboratório de Paleontologia e Bioarqueologia, assim como laboratórios de arqueologia que estejam conveniados;
- 2) Realizar o estágio no Núcleo de Antropologia Pré-histórica, ou em outros núcleos e reservas técnicas conveniados à UFPI;
- 3) Atuar no Museu de Arqueologia e Paleontologia, além de outros museus que já tenham convênio com a UFPI;
- 4) Executar o estágio em empresas privadas que realizam a atividade arqueológica por contrato e que seja previamente conveniada com a instituição;
- 5) Exercício de funções de docente-pesquisador em Universidades, Faculdades e Instituições de Ensino e Pesquisa.

Horários de atendimento da coordenação de estágio

Art.6º A Coordenação de Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do Curso de Arqueologia encontra-se localizada na sala da Coordenação do Curso, tendo seu horário de funcionamento compatível com o horário da referida Coordenação.

Horários de atendimento para orientação

Art.7º Durante o sexto (6º) período os alunos deverão entrar em contato com o/a professor/a coordenador/a de estágio, o qual será indicado pelo colegiado do curso como titular da disciplina “Estágio Supervisionado”. Caberá a este professor/a apresentar aos alunos os convênios disponíveis para Estágio e articular a admissão do/a aluno/a numa das empresas conveniadas.

Prazo para entrega do relatório

Art.8º O relatório de estágio deve ser entregue ao coordenador/a de estágio no prazo estabelecido pela Coordenação de Estágio no início, ou no final de cada semestre letivo.

Estágios

Art.9º Quanto aos documentos exigidos para matricular-se e dar início ao Estágio Curricular destacam-se o **Termo de Convênio** e o **Termo de Compromisso**. O Termo de Compromisso é o documento que firma acordo entre a UFPI, empresa concedente e o discente, norteador alguns direitos e deveres. Finalmente, conforme estabelece a Lei nº. 11.788, todo estagiário/a deve estar assegurado por uma **apólice de seguros** contra acidentes pessoais, que atuará em todo território nacional. O/a estagiário/a não pode pagar por nenhuma taxa em decorrência de despesas administrativas do estágio, ficando esta sob responsabilidade da empresa contratante. Tal procedimento é realizado online via SIGAA, caberá ao aluno contratado entregar o termo de compromisso assinado ao contratante.

Estágios inválidos

Art.10º O Estágio Obrigatório pode ser invalidado pela Coordenação de Estágio e/ou pelo supervisor da empresa conveniada, quando:

- a) O Estágio estiver em desacordo com a presente norma, com os regulamentos desta Universidade ou com a legislação brasileira vigente;
- b) A área de conhecimento não for compatível com o caráter do curso;
- c) A carga horária mínima não for atingida;

- d) Os objetivos propostos para o Estágio não forem atingidos;
- e) O/a discente não comparecer e não justificar a ausência nas reuniões marcadas pela Coordenação de Estágio e pelo orientador;
- f) O/a discente deixar de apresentar ou apresentar fora de prazo, as documentações exigidas pela Coordenação do Estágio;
- g) O Estágio for suspenso, exceto se a suspensão for motivada por desinteresse em continuidade, por quaisquer das partes, após o cumprimento dos objetivos e da carga horária mínima;
- i) Houver a ocorrência de situações que justifiquem a invalidação do Estágio, segundo quaisquer partes envolvidas, cabendo ao discente recurso junto à Coordenação do Curso;

Obs.: A invalidação do Estágio implica na REPROVAÇÃO do/a aluno/a na respectiva disciplina.

Estágios suspensos

Art.11º O Estágio deve ser imediatamente suspenso se:

- a) O Estágio estiver em desacordo com a presente norma, com os regulamentos desta Universidade ou com a legislação brasileira vigente;
- b) As atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a estiverem fora dos objetivos do estágio obrigatório;
- c) As atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a estiverem fora dos padrões de ética exigidos pela Universidade Federal do Piauí;
- d) As atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a estiverem fora dos padrões de qualidade exigidos pelo curso;
- f) O/a estagiário/a deixar a condição de aluno desta Universidade;
- g) Houver desinteresse de continuidade da parte desta Universidade ou da organização cedente do estágio, sem prejuízo dos trabalhos em curso;
- h) O/a estagiário/a estiver exposto ou causando risco à vida, ao patrimônio e ao ambiente;
- i) Houver ato de má fé, fraude ou tentativa de fraude em atividades e documentação relativas ao estágio, por quaisquer das partes;
- j) Houver a ocorrência de situações que justifiquem a suspensão do estágio, segundo quaisquer partes envolvidas, cabendo ao discente recurso junto à Coordenação de Curso.

Obs.: A suspensão do Estágio implica na REPROVAÇÃO do/a aluno/a na respectiva disciplina, exceto se a suspensão for motivada por desinteresse em continuidade, por quaisquer das partes, após o cumprimento dos objetivos e da carga horária mínima.

Atribuições do/a estagiário/a

Art.12º São atribuições dos/as alunos/as matriculados/as nas disciplinas de Estágio Obrigatório:

- a) Tomar conhecimento integral do conteúdo das normas que regem as disciplinas, que estão disponibilizadas neste manual e na Coordenação do Curso;
- b) Agendar com o professor orientador/supervisor, as datas e horários para o acompanhamento do relatório;
- c) Procurar o/a professor/a supervisor/a (coordenador/a de estágio) e agendar horários para a definição do plano de trabalho e para elaboração do relatório de estágio, o qual deverá estar definido segundo as áreas de conhecimento inseridas nas normas vigentes;
- d) Entregar, dentro do prazo estabelecido pela Coordenação de Estágio, todos os documentos necessários a consecução do estágio, bem como relatório do estágio as atividades realizadas.
- e) No caso de estágio em instituições conveniadas, o aluno apresentará ao professor da disciplina, mensalmente, relatório com a comprovação da frequência e das atividades desenvolvidas, relatório este devidamente assinado pelo profissional orientador do aluno-estagiário.

Atribuições do Coordenador de Estágio

Art.13º São consideradas obrigações do/a professor/a supervisor/a (coordenador de estágio, titular da disciplina “Estágio Curricular”):

- a) Elaborar a programação semestral de estágios obrigatórios;
- b) Orientar os alunos, na elaboração dos seus planos e relatórios de estágio;
- c) Acompanhar e orientar a execução das atividades dos estagiários;
- d) Avaliar o desempenho dos estagiários atribuindo-lhes conceitos expressos sob a forma adotada pela Universidade;
- e) Cobrar dos estagiários, ao final do período letivo, o relatório correspondente ao Estágio Curricular;
- f) Contribuir para a elaboração ou reelaboração de normas ou critérios específicos do Estágio Curricular do Curso, com base nas legislações vigentes e na experiência da coordenação dos estágios;
- g) Informar a Coordenadoria de Estágio Obrigatório da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (CEO/PREG) os Campos de Estágio, tendo em vista a celebração de Convênios e Termos de Compromisso;
- h) Fazer, no final do período, levantamento acerca do número de alunos aptos e pretendentes ao estágio, em função da programação semestral;

- i) Elaborar a cada semestre, junto com a coordenação, as programações de Estágio Curricular que serão enviadas CEO/PREG no prazo estabelecido no Calendário Acadêmico;
- j) Orientar e encaminhar os alunos aos Campos de Estágio;
- k) Acompanhar o desenvolvimento do Estágio, tendo em vista a consecução dos objetivos propostos;
- l) Enviar a CEO/PREG, no final de cada período letivo, o relatório correspondente ao Estágio curricular do Curso.
- m) Caberá aos professores das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado estabelecer o plano de atividades dos alunos-estagiários matriculados na respectiva turma;
- n) Os Supervisores de Estágio publicarão cadastro das instituições conveniadas;
- o) A atribuição da nota final do estagiário conforme critérios claros e previamente apresentados ao aluno. Tais critérios devem estar de acordo com as exigências da Resolução 177/2012 – CEPEX.

DO ESTÁGIO EXTRAORDINÁRIO

Art.14º A prática real do estágio também poderá ser realizada, excepcionalmente, em projetos de extensão e pesquisa. O estágio extraordinário apenas será admitido com a prévia autorização dos Supervisores de Estágio.

ASPECTOS GERAIS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Art.15º O Relatório de Estágio Curricular é um documento acadêmico no qual o estagiário deve descrever sua experiência prática na empresa, sobretudo no que diz respeito à correlação entre o aprendizado acadêmico (empírico-teórico) e a experiência concreta. As observações do estagiário, contudo, devem estar sob a supervisão do coordenador de estágio. As informações gerais acerca da elaboração de tal Relatório devem ser fornecidas pelo Coordenador de Estágio nas semanas iniciais de cada semestre em aulas previamente marcadas. O Coordenador de Estágio deve esclarecer em pormenor os procedimentos e critérios para elaboração do documento. Os itens do relatório apresentado pela Coordenação de Estágio não são fixos ou definitivos. São apenas sugestões que devem se coadunar às particularidades de cada estágio ou área de trabalho.

Relatório de Estágio Curricular

Art.16º O Relatório do Estágio Curricular tem como objetivos:

1) Descrever a empresa - o local do campo de estágio, seu histórico, missão, visão e filosofia (ou política) de trabalho, sua estrutura organizacional e serviço. Entre os principais requisitos estão:

- a) Razão social da empresa;
- b) Endereço, CNPJ, telefone, principal contato (presidente);
- c) Histórico (como foi criada a empresa e quando);
- d) Segmento de atuação;
- e) Principais atividades desenvolvidas durante a realização do estágio;
- f) Organograma (apresentação dos principais dirigentes considerando os responsáveis de linha e assessoria);
- g) Missão empresarial;
- h) Visão de futuro;
- i) Objetivos organizacionais.

2) Apresentar o campo de estágio – Isto é, o setor e as atividades que o estagiário está habilitado a desempenhar. Nesta apresentação deve constar, no mínimo:

- j) Justificar a escolha; proceder uma descrição das atividades desenvolvidas pelo estagiário;
- k) A apresentação das atividades ou rotinas em fluxograma;
- l) A conclusão do capítulo: apresentação da importância das atividades do setor para a empresa, sob a ótica do estagiário;

3) No que diz respeito à correlação teoria e prática deve constar:

- m) Abordagem das principais problemáticas identificadas pelo estagiário;
- n) Análise de, pelo menos, uma das problemáticas que é considerada pelo estagiário de maior predominância ou que requer maior atenção por parte dos administradores/responsáveis do setor;
- o) Relacionar as teorias ou abordagens estudadas no curso as quais envolvam o problema, realizando uma comparação entre a teoria e a prática.

APÊNDICE B

REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DO TRABALHO MONOGRÁFICO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

CAPÍTULO I DA NATUREZA

Art. 1º– A Monografia, ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é parte integrante da estrutura curricular obrigatória do Curso de Graduação em Arqueologia, e funcionará sob a forma de duas disciplinas, Monografia I e Monografia II, com carga horária de 60 horas, cada.

Parágrafo único – A disciplina Monografia I compreenderá a elaboração do projeto de pesquisa e deverá ser cursada no 6º semestre, enquanto a Monografia II refere-se à execução do projeto e redação da monografia, devendo ser cursada no 8º semestre.

CAPÍTULO II DAS FINALIDADES E OBJETIVOS

Art. 2º – A Monografia é uma atividade acadêmica obrigatória, que visa complementar o ensino teórico-prático, com o objetivo de desenvolver o espírito criativo, científico e crítico do aluno de graduação, capacitando-o na abordagem de problemas e proposição de soluções, sob a orientação de um professor-orientador.

Art. 3º – A área de conhecimento da monografia será de livre escolha do estudante, em consonância com as linhas de pesquisa do professor-orientador vinculado ao Curso de Arqueologia.

CAPÍTULO III

DAS ATRIBUIÇÕES E DIREITOS

Art. 4º – São atribuições do professor-orientador da monografia:

- I - Orientar a elaboração do projeto de pesquisa (Monografia I) e as atividades inerentes ao seu desenvolvimento;
- II - Acompanhar a execução das atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa (Monografia II);

III - Orientar a redação da monografia;

IV - Autorizar o aluno a submeter a monografia à avaliação da banca examinadora, utilizando para isso o formulário próprio, devidamente assinado por ambos (Monografia II);

V - Designar, caso o trabalho assim o exija, um co-orientador, que poderá ser um docente da UFPI ou de outra instituição.

Art. 5º – São atribuições do Orientando:

I - Elaborar o projeto da Monografia I, sob a orientação do professor- orientador;

II - Executar as atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa e elaborar o texto monográfico (Monografia II);

III - Defender publicamente a monografia elaborada como produto final da Monografia II;

IV - Expor à Coordenação do Curso, em tempo hábil, problemas que dificultem ou impeçam a realização do projeto de pesquisa, visando encontrar soluções.

Art. 6º – São direitos do Orientando:

I - Receber orientação do professor-orientador no período de realização da monografia.

II - Dispor dos elementos básicos necessários à execução das atividades previstas no projeto de pesquisa, dentro das possibilidades científicas, técnicas e financeiras da UFPI.

CAPÍTULO V DA AVALIAÇÃO

Art. 7º – A avaliação da monografia será feita por disciplina (Monografia I e Monografia II) observando o estabelecido nos artigos 5o e 14o da Resolução No 043/95 CEPEX.

§ 1º O estudante matriculado na disciplina Monografia I será avaliado pelo projeto de pesquisa elaborado.

§ 2º O estudante matriculado na disciplina Monografia II será avaliado com base no trabalho de monografia, apresentado oralmente a uma banca examinadora, em defesa pública.

CAPÍTULO VI

DA APRESENTAÇÃO E JULGAMENTO DA MONOGRAFIA

Art. 8º – A Monografia deverá ser enviada ao e-mail da coordenação do curso em formato de arquivo previamente especificado e devidamente identificado, até a data definida em Assembleia do Curso a cada semestre, juntamente ao formulário de requisição contendo a lista dos membros que irão compor a banca examinadora, com ciência do orientador.

Art. 9º – A Banca Examinadora para avaliação da Monografia será aprovada em Assembleia do Curso, sendo constituída de no mínimo 3 (três) membros, sob a presidência do professor-orientador.

§ 1º Poderão participar da Banca Examinadora profissionais da área não vinculados à UFPI e que tenham experiência acadêmica comprovada ou didática em nível superior, desde que não supere 1/3 (um terço) do número de membros que compõem a banca.

§ 2º Na ausência de algum dos membros titulares, a Coordenação do Curso, fundamentada na lista encaminhada para o depósito da monografia, deve indicar avaliadores suplentes até compor o número mínimo exigido de avaliadores para possibilitar a defesa da Monografia.

Art. 10º – O horário e o local da Defesa da Monografia serão amplamente divulgados, devendo a defesa ocorrer em sessão aberta ao público.

Art. 11º – São atribuições do Presidente da Banca:

- I - Zelar pelo cumprimento dos horários;
- II - Distribuir os instrumentos de avaliação aos demais membros da banca examinadora;
- III - Conduzir as atividades, fazendo com que cada membro participe, bem como suscitar o exame acurado dos aspectos que lhe parecem pertinentes e úteis à avaliação do aluno;
- IV - Atuar como moderador e/ou dinamizador dos debates;
- V - Recolher os instrumentos de avaliação devidamente preenchidos e rubricados pelos membros da Banca;
- VI - Encerrar os trabalhos da Banca;
- VII - Elaborar uma ata que deverá ser assinada por todos os membros da Banca Examinadora;
- VIII - Encaminhar à Coordenação do Curso a Ata, juntamente com todos os instrumentos de avaliação.

Art. 12º – A Banca Examinadora deve observar os seguintes critérios de avaliação da Monografia:

- I - Clareza e objetividade do texto;

- II - Domínio do assunto;
- III - Pertinência e eficácia dos métodos empregados;
- IV - Qualidade das evidências apresentadas;
- V - Lógica e relevância das conclusões obtidas;
- VI - Abrangência e relevância da bibliografia consultada.

Parágrafo único – A Banca Examinadora pode acrescentar outros critérios além dos especificados neste Artigo, de acordo com o assunto e tipo de trabalho em julgamento.

Art. 13º – O aluno será considerado aprovado pela Banca Examinadora, quando obtiver nota média igual ou superior a 7,0 (sete) pontos, conforme o que estabelece o artigo 13º da Resolução 043/95 do CEPEX/UFPI.

Art. 14º – Após a sessão de avaliação e tendo a Monografia sido aprovada, o estudante deve proceder às correções recomendadas pela Banca Examinadora e entregar à Coordenação, a Biblioteca Vilma Chiara do NAP e a Biblioteca Setorial do Centro ou para a Biblioteca Comunitária a versão definitiva, em formato digital (não mais impressos), com capa box para DVD (mesmo sendo em mídia CD) e arquivo em PDF, no prazo de 30 (trinta) dias, para integrar banco de dados.

CAPÍTULO VII

DA ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Art. 15º – A estrutura e apresentação da monografia deverão seguir os padrões acadêmicos da área e estar conforme previsto nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em vigor.

Art. 16º – A monografia poderá ser acompanhada de informações suplementares em formato eletrônico, tais como vídeos, programas, planilhas, mapas, bases de dados, e outros arquivos que complementem o trabalho realizado ou que forem relevantes para a devida avaliação do mesmo.

Parágrafo único – Estes arquivos deverão ser armazenados em um meio durável, como o DVD, e anexados ao texto, devendo estar listados no sumário.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 17º – Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação do Curso de Arqueologia, seguindo deliberação do Colegiado do Curso, devendo ser observadas as normas e regulamentos da UFPI e as disposições legais vigentes.

Art. 18º – Este Regulamento entrará em vigência no período letivo seguinte ao de sua aprovação.

Teresina, 28 de Junho de 2018.

ANEXO A: PORTARIAS DO COLEGIADO E NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)



Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

PORTARIA PREG/UFPI Nº 008, DE 15 DE MARÇO DE 2022

Designar composição docente de Núcleo Docente Estruturante.

A PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, e considerando:

- o que estabelece a resolução Nº 278/11 - CEPEX; e
- o memo nº 22/2022 - CACAR/CCN, de 07/03/2022;

RESOLVE:

Art.1º Designar a composição, do **Núcleo Docente Estruturante – NDE**, do Curso de **BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE**, do Centro de Ciências da Natureza - **CCN**, do Câmpus Ministro Petrônio Portella - **CMPP**, desta Universidade, com mandato de **02** (dois) anos, da forma que se segue:

DOCENTE	CONDIÇÃO	MANDATO
JÓINA FREITAS BORGES	NATO	Período de vigência da função
ÂNGELO ALVES CORRÊA	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024
ANA LUISA MENESES LAGE NASCIMENTO	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024
CLAUDIA MINERVINA SOUZA CUNHA	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024
SÔNIA MARIA CAMPELO MAGALHÃES	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024
MARIA DO AMPARO ALVES DE CARVALHO	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024
ELAINE IGNÁCIO	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024
FERNANDA CODEVILLA SOARES	MEMBRO	31/01/2022 a 31/12/2024

Art. 2º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, justificada a urgência pela excepcionalidade da atividade administrativa, no contexto da calamidade pública decorrente da pandemia pela COVID-19.

Teresina, 15 de março de 2022.


 ANA BEATRIZ SOUSA GOMES
 Pró-Reitora de Ensino de Graduação



Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
PORTARIA PREG/UFPI Nº 74, DE 18 DE OUTUBRO DE 2022
Atualizar composição docente de Núcleo Docente Estruturante.

A **PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, e considerando:

- o que estabelece a resolução Nº 278/11 - CEPEX;
- a Portaria PREG/UFPI nº 08/2022, de 15 de março de 2022; e
- o memo nº 102/2022 - CACAR/CCN, de 14/10/2022;

RESOLVE:

Art.1º Atualizar a composição, do **Núcleo Docente Estruturante – NDE** e retificar a **Portaria PREG/UFPI nº 08/2022**, de 15 de março de 2022, do Curso de **BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE**, do Centro de Ciências da Natureza - **CCN**, do Câmpus Ministro Petrônio Portella - **CMPP**, desta Universidade, com mandato de **02** (dois) anos, da forma que se segue:

DOCENTE	CONDIÇÃO	MANDATO	PORTARIA
JÓINA FREITAS BORGES	NATO	Período de vigência da função	-
ÂNGELO ALVES CORREIA	MEMBRO	31/01/2022 a 30/01/2024	PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022
ANA LUISA MENESES LAGE NASCIMENTO	MEMBRO	31/01/2022 a 30/01/2024	PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022
SÔNIA MARIA CAMPELO MAGALHÃES	MEMBRO	31/01/2022 a 30/01/2024	PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022
MARIA DO AMPARO ALVES DE CARVALHO	MEMBRO	31/01/2022 a 30/01/2024	PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022
ELAINE IGNÁCIO	MEMBRO	31/01/2022 a 30/01/2024	PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022
FERNANDA CODEVILLA SOARES	MEMBRO	31/01/2022 a 30/01/2024	PORTARIA PREG/UFPI Nº 08/2022, DE 15 DE MARÇO DE 2022
VINÍCIUS MELQUIADES DOS SANTOS	MEMBRO	14/10/2022 a 13/10/2024	-

Art. 2º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação justificada a urgência pela excepcionalidade da atividade administrativa institucional, conforme parágrafo único do Art. 4º do Decreto 10.139/2019.

Teresina, 18 de outubro de 2022.



ANA BEATRIZ SOUSA GOMES
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

2

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil; CEP 64049-550
Telefones: (86) 3215-5511/3215-5513/215-5516; Fax (86) 3237-1812/3237-1216;
Internet: www.ufpi.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDÊNCIA
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil; CEP
64049-550 Telefones: (86)
3215-5525/3215-5526

E-mail: assessoriaufpi@gmail.com ou comunicacao@ufpi.edu.br

BOLETIM DE SERVIÇO

Nº 670 - junho/2023
Portaria - Nº 32/2023
(CCN/UFPI)

Teresina, 22 de junho de 2023



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

PORTARIA Nº 36 / 2023 - CCN (11.00.24)

Nº do Protocolo: 23111.031562/2023-25

Teresina-PI, 21 de Junho de 2023

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências da Natureza**

PORTARIA CCN/UFPI Nº 32/2023, DE 21 DE JUNHO DE 2023*

O Diretor do Centro de Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella/Teresina-PI, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, delegadas por meio do Ato da Reitoria Nº 290/2021, de 10 de março de 2021 e considerando: - A Portaria nº 112/2018-PREG/UFPI e

- O memorando eletrônico nº 56/2023 - CACAR/CCN, de 21/06/2023,

RESOLVE:

Art. 1º Designar a composição do Colegiado do Curso de Bacharelado em Arqueologia, do Centro de Ciências da Natureza (CCN) da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portella/TeresinaPI, na forma que segue.

I - Representantes docentes natos:

-Profª. Jóina Freitas Borges - SIAPE 1535017-

Presidente; -Prof. Ângelo Alves Corrêa - SIAPE 2232128

- Vice-Presidente; **II - Representantes Docentes:**

- Profª. Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento - SIAPE 2266305

- Prof. Flávio Rizzi Calippo - SIAPE 1861182

- Profª. Claudia Minervina Souza Cunha - SIAPE 3038714

-Profª. Elaine Ignácio - SIAPE 1467417

-Prof. Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre - SIAPE 2297796

-Prof. Juan Carlos Cisneros Mar nez - SIAPE 1785324

-Prof. Luis Carlos Duarte Cavalcante - SIAPE 1656914

-Profª. Maria do Amparo Alves de Carvalho - SIAPE 2153338

-Profª. Sônia Maria Campêlo Magalhães - SIAPE 23455

- Profª. Fernanda Codevilla Soares - SIAPE 1222853

- Prof. Vinícius Melquíades dos Santos - SIAPE 1106129

III - Representantes Docentes do Departamento de Morfologia/CCS:

- Prof. Leonardo Borges Ferro - SIAPE 1550495 - tular- Prof. Aglaísio Borges Leal - SIAPE 423600 - suplente **IV - Representantes Discentes:**
- Evlem Lorena Silva de Oliveira - matrícula 20209033618 - tular
- Hudna Aléxia Lima Sousa - matrícula 20209030741 - suplente

Art. 2º Revogar a Portaria CCN/UFPI n.º 33/2022, de 14 de outubro de 2022.

Art. 3º Esta portaria entrará em vigor na data da sua publicação, conforme disposto no Parágrafo único, do artigo 4º, do Decreto nº 10.139/2019, da Presidência da República.

Cer fique-se. Publique-se. Cumpra-se.

*Numeração sequencial de portarias do CCN - 2023.

(Assinado digitalmente em 21/06/2023 21:35)

EDMILSON MIRANDA DE MOURA

DIRETOR

Matrícula: 2363808

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://www.sipac.ufpi.br/documentos/> informando seu número, ano, tipo, data de emissão e o código de verificação: **54b71b0fd4**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil; CEP

64049-550 Telefones: (86)

3215-5525/3215-5526

E-mail: assessoriaufpi@gmail.com ou comunicacao@ufpi.edu.br

BOLETIM DE SERVIÇO

N.º 965 - Setembro/2023 Portaria N.º 41/2023
(CCN/UFPI)

Teresina, 01 de Setembro de 2023



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

PORTARIA Nº 45 / 2023 - CCN (11.00.24)

Nº do Protocolo: 23111.043542/2023-60

Teresina-PI, 31 de Agosto de 2023

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências da Natureza**

PORTARIA CCN/UFPI Nº 41/2023, DE 31 DE AGOSTO DE 2023*

O Diretor do Centro de Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella/Teresina-PI, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, delegadas por meio do Ato da Reitoria Nº 290/2021, de 10 de março de 2021 e considerando a Portaria PREG/UFPI nº 97/2018, de 26 de junho de 2023 e o memorando eletrônico nº 75/2023 - CACAR/CCN, de 31/08/2023,

RESOLVE:

Art. 1º Designar a composição do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Bacharelado em Arqueologia, do Centro de Ciências da Natureza (CCN) da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portella/Teresina-PI, para mandato de 02 (dois) anos, a partir de 31/08/2023, na forma que segue.

I - Membro docente nato:

Prof.ª Dr.ª Jóina Freitas Borges - SIAPE 1535017 II -

Membros docentes:

Prof. Dr. Vinícius Melquiades dos Santos - SIAPE 1106129

Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Campelo Magalhães - SIAPE 423455

Prof.ª Dr.ª Maria do Amparo Alves de Carvalho - SIAPE 2153338

Prof.ª Dr.ª Ana Luisa Meneses Lage Nascimento - SIAPE 2266305

Prof. Dr. Ângelo Alves Correia - SIAPE 2232128

Prof. Dr. Gregoire Andre Henri Marie Ghislain Van Havre - SIAPE 2297796

Art. 2º Esta portaria entrará em vigor na data da sua publicação, conforme disposto no Parágrafo único, do artigo 4º, do Decreto nº 10.139/2019, da Presidência da República.

Cerfique-se. Publique-se. Cumpra-se.

*Numeração sequencial de portarias do CCN - 2023.

(Assinado digitalmente em 01/09/2023 12:06)

EDMILSON MIRANDA DE MOURA

DIRETOR

Matrícula: 2363808

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://www.sipac.ufpi.br/documentos/> informando seu número, ano, tipo, data de emissão e o código de verificação: **5da0544a9e**

ANEXO B - ATAS DE APROVAÇÃO DO PPC (COLEGIADO E NDE)

sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

ATA DE REUNIÃO Nº 11 / 2023 - CACAR/CCN (11.00.24.11)

Nº do Protocolo: 23111.058738/2023-78

Teresina-PI, 27 de Novembro de 2023

ATA DE REUNIÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE - NDE

Às dez horas e trinta minutos da manhã do dia vinte e dois de novembro de dois mil e vinte e três, realizou-se a **Reunião do NDE**, em modo remoto, pelo link: <https://meet.google.com/vnq-wxvx-quz>. Estiveram presentes, compondo o quórum da referida reunião: Prof.^a Dr.^a Jóina Freitas Borges, Prof.^o Dr. Vinícius Melquiades dos Santos, Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Campelo Magalhães, Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Meneses Lage Nascimento, Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa, Prof. Dr. Grégoire van Havre. Após a saudação da Prof.^a Jóina a reunião foi iniciada e passou-se a deliberar sobre a seguinte **ORDEM DO DIA: 1. Aprovação da nova formatação do PPC 2024:** A prof. Jóina iniciou explanando sobre a aprovação do PPC anteriormente, inclusive pela CAMEN, mas do retorno do mesmo pela CDAC, visto que, depois de deliberação interna, entenderam que o mesmo teria que passar pela reunião do CEPEX; após vários meses de idas e vindas junto à CDAC, somente no mês de setembro que a senhora Djanira passou um “modelo” de PPC (*template*), segundo o qual o nosso deveria se adequar. O prof. Ângelo iniciou a formatação do PPC, e adiantou o documento, porém, frente às demandas da visitação do MEC, só agora a formatação no novo modelo foi concluída. A professora Jóina também informou que solicitou à CDAC, através de despacho no processo, que informassem todas as correções que deveriam ser realizadas para evitar mais idas e vindas do processo, ao que foi respondida com um despacho que enumerou apenas questões de formatação. Após esta explanação, o novo documento foi apresentado ao NDE, para deliberação, correções e sugestões, as quais foram sendo realizadas conforme a apresentação. Ficou faltando determinar os eixos temáticos da extensão, porém, devido o adiantado da hora, a prof.^a Jóina sugeriu falar com a professora Elaine e assim terminar esta pendência na reunião antes da Assembleia Extraordinária convocada para aprovação da nova formatação do PPC (24/11/2023). Nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada às doze horas do dia vinte e dois de novembro de dois mil e vinte e três, e para constar, redigiu-se a presente ATA, que se aprovada, será assinada por todos os membros presentes à reunião.

27/11/2023, 17:54

sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599981

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

Matricula: 2297796

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:59)

ANA LUISA MENESES LAGE DO
NASCIMENTO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

Matricula: 2266305

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 14:14)

ANGELO ALVES CORREA

COORDENADOR DE CURSO

Matricula: 2232128

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:26)

GREGOIRE ANDRE HENRI MARIE
GHISLAIN VAN HAVRE

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:54)

JOINA FREITAS BORGES

COORDENADOR DE CURSO

Matricula: 1535017

https://www.sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599981

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:24)

SONIA MARIA CAMPELO MAGALHAES

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

Matricula: 423455

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 13:05)

VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

Matricula: 1106129

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://www.sipac.ufpi.br/documentos/> informando seu número, ano, tipo, data de emissão e o código de verificação: **b70bf04810**

https://www.sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

ATA DE REUNIÃO Nº 12 / 2023 - CACAR/CCN (11.00.24.11)

Nº do Protocolo: 23111.058741/2023-94

Teresina-PI, 27 de Novembro de 2023

ATA DE REUNIÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE - NDE

As nove horas e trinta minutos da manhã do dia vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte e três, realizou-se a Reunião do NDE, em modo remoto. Estiveram presentes, compondo o quórum da referida reunião: Prof.^a Dr.^a Jóina Freitas Borges, Prof.^o Dr. Vinícius Melquiades dos Santos, Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Campelo Magalhães, Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Meneses Lage Nascimento, com a participação da Prof.^a MSC Elaine Ignácio. Após saudação inicial da Prof.^a Jóina a reunião foi iniciada e passou-se a deliberar sobre a seguinte ORDEM DO DIA:

Finalização da formatação do texto do PPC 2024 com acréscimo da sugestão de criação do Núcleo de Extensão e dos eixos temáticos de extensão, a partir da proposição da professora Elaine Ignácio (coordenadora de extensão do Curso de Arqueologia). Nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada às dez horas e trinta minutos do dia vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte e três, e para constar, redigiu-se a presente ATA, que se aprovada, será assinada por todos os membros presentes à reunião.

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:59)

ANA LUISA MENESES LAGE DO
NASCIMENTO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 2266305

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:56)

JOINA FREITAS BORGES
COORDENADOR DE CURSO
Matrícula: 1535017

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:23)

SONIA MARIA CAMPELO MAGALHÃES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

Matrícula: 423455

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 13:05)

VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

Matrícula: 1106129

Para verificar a autenticidade deste documento entre em [bups://www.sipag:Úpi.br/documentos/](https://www.sipag.ufpi.br/documentos/) informando seu número, ano, tipo, data de emissão e o código de verificação: a6fac45043

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:59)
**ANA LUISA MENESES LAGE DO
NASCIMENTO**
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 2266305

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 14:14)
ANGELO ALVES CORREA
COORDENADOR DE CURSO
Matrícula: 2232128

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:26)
**GREGOIRE ANDRE HENRI MARIE
GHISLAIN VAN HAVRE**

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:54)
JOINA FREITAS BORGES
COORDENADOR DE CURSO
Matrícula: 1535017

https://www.sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599981

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:24)
SONIA MARIA CAMPELO MAGALHAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 423455

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 13:05)
VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1106129

https://www.sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599986

1/1

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://www.sipac.ufpi.br/documentos/> informando seu número, ano, tipo, data de emissão e o código de verificação: **b70bf04810**

https://www.sipac.ufpi.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=2599981



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

ATANº 4 / 2023 - CACAR/CCN (11.00.24.11)

Nº do Protocolo: 23111.058746/2023-56

Teresina-PI, 27 de Novembro de 2023

**ATA DA 32ª ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ARQUEOLOGIA**

Às dez horas e trinta minutos da manhã do dia vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte e três, realizou-se a 32ª Assembleia Extraordinária do Curso De Graduação Em Arqueologia, por modo remoto no Link: <https://meet.google.com/wnb-nzpt-tkt>. Estiveram presentes, compondo o quórum da referida reunião: Prof.^a Dr.^a Jóina Freitas Borges, Prof.^a Dr.^a Ana Luísa Meneses Lage Nascimento, Prof. Dr. Gregoire van Havre, Prof. Dr. Vinícius Melquíades dos Santos, Prof. Dr. Luís Carlos Duarte Cavalcante; Prof.^a Dr.^a Fernanda Codevilla Soares; Prof.^a MSC Elaine Ignácio; Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Campelo Magalhães, Prof. Dr. Juan Carlos Cisneros, a representante discente Hudna Aléxia Lima Sousa. Em licença pós-doc o Prof. Dr. Flávio Rizzi Calippo e em licença capacitação a Prof.^a Claudia Minervina Cunha. O Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa e a Prof.^a Maria do Amparo justificaram suas ausências. Após a saudação inicial, a Prof.^a Jóina iniciou a reunião, com apreciação da **ORDEM DO DIA: 1. Aprovação da nova formatação do PPC 2024:** A Prof. Jóina explicou que em virtude da correção da carga horária de extensão foi necessária a formulação de um novo PPC, e que o mesmo fora formatado de acordo com o modelo (*template*) que foi enviado pela CDAC. A prof.^a Jóina, então, junto com alguns membros do NDE, apresentaram uma a uma as alterações realizadas, diretamente no arquivo do drive da coordenação, que foi previamente disponibilizado (por meio de e-mail no dia 16/11/2023) a todos os membros do Colegiado, a fim de analisarem mais atentamente o texto do documento. A partir da exposição, as dúvidas e correções foram sendo realizadas pela Assembleia e, sendo concluídas, o PPC foi aprovado por unanimidade por todos os presentes. Nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada às doze horas do dia vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte e três, e para constar, redigiu-se a presente ATA, que se aprovada, será assinada por todos os membros presentes a reunião.

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 13:00)

**ANA LUISA MENESES LAGE DO
NASCIMENTO**
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 2266305

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 14:02)

ELAINE IGNACIO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1467417

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:38)
FERNANDA CODEVILLA SOARES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1222853

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:58)
GREGOIRE ANDRE HENRI MARIE
GHISLAIN VAN HAVRE
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 2297796

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 20:02)
JOINA FREITAS BORGES
COORDENADOR DE CURSO
Matrícula: 1535017

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 12:47)
JUAN CARLOS CISNEROS MARTINEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1785324

(Não Assinado)
LUIS CARLOS DUARTE CAVALCANTE
Matrícula: 1656914

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 17:22)
SONIA MARIA CAMPELO MAGALHAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 423455

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 13:04)
VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1106129

(Assinado digitalmente em 27/11/2023 19:53)
HUDNA ALEXIA LIMA SOUSA
Matrícula: 20209030741

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://www.sipac.ufpi.br/documentos/> informando seu número, ano, tipo, data de emissão e o código de verificação: **68c82aa32a**

